



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS  
PROFESSOR MILTON SANTOS**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A UNIVERSIDADE**

**ANA LÚCIA DA SILVA ALBANO**

**ENSINO DE ANATOMIA NA EDUCAÇÃO MÉDICA DO  
SÉCULO XIX: DA ESCOLA DE CIRURGIA À  
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA  
(1808-1861)**

**SALVADOR  
2024**

**ANA LÚCIA DA SILVA ALBANO**

**ENSINO DE ANATOMIA NA EDUCAÇÃO MÉDICA DO  
SÉCULO XIX: DA ESCOLA DE CIRURGIA À  
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA  
(1808-1861)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade. Linha de pesquisa 1: Políticas Públicas, Cultura, Gestão e Bases Históricas e Conceituais da Universidade

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Nunes Dourado Rocha  
**Coorientadora:** Prof. Dra. Carmen Fontes Teixeira

**SALVADOR  
2024**

**Ficha catalográfica**  
Bibliotheca Gonçalo Moniz  
Sistema Universitário de Bibliotecas  
Universidade Federal da Bahia

Albano, Ana Lúcia.

A326            Ensino de anatomia na educação médica do século XIX: da Escola de Cirurgia à Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1861) / Ana Lúcia da Silva Albano. – Salvador, 2024.

119 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Nunes Dourado Rocha.

Coorientadora: Prof. Dra. Carmen Fontes Teixeira.

Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2024.

1. Anatomia - Estudo e ensino - História. 2. Educação médica - Bahia - História. 3. Faculdade de Medicina da Bahia - História. I. Rocha, Marcelo Nunes Dourado. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. III. Título.

CDU (2007): 616(09)(813.8)

Elaboração (Resolução CFB nº 184/2017):  
Ana Lúcia Albano, CRB-5/1784

ANA LUCIA DA SILVA ALBANO

**ENSINO DE ANATOMIA NA EDUCAÇÃO MÉDICA DO SÉCULO XIX: DA ESCOLA DE CIRURGIA À FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada, em 09 de dezembro de 2024.

Documento assinado digitalmente  
 **FLAVIA GOULART MOTA GARCIA ROSA**  
Data: 12/12/2024 15:45:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

F

Documento assinado digitalmente  
 **FLAVIO COELHO EDLER**  
Data: 13/12/2024 12:17:51-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Flavio Coelho Edler (FIOCRUZ)



Documento assinado digitalmente  
 **TELMA SUMIE MASUKO**  
Data: 17/12/2024 04:30:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Telma Sumie Masuko (UFBA)

*Para o meu Eu de trinta e quatro anos atrás, cuja maturidade me trouxe até aqui.*

*Este lugar é um ministério, [...], um santuário. Cada livro, cada volume que você vê, tem alma. A alma de quem o escreveu e a alma dos que o leram, que viveram e sonharam com ele.*

*Cada vez que um livro troca de mãos, cada vez que alguém passa os olhos pelas suas páginas, seu espírito se expande e a pessoa se fortalece.*

Carlos Ruiz Zafón

*Para a Bibliotheca Gonçalo Moniz e seu acervo de almas encantadas.*

## AGRADECIMENTOS

Minhas primeiras palavras de agradecimento dedico aos meus orientadores, os professores Marcelo Dourado Rocha (São Marcelo Dourado) e Carmen Fontes Teixeira (Carmencita), pela orientação sempre competente e paciente.

Agradeço às professoras Flavia Goulart Garcia Rosa e Maria Thereza Ávila Dantas Coelho, do PPGEISU, pelas conversas e orientações na jornada do mestrado, na qual toda ajuda é bem-vinda.

Gratidão aos professores convidados a fazer parte da banca de avaliação deste trabalho, que não titubearam em aceitar o convite: Prof. Flávio Edler, Prof. Ronaldo Jacobina, Prof<sup>ª</sup>. Telma Masuko e, novamente, Prof<sup>ª</sup>. Flávia Goulart Mota Garcia Rosa, que por isso recebe o dobro de agradecimento.

Agradecimento mais do que especial à equipe da Bibliotheca Gonçalo Moniz, nas pessoas de José Paulino da Silva e Irlane Lopes de Amorim, meus dois braços direitos, sem os quais eu dificilmente chegaria ao final deste trabalho.

Meus agradecimentos também ao diretor e ao vice-diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, Prof. Antonio Alberto Lopes e Prof. Eduardo Reis, respectivamente, pela compreensão e apoio durante a reta final da escrita da dissertação.

Aos colegas da Faculdade de Medicina da Bahia, com carinho a Luis Bispo (Luisito) e Josias Sena (Jojô Parola), pelos momentos de respiro. Em especial, agradeço a terapeuta ocupacional e professora da FMB Ana Márcia Duarte que, em meio ao caos que uma pesquisa tem o potencial de promover nas nossas vidas, tentou me guiar em meio a loucura da rotina de conciliar trabalho e estudos.

Meus sinceros agradecimentos a todos!!

*[...] não haveis de deixar perder ocasião alguma de adquirir, saber fonte verdadeira de independencia, unico bem, alem da saude, a que o homem deve aspirar na sociedade.*

Jonathas Abbott

*O homem, meus Srs., ri-se, e folga com as dificuldades: conquistas fáceis não merecem os seus louvores: as dificuldades são os incentivos da sua energia.*

Jonathas Abbott

## RESUMO

O ensino médico no Brasil teve início, oficialmente, em 1808 com a chegada da família real portuguesa e a criação, na Cidade do Salvador, da Escola de Cirurgia da Bahia em 18 de fevereiro de 1808, instalada no Hospital Real Militar. A Escola foi criada por Carta Régia a partir da solicitação feita pelo Dr. Joze Correa Picanço, cirurgião da Real Câmara. Nas décadas seguintes, o curso de cirurgia instalado na Bahia passou por significativas mudanças estruturais, tendo vivenciado seis arquiteturas acadêmicas ao longo do século XIX, adquirindo novas denominações de Academia Médico-Cirúrgica da Bahia (ou Colégio Médico-Cirúrgico), depois Faculdade de Medicina da Bahia, mas com o ensino de anatomia presente desde os primórdios do curso médico. Neste sentido, a pesquisa teve por objetivo geral compreender, através da análise de documentação institucional, o processo de ensino dos conhecimentos de anatomia no curso médico da Bahia. Para tanto, foi definido um recorte temporal entre 1808 e 1861, cobrindo desde a criação do curso até a aposentadoria de Jonathas Abbott, que regeu a cátedra de Anatomia Descritiva na FMB por 36 anos. Como metodologia, foi utilizada a pesquisa documental, fazendo o uso de 34 fontes primárias, entre documentos institucionais e registros individuais produzidos por professores e alunos. O marco teórico do estudo foi baseado no trabalho de García (1972), a partir do qual estabelecemos categorias para a análise das fontes: a) estrutura do processo de ensino-aprendizagem; b) agentes das práticas de ensino; c) processo de ensino-aprendizagem; d) finalidade do processo de ensino-aprendizagem. Os resultados e sua análise apontam para uma influência francesa no ensino de anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia neste período através da atuação de Jonathas Abbott que, apesar de oriundo do Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, fez especialização na Europa, notadamente na França, e foi responsável por sistematizar e implementar uma metodologia de estudo/ensino baseada na dissecação de cadáveres como meio principal para a obtenção dos conhecimentos anatômicos. Essa formação influenciou Abbott diretamente na definição dos conteúdos específicos e na escolha dos métodos utilizados nas aulas de anatomia, assim como na finalidade do ensino almejada por ele no âmbito da cátedra. Os resultados evidenciam ainda a dinâmica das atividades voltadas para o ensino-aprendizagem de anatomia, como a indicação de pessoal (professores catedráticos, substitutos e preparadores), aquisição de instrumentos de ensino o estabelecimento e manutenção de espaços de aulas práticas e teóricas.

**Palavras-chave:** anatomia - estudo e ensino – história; educação médica - Bahia – história; Faculdade de Medicina da Bahia – história.

## ABSTRACT

Medical education in Brazil officially began in 1808 with the arrival of the Portuguese royal family and the creation, in the city of Salvador, of the Bahia School of Surgery on February 18, 1808, installed at the Royal Military Hospital. The School was created by Royal Charter following a request made by Dr. Joze Correa Picanço, surgeon at the Royal Chamber. In the following decades, the surgery course installed in Bahia underwent significant structural changes, having experienced six academic architectures throughout the 19th century, acquiring new names: Academia Médico-Cirúrgica da Bahia (or Colégio Médico-Cirúrgico), later Faculty of Medicine of Bahia, but with the teaching of anatomy present since the beginning of the medical course. In this sense, the research had the general objective of understanding, through the analysis of institutional documentation, the process of teaching anatomy knowledge in the medical course in Bahia. To this end, a time frame was defined between 1808 and 1861, covering from the creation of the course to the retirement of Jonathas Abbott, who held the chair of Descriptive Anatomy at the FMB for 36 years. As a methodology, documentary research was used, using 34 primary sources, including institutional documents and individual records produced by teachers and students. The theoretical framework of the study was based on the work of García (1972), from which we established categories for the analysis of sources: a) structure of the teaching-learning process; b) agents of teaching practices; c) teaching-learning process; d) purpose of the teaching-learning process. The results and their analysis point to a French influence in the teaching of anatomy at the Faculty of Medicine of Bahia in this period through the work of Jonathas Abbott who, despite coming from the Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, specialized in Europe, notably in France, and was responsible for systematizing and implementing a study/teaching methodology based on the dissection of cadavers as the main means of obtaining anatomical knowledge. This training directly influenced Abbott in the definition of specific content and the choice of methods used in anatomy classes, as well as in the teaching purpose sought by him within the scope of the chair. The results also highlight the dynamics of activities aimed at teaching and learning anatomy, such as appointing staff (full professors, substitutes and trainers), acquiring teaching instruments and establishing and maintaining spaces for practical and theoretical classes.

**Keywords:** anatomy - study and teaching; medical education - Bahia – history; Faculty of Medicine of Bahia - history.

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	11
	<b>CAPÍTULO: FONTES HISTÓRICAS SOBRE O ENSINO DE ANATOMIA NA BAHIA: O ACERVO DO MEMORIAL DA MEDICINA BRASILEIRA..</b>	13
	<b>DISSERTAÇÃO: ENSINO DE ANATOMIA NA EDUCAÇÃO MÉDICA DO SÉCULO XIX: DA ESCOLA DE CIRURGIA À FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (1808-1861).....</b>	34
1	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	35
2	<b>CONHECIMENTOS ANATÔMICOS E ENSINO MÉDICO: BREVE REVISÃO.....</b>	37
3	<b>QUESTÕES DA INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS.....</b>	41
4	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	42
4.1	MARCO TEÓRICO.....	42
4.2	IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DAS FONTES.....	44
4.3	PLANO DE ANÁLISE DO ENSINO DE ANATOMIA NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.....	45
5	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	48
5.1	ESTRUTURA DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	48
5.2	AGENTES DAS PRÁTICAS DE ENSINO.....	57
5.2.1	<b>Mecanismos de ingresso de discentes no curso médico.....</b>	57
5.2.2	<b>A docência na Faculdade de Medicina da Bahia.....</b>	60
5.2.2.1	<i>Mecanismos de ingresso de docentes na FMB.....</i>	61
5.2.2.2	<i>Lentes Catedráticos e Substitutos na cadeira de Anatomia Descritiva.....</i>	63
5.2.2.3	<i>Preparadores e auxiliares no ensino de Anatomia Descritiva.....</i>	68
5.3	PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ANATOMIA NA FMB.....	70
5.3.1	<b>Conteúdos.....</b>	71
5.3.2	<b>Metodologia de ensino.....</b>	75
5.3.3	<b>Meios materiais/instrumentos ou tecnologias de ensino.....</b>	79
5.3.3.1	<i>Corpos humanos/Peças anatômicas.....</i>	81
5.3.3.2	<i>Utensílios/Equipamentos.....</i>	83
5.3.3.3	<i>Anatomia artificial/Modelos anatômicos.....</i>	84
5.3.3.4	<i>Livros.....</i>	87
5.3.4	<b>Cenário das práticas.....</b>	90
5.3.5	<b>Avaliação.....</b>	93
5.4	FINALIDADE DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ANATOMIA NO CURSO MÉDICO DA FMB.....	97
5.4.1	<b>“A Anatomia é o <i>sine qua non</i> da Medicina toda”.....</b>	97
5.4.2	<b>“O médico anatomista”.....</b>	99
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	102
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	104

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho é produto de uma longa pesquisa desenvolvida no âmbito de Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU), no âmbito da Linha de Pesquisa 1 - Políticas Públicas, Cultura, Gestão e Bases Históricas e Conceituais da Universidade, sobre o processo de ensino-aprendizagem dos conhecimentos de anatomia descritiva na Faculdade de Medicina da Bahia no período do século XIX. Investigar essa temática significa compreender um pouco das raízes históricas do ensino de conhecimentos que viriam a compor, no século XX, as chamadas ciências básicas na formação em saúde, ao mesmo tempo em que busca trazer à luz aspectos ainda pouco explorados das atividades acadêmicas desenvolvidas na primeira instituição de ensino superior do país.

O interesse pelo tema surgiu a partir das atividades desempenhadas como Bibliotecária na Bibliotheca Gonçalo Moniz – Memória da Saúde Brasileira, da Faculdade de Medicina da Bahia, a mais antiga biblioteca da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que completou 192 anos em 2024. A compreensão deste acervo, em sua multiplicidade, como a memória impressa da produção intelectual e da atuação da Faculdade de Medicina da Bahia e da UFBA, nos impulsiona cotidianamente à pesquisa sobre essas instituições e sua relevância histórica, social e cultural. Compreender o processo de ensino numa instituição é compreender os mecanismos de produção e circulação do conhecimento, sendo esta uma das formas de se conhecer os processos de formação do seu acervo. Por que este livro e não outro? Por que este autor e não aquele outro? Pesquisas dessa natureza, numa instituição com mais de dois séculos de existência como a Faculdade de Medicina da Bahia, detentora do maior e mais significativo acervo sobre a história das ciências na Bahia, se tornam subsídio para a identificação, avaliação e valorização de livros raros e coleções especiais como patrimônio bibliográfico e patrimônio histórico e cultural de uma sociedade.

Como produto acadêmico, este trabalho está estruturado em duas partes. Na primeira, trazemos o capítulo intitulado *Fontes históricas sobre o ensino de Anatomia na Bahia: o acervo do Memorial da Medicina Brasileira*, produzido para o volume 3 da coletânea organizada pelo PPGEISU, intitulada *Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade*, em processo de publicação pela Editora da Universidade Federal da Bahia. No capítulo apresentamos fontes históricas sobre o ensino de anatomia existentes no acervo do Memorial da Medicina Brasileira, mantido pela Faculdade de Medicina da Bahia, buscando discutir o contexto de produção desses documentos, sujeitos envolvidos e possíveis silenciamentos, além de elementos de sua estrutura/organização, informações que cada um pode fornecer e espaços de guarda na FMB. Nesse estudo, foram selecionadas quatro fontes, de acordo com a sua relevância para a temática

da pesquisa que desenvolvemos: *Atas da Congregação, Memórias Históricas, Discursos* de Jonathas Abbott e *Teses Acadêmicas*.

Na segunda parte desse trabalho, trazemos a dissertação com os resultados da investigação sobre o ensino de anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX. A introdução contextualiza o tema e apresenta a pergunta de pesquisa e os objetivos que guiaram a produção e análise de dados, seguida da descrição dos aspectos teórico adotados como referencial e a metodologia utilizada. Os resultados alcançados, dispostos a seguir, estão organizados da seguinte forma: no item “estrutura do ensino-aprendizagem”, analisamos e discutimos as reformas curriculares pelas quais passou a Faculdade de Medicina da Bahia no período histórico que delimitamos para esta pesquisa, indicando informações sobre disciplinas e carga horária de anatomia descritiva no curso médico; em “agentes das práticas de ensino” trazemos as informações encontradas sobre professores catedráticos, substitutos, preparadores e pessoal auxiliar envolvidos nas atividades de ensino, assim como informações sobre os mecanismos de ingresso de professores na FMB e de estudantes no curso de medicina; na seção “processo de ensino-aprendizagem” analisamos e discutimos as informações específicas sobre os conteúdos do ensino de anatomia, metodologia, meios e instrumentos de ensino utilizados, cenários das práticas e atividades de ensino, além do processo avaliativo dos estudantes; no item “finalidade do processo de ensino-aprendizagem” apresentamos e discutimos os propósitos e valores que nortearam a formação de estudantes de anatomia na perspectiva de Jonathas Abbott, professor mais longevo da cátedra de anatomia descritiva na FMB. Por último apresentamos nossas considerações finais acerca do trabalho realizado e as referências e documentos acessados no processo da pesquisa. Cabe destacar que este trabalho fez uso de fontes históricas impressas e manuscritas produzidas no século XIX e que, portanto, nas citações extraídas desses textos foi respeitada a grafia original apresentada no documento. As exceções, quando transcritas para o português atual, são indicadas em nota ao pé da página.

## **CAPÍTULO**

**FONTES HISTÓRICAS SOBRE O ENSINO DE ANATOMIA NA BAHIA:  
O ACERVO DO MEMORIAL DA MEDICINA BRASILEIRA**

## **Fontes históricas sobre o ensino de Anatomia na Bahia: o acervo do Memorial da Medicina Brasileira**

Ana Lúcia Albano  
Marcelo Dourado Rocha  
Carmen Fontes Teixeira

### **Introdução**

A introdução do ensino médico em terras brasileiras se deu no contexto da vinda da família real portuguesa, quando D. João, então príncipe regente de Portugal, chegou ao país fugindo das perseguições de Napoleão Bonaparte na Europa, desembarcando primeiramente na Bahia e seguindo depois para o Rio de Janeiro. Na cidade do Salvador, criou a Escola de Cirurgia da Bahia, em 18 de fevereiro de 1808, instalada no Hospital Real Militar, que ocupava o prédio do antigo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus.

A Escola foi criada por Carta Régia a partir da solicitação feita pelo Dr. Jozé Correa Picanço, cirurgião da Real Câmara e lente jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Inicialmente, o curso tinha a duração de quatro anos e era composto pelas cadeiras de *Anatomia e Operações Cirúrgicas* e *Cirurgia Especulativa e Prática* (Britto, 2002; Nava, 2003). Dessa forma, a disciplina de *Anatomia* esteve presente desde os primórdios dos cursos médicos do Brasil, porquanto constitui a base para o conhecimento do corpo humano, suas estruturas e sistemas, ponto de partida para o aprendizado dos conhecimentos necessários ao exercício da prática médica, especialmente a cirurgia (Nogueira, 2007).

Contudo, o processo de incorporação e ensino dos conhecimentos anatômicos nos cursos médicos brasileiros do século XIX ainda é pouco estudado, conforme Talomoni (2012), que destaca a ausência de pesquisas sobre o assunto e observa a existência de dados esparsos em abordagens históricas resumidas produzidas como textos introdutórios ou complementares a outras temáticas. Nessa perspectiva, cabe voltar o olhar para as fontes históricas primárias para se conhecer mais sobre os primórdios do ensino de anatomia no Brasil. Assim, o objetivo desse estudo é apresentar fontes sobre o ensino de anatomia existentes no acervo do Memorial da Medicina Brasileira (MMB), como parte dos estudos sobre Educação Médica no Brasil, desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU), especialmente na linha de pesquisa sobre Formação de pessoal em saúde.

## Os acervos da Faculdade Medicina da Bahia e seus espaços de guarda

Em sua imponente sede, localizada no Terreiro de Jesus, centro antigo da Cidade do Salvador, a Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia (FMB/UFBA) guarda vasto acervo de reconhecida relevância para os estudos em história da saúde no Brasil, tendo em vista o papel de destaque da Instituição na formação de profissionais da área desde o século XIX. O conjunto documental inclui itens arquivísticos, bibliográficos e museológicos que são representativos da memória acadêmica, científica e administrativa da Faculdade, acumulados ao longo de mais de 200 anos de história.

Com o intuito de preservar e divulgar esse patrimônio cultural, a FMB/UFBA mantém o Memorial da Medicina Brasileira, estabelecido por lei federal<sup>1</sup>, que agrega as três unidades de guarda dos acervos da Instituição: a Bibliotheca Gonçalo Moniz (BGM), criada em 1832<sup>2</sup>; o Archivo Histórico Anselmo Pires de Albuquerque (AHAPA), organizado a partir de 1915; e o Memorial de Medicina (MM), instituído em 1982, para as comemorações do sesquicentenário da lei de 3 de outubro de 1832.

A BGM foi criada como uma biblioteca acadêmica para subsidiar as atividades de ensino dos cursos que passaram a existir na FMB a partir desta data, a saber medicina, farmácia e partos. As coleções começaram a ser reunidas ainda no século XIX, por meio de compras e doações de professores e alunos. O conjunto bibliográfico contava com 22 mil volumes até 2 de março de 1905, quando um incêndio de grandes proporções atingiu o prédio da FMB, destruindo as instalações da Bibliotheca e a quase totalidade do acervo. A recomposição das coleções teve início logo nos dias seguintes ao sinistro e uma comissão chefiada pelo professor Gonçalo Moniz Sodré de Aragão (1870-1939) ficou encarregada de gerenciar o processo de aquisição das novas obras, assim como o recebimento das inúmeras doações ofertadas por diversos setores da sociedade baiana da época, de modo que, quando da inauguração do novo prédio, em 1909, a Bibliotheca já dispunha de cerca de 12 mil obras (Albano *et al.*, 2022).

Atualmente a BGM é uma biblioteca histórica, com materiais produzidos até 1960. Suas coleções perfazem cerca de 100 mil volumes<sup>3</sup> de livros, folhetos, periódicos, teses e manuscritos, produzidos no Brasil e no exterior desde 1557. As obras de maior expressão

---

<sup>1</sup>Lei nº. 9.050, de 18 de maio de 1995.

<sup>2</sup>Há controvérsias entre historiadores da FMB sobre a data de criação da Bibliotheca, se 1832 ou 1836. Para saber mais sobre o histórico da BGM ver Albano *et al.* (2022).

<sup>3</sup>A partir de 2010 a Bibliotheca Gonçalo Moniz passou a abrigar substancial quantitativo de materiais, sobretudo periódicos publicados antes de 1960, oriundo das bibliotecas da área de saúde da UFBA, extintas após a reunião desses acervos na recém-inaugurada Biblioteca Universitária de Saúde.

existentes na Bibliotheca são, sem dúvida, as *Teses Acadêmicas* defendidas na FMB desde o século XIX, assim como as *Memórias Históricas*, produzidas a partir de 1854. É destaque do acervo também a coleção de obras raras e especiais, que inclui tratados de cirurgia e de anatomia, publicados na Europa entre os séculos XVI e XIX.

A documentação arquivística da FMB, reunida no AHAPA, remonta ao ano de 1816, quando começaram a ser produzidos os documentos administrativos e acadêmicos do então Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, como os primeiros livros de atas, registro de matrícula, exames dos estudantes e registro de diplomas. Desde o século XIX, a responsabilidade pela guarda de toda a documentação produzida no âmbito da Instituição era da secretaria. Entretanto, a partir de 1915, por intermédio do trabalho desenvolvido pelo amanuense e arquivista Anselmo Pires de Albuquerque, houve uma primeira organização sistemática do acervo documental e o estabelecimento do Arquivo enquanto um setor interno da FMB (Jacobina; Fortuna, 2019). O montante de documentos existentes no AHAPA inclui livros de atas, fotografias, relatórios, correspondências, atos administrativos, registros de matrícula, de exames e de diploma, além de documentos administrativos relacionados à vida funcional de professores e demais funcionários que passaram pela FMB ao longo de sua história.

O Memorial de Medicina foi instituído em 1982, no âmbito das comemorações dos 150 anos da lei de 3 de outubro de 1832, que transformou o Colégio Médico-Cirúrgico em Faculdade de Medicina da Bahia. O objetivo era criar um espaço de memória da medicina baiana no prédio histórico da FMB no Pelourinho, tendo em vista a primazia da Escola de Cirurgia instalada em 1808. Os amplos salões da Sede *Mater* foram reformados para sediar um museu com as coleções de fotopinturas, esculturas e bustos, mobiliários, instrumentos científicos, medalhas, condecorações e flâmulas, elementos identitários da Instituição, reunidos ao longo de sua história. Nesse período foram remontados e organizados ambientes que são bastante característicos da FMB até os dias atuais como o gabinete da diretoria, a sala dos secretários, a sala dos lentes, a sala da congregação e o salão nobre.

As unidades de guarda dos acervos da FMB/UFBA (biblioteca, arquivo e museu) são espaços que foram criados em momentos históricos distintos, com objetivos diferentes e processos próprios de formação e organização de suas coleções. A atual concepção organizacional formulada para o Memorial da Medicina Brasileira, vigente no âmbito da FMB/UFBA desde 2019, busca respeitar a história e as especificidades de cada unidade e, ao mesmo tempo, integrar os acervos arquivístico, bibliográfico e museológico através de ações conjuntas de pesquisa, conservação, organização e divulgação, considerando que os itens sob a

guarda do MMB são complementares e compartilham significados comuns, como partes que são do patrimônio histórico e cultural da FMB.

### **Fontes para a história do ensino de Anatomia no acervo do Memorial da Medicina Brasileira**

No acervo do MMB é possível localizar uma gama de fontes históricas de informação, que se prestam aos mais diversos tipos de estudo. Tendo em vista o ensino de Anatomia na Bahia, as fontes produzidas no âmbito da FMB, espaço de formação médica e de aprendizado de conhecimentos anatômicos desde o século XIX, se tornam documentos importantes para se conhecer o processo de ensino da disciplina.

Entretanto, convém não analisar as fontes históricas de forma isolada, tendo em vista apenas o conjunto de informações inscritas em cada documento, mas sim em seu contexto de produção. De fato, a análise desse tipo de material requer uma compreensão acerca do contexto social e político de sua produção, assim como os sujeitos envolvidos nesse processo, sobretudo quando se trata de fontes institucionais. Assim, saber quem, quando, onde, como e para quê determinado documento foi produzido por vezes se torna tão relevante quanto a informação que ele apresenta, pois estes elementos lhe dão sentido, levando a uma melhor interpretação das fontes e do conjunto de informações contido nelas.

Nessa perspectiva apresentamos as fontes históricas sobre o ensino de Anatomia existentes no acervo do MMB, buscando discutir o contexto de produção destes documentos no âmbito da FMB, enfatizando fatores como controle institucional, sujeitos envolvidos e possíveis silenciamentos, além de elementos de sua estrutura/organização e tipos de informação que cada uma pode fornecer.

#### ***Atas da Congregação***

As atas são documentos redigidos no âmbito das mais diversas instituições com o objetivo de documentar acontecimentos, decisões, discussões, resoluções etc. ocorridos em uma reunião, servindo, por vezes, como registro histórico e fonte de referência para se conhecer o contexto de funcionamento dessas entidades.

No âmbito da FMB, as *Atas* começaram a ser redigidas em 1816, quando do processo de implantação da reforma instituída com a Carta Régia de 1815, que transmutou para a Bahia a reestruturação do ensino médico já em funcionamento na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro desde 1813. Apesar de a Escola de Cirurgia ter sido criada 8 anos antes, não se tem notícia da produção de outros documentos institucionais relacionados à Escola para além da

Carta Régia de 1808 e das Instruções elaboradas pelo Dr. Jozé Correa Picanço (1745-1823)<sup>4</sup> dirigidas aos professores das duas Cadeiras então estabelecidas. É a partir de 1816 que se estabelece a estrutura administrativa do Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia<sup>5</sup>, com o aumento do número de cátedras e do corpo de professores e a nomeação de um primeiro secretário. O Colégio passa então a ocupar a sala das sessões da Santa Casa de Misericórdia para a realização das reuniões e dos exames dos estudantes, tendo início assim o processo de produção dos documentos administrativos e acadêmicos da Instituição (Pereira, 1923).

As *Atas* são um produto das reuniões da Congregação de professores e sua periodicidade de produção acompanha a frequência com que essas reuniões eram realizadas. No século XIX, as reuniões da Congregação aconteciam uma vez a cada mês, considerando-se o início do ano letivo a partir do mês de março. Nos anos iniciais do Colégio Médico-Cirúrgico essa regularidade apresenta algumas exceções como, por exemplo, a ocorrência de duas reuniões num mesmo mês ou meses em que nenhuma reunião acontecia<sup>6</sup>, sendo considerado como critério de realização dos encontros o surgimento de fatos relevantes a serem discutidos, comunicados a serem feitos ou decisões a serem tomadas pelo Colegiado. Posteriormente, esse sistema de reuniões mensais (ordinárias) e reuniões eventuais (extraordinárias) se manteve.

A produção das *Atas* sempre esteve sob a responsabilidade dos secretários<sup>7</sup>, ou de alguém designando para substituí-lo. Redigidas de forma manuscrita, apresentam como característica a estrutura relatorial, apresentando sempre a data de realização da reunião, assim como assinatura dos presentes. No AHAPA, as *Atas da Congregação* produzidas no século XIX estão encadernadas em seis volumes in-fólio: 1816-1855, 1855-1865, 1865-1882, 1882-1888, 1889-1897 e 1898-1907.

Com relação ao conteúdo, as *Atas* trazem informações muito diversas com relação ao cotidiano administrativo e acadêmico da FMB, sobretudo se considerada a complexidade que

---

<sup>4</sup> Apesar de se referir à criação e funcionamento inicial da Escola de Cirurgia da Bahia, essa documentação não está sob a guarda do Arquivo Histórico Anselmo Pires de Albuquerque, mas sim do Arquivo Público do Estado da Bahia, como parte do conjunto de Cartas Régias produzido pela Coroa Portuguesa no período.

<sup>5</sup> Apesar da nomenclatura “Academia Médico-Cirúrgica” estar presente na legislação, a documentação produzida nesse período na Bahia se refere sempre à Instituição como “Colégio Médico-Cirúrgico” ou simplesmente o “Colégio”.

<sup>6</sup> Os maiores hiatos na produção das *Atas* foram em 1823, período da guerra de independência do Brasil na Bahia, ocasião em que as atividades do Colégio foram suspensas, e entre o final de 1826 e o ano de 1828, quando, por motivos desconhecidos, nenhuma *Ata da Congregação* foi registrada.

<sup>7</sup> O primeiro secretário do Colégio Médico-Cirúrgico foi José Alvares do Amaral (1771-1825), nomeado pelo governador da província da Bahia em 1816, cargo que passou a acumular com o de lente substituto de Patologia e Terapêutica Cirúrgica, que lhe foi designado no mesmo ano.

essas atividades foram adquirindo ao longo dos anos com as cinco reformas implementadas durante o século XIX na Instituição<sup>8</sup>. Para além das discussões e decisões da Congregação, são registradas nas *Atas* atividades do ano letivo, como ingresso e realização dos exames anuais dos estudantes, conteúdo ministrado nas disciplinas, movimento de entrada e saída de professores e demais funcionários, instrumentos de ensino adquiridos, correspondências emitidas e recebidas, entre outros.

### ***Memórias Históricas***

As *Memórias Históricas* são documentos elaborados no âmbito das instituições de ensino superior<sup>9</sup> no Brasil com o objetivo de registrar anualmente fatos relativos às atividades acadêmicas e administrativas. Nas faculdades de medicina, as *Memórias* começaram a ser produzidas a partir da reforma conhecida como Bom Retiro, instituída através do Decreto nº 1.387, de 1854. Em seu artigo 197, o decreto estabelece as orientações para a produção das *Memórias*, que deveriam conter, além do relato dos fatos notáveis do ano findo, o estado de desenvolvimento dos cursos da instituição durante este período. Ao final do ano, a congregação de cada faculdade deveria, entre os seus membros, escolher aquele que seria o responsável pela redação da *Memória*<sup>10</sup> a ser apresentada na primeira sessão do ano seguinte, que, uma vez aprovada pelos pares, seria incluída no relatório anual das faculdades enviado ao governo central no Rio de Janeiro, sendo também encaminhada para guarda na biblioteca. A *Memória* era, portanto, uma obrigação legal, um rito administrativo a mais a ser cumprido anualmente pelas faculdades de medicina do Império. As primeiras reformas do ensino médico no período republicano mantiveram a exigência da escrita da *Memória*, sendo que, apenas com a reforma de 1911, conhecida como Rivadávia Corrêa, a redação desses documentos deixou de ser obrigatória.

Na FMB, esse período de obrigatoriedade (1854-1911), foi bastante profícuo, tendo sido produzidas, ininterruptamente, 58 *Memórias Históricas*<sup>11</sup>. Ainda em 1911, não obstante a legislação não contemplar a elaboração desses registros, a Congregação da FMB decidiu manter

---

<sup>8</sup>Carta Régia de 1815 (1816), Lei de 3 de outubro (1832), Reforma Bom Retiro (1854), Reforma Leôncio de Carvalho (1879) e Reforma Benjamin Constant (1891).

<sup>9</sup>A *Memória Histórica* não era exclusividade das faculdades de medicina. As faculdades de direito do Brasil Imperial (São Paulo e Olinda) também passaram a produzir esses documentos a partir de 1854.

<sup>10</sup>O autor da *Memória Histórica* passou a ser denominado memorialista.

<sup>11</sup>Algumas das *Memórias* produzidas nesse período foram perdidas no incêndio que atingiu a Bibliotheca da FMB em 1905.

a tradição de produzir anualmente a *Memória*, conforme relata Alfredo Ferreira de Magalhães (1873-1943), memorialista de 1912. A partir de 1916, contudo, essa tradição foi descontinuada e seguiu-se um hiato de 8 anos, até ser produzida a *Memória Histórica* escrita por Gonçalo Moniz Sodré de Aragão (1870-1939), relativa ao ano de 1924. Nova interrupção a partir de 1925, dessa vez de 18 anos, até a ser redigida a *Memória* de Eduardo de Sá Oliveira (1897-1982), em 1942. Após essa data, a produção das *Memórias Históricas* só foi retomada em 1995, com a *Memória* de Rodolfo Teixeira (1929-2018), referente à lacuna de 1943 a 1995. Eliane Azevedo (1936-) deu conta de preencher novo hiato de escrita e elaborou a *Memória* relativa ao período de 1996 a 2007.

O ano de 2008, efeméride do bicentenário de criação da FMB, marca o início de outra fase ininterrupta no processo de produção das *Memórias*, inclusive com a elaboração, entre 2010 e 2014, dos registros referentes aos períodos de lacuna na primeira metade do século XX (1916-1923 e 1925-1941), sob a responsabilidade de Cristina Maria Mascarenhas Fortuna (1951-2018). De 2008 até os dias atuais, memorialistas são escolhidos anualmente pela Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, dando continuidade à tradição da escrita das *Memórias Históricas*<sup>12</sup>.

Enquanto fonte documental, as *Memórias Históricas* podem ser estabelecidas como crônicas institucionais, apresentando uma tipologia textual muito própria, com uma estrutura quase relatorial. Aliado a isso, o rígido controle, exercido pelas congregações das faculdades como instâncias de aprovação, tornaram as *Memórias*, como toda fonte histórica, relatos parciais. Desses relatos, contudo, é possível, a partir de comentários e reflexões dos autores, apreender elementos importantes acerca do fazer acadêmico e administrativo nas instituições.

No contexto da FMB, essas características são bastante evidentes, sobretudo na primeira fase de produção das *Memórias*, entre 1854 e 1915. A organização das informações nessas fontes nem sempre está estabelecida de forma clara, sendo necessária, por vezes, uma leitura minuciosa para se obter dados dispersos ao longo do texto. O primeiro memorialista a propor uma organização textual mais objetiva foi Antônio José Alves (1818-1866), na *Memória* referente ao ano de 1857, na qual o autor apresenta seu relato, tanto do ensino das disciplinas, quanto dos demais temas tratados, em forma de tópicos. Esse exemplo de organização chegou a ser adotado por alguns sucessores, mas não todos. Na ausência de uma norma específica para a redação da *Memória*, o mais comum era cada autor definir a estrutura que lhe parecia mais conveniente, considerando, por vezes, apenas a sua própria organização mental.

---

<sup>12</sup>As *Memórias* digitalizadas podem ser acessadas no site da Bibliotheca Gonçalo Moniz. Disponível em: <http://bgm.fameb.ufba.br/memoria-institucional-0>.

Com relação ao conteúdo, os memorialistas do século XIX e começo do século XX buscavam seguir estritamente o que previa a legislação para a redação da *Memória*: uma parte voltada para a narração dos acontecimentos mais relevantes do ano, e, uma segunda parte, abordando o desenvolvimento do ensino no período. Essa última prerrogativa, vista por alguns memorialistas não só como a possibilidade de discorrer sobre o ensino ministrado na Instituição, mas também como uma forma de avaliar a sua qualidade, tornava-se uma tarefa difícil, tendo em vista que comentários e críticas feitos pelos autores sobre o ensino ministrado na Faculdade nem sempre eram benquistos pela Congregação. Tal postura fez com que algumas *Memórias* não fossem aprovadas, por serem consideradas inadequadas aos interesses da Instituição. Domingos Rodrigues de Seixas (1830-1890), que teve sua *Memória Histórica* relativa ao ano de 1862 rejeitada, se refere ao texto como “filho maldito de pai renegado”, e ao dever de falar sobre o desenvolvimento do ensino como um “amargo dissabor” (Seixas, 1863, p. iii). Além de Domingos Rodrigues de Seixas, Luiz Álvares dos Santos (1825-1886) e Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) também tiveram suas *Memórias* rejeitadas pela Congregação da FMB. A rejeição implicava a necessidade de o memorialista redigir um novo texto para apresentar ao Colegiado, tarefa aceita por Rodrigues de Seixas<sup>13</sup>, mas não acolhida por Álvares dos Santos e Nina Rodrigues, cujos textos perduraram décadas sem publicação<sup>14</sup>. Para evitar tais dissabores, muitos autores evitavam críticas mais contundentes com relação às questões do ensino.

Contudo, ao considerar que o governo imperial não estabeleceu outras formas de avaliar o ensino ministrado nas faculdades brasileiras, as *Memórias Históricas* podem ser consideradas, apesar das parcialidades e dos possíveis silenciamentos, fontes importantes para se compreender, de forma mais geral, o contexto do ensino superior no Brasil nesse período. Ao longo dos anos, com as reestruturações pelas quais passou o sistema de ensino superior no país, a função da *Memória Histórica* como instrumento para registrar o grau de desenvolvimento do ensino nas faculdades se tornou obsoleta. Na Faculdade de Medicina da Bahia, a *Memória* produzida por Gonçalo Moniz em 1924 é a última a tratar as questões do ensino com essa perspectiva. Atualmente, apesar de a escrita das *Memórias* permanecer na Instituição, os

---

<sup>13</sup>Antes de apresentar o novo texto à Congregação, Rodrigues de Seixas promoveu a publicação, na íntegra, da sua *Memória Histórica* rejeitada. A diferença no quantitativo de páginas das duas versões é significativo: o primeiro texto tem 94 p., enquanto o segundo tem apenas 10 p.

<sup>14</sup>A *Memória Histórica* de Nina Rodrigues, referente ao ano de 1896, só viria a ter o seu conteúdo transcrito e publicado em 1976, em um número especial da *Gazeta Médica da Bahia*, após uma aprovação simbólica da Congregação da FMB, tutelada pelo prof. Estácio de Lima (1897-1984), ex-diretor do Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues. O texto de Luiz Álvares dos Santos, relativo ao ano de 1876, nunca chegou a ser publicado, permanecendo como manuscrito até os dias atuais.

trabalhos produzidos a partir de 1942 apresentam a temática do ensino com uma abordagem mais tangencial.

### ***Discursos de Jonathas Abbott***

Outras fontes importantes diretamente relacionadas aos conhecimentos de Anatomia na Bahia do século XIX são os *Discursos* produzidos por Jonathas Abbott, que por mais de 30 anos, esteve à frente da Cátedra de *Anatomia Geral e Descritiva* na FMB.

Nascido em Londres, Abbott (1796-1868) emigrou para Salvador em 1812, aos 16 anos de idade. Seu ingresso como aluno do Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia se deu em 1816 e teria ocorrido por influência do Dr. José Alvares do Amaral<sup>15</sup>, de quem era protegido. Formado cirurgião em 1821, Abbott foi logo incorporado como membro do Colégio, conforme previsto no artigo 16 da Carta Régia de 1815. Nesta função, atuou pela primeira vez como docente substituto de Anatomia em 1825, sendo nomeado como professor efetivo em 1828, quando da aposentadoria de José Soares de Castro, titular da Cátedra desde 1808.

Nos meses seguintes à sua posse como lente catedrático de Anatomia, efetivada no começo de 1829, Jonathas Abbott começou a organizar a realização de uma viagem de estudos à Europa para complementar seus conhecimentos em medicina<sup>16</sup>. Para tanto, não escolheu a Inglaterra, sua terra natal, tampouco Portugal, local de origem e formação de boa parte de seus mestres na Bahia, mas sim a França<sup>17</sup>, cuja medicina já exercia forte influência no contexto brasileiro do século XIX.

Em Paris, aonde chegou em meados de 1830, Abbott passou a acompanhar a rotina de atendimentos em hospitais como *Hôtel-Dieu* e *Charité* e a frequentar lições teóricas e práticas com renomados médicos da cidade, tendo assessorado a alguns deles na realização de procedimentos cirúrgicos. Assistiu a uma série de cursos específicos de partos, operações, percussão e auscultação, fisiologia, química médica e de anatomia, este último com diferentes

---

<sup>15</sup>Nomeado em 1816 como secretário e professor do Colégio Médico-Cirúrgico, teria sido como um criado do Dr. José Alvares do Amaral que Jonathas Abbott emigrou para a Bahia em 1812 (Abbott; Galvão, 2007).

<sup>16</sup>Segundo Santos (1905), essa era uma prática comum entre os que se formavam no curso cirúrgico da Bahia antes da reforma de 1832. O autor tece comentários acerca da precariedade do ensino nesse período, o que se refletiria na ida de estudantes para complementar estudos na Europa e mesmo na rematrícula de muitos deles a partir de 1816, quando foi implementada a primeira reforma.

<sup>17</sup>A viagem de estudos de Jonathas Abbott, realizada entre 20 de julho de 1830 e 18 de agosto de 1832, foi registrada em *Diário*, transcrito e publicado em 2007 (Abbott; Galvão, 2007).

mestres<sup>18</sup>. Além dos cursos e da prática médica na França, Abbott tinha como um dos objetivos de sua viagem a obtenção de um doutorado em Cirurgia, título que veio a conseguir em 1831 na Itália, mais precisamente na Universidade de Palermo. De volta à Paris, praticou diversas dissecações em anfiteatros anatômicos, sobretudo no *Hôpital de la Pitié*, até o fechamento destes espaços pelos órgãos de saúde em fins de março de 1832, em decorrência de uma epidemia de cólera que começou a se alastrar pela cidade. Como a clínica no *Hôpital Hôtel-Dieu* também foi suspensa por conta da epidemia e o seu prazo de licença já estava por se encerrar, pouco tempo depois Abbott retornou ao Brasil<sup>19</sup>.

Pode-se dizer que a viagem de estudos de Jonathas Abbott contribuiu significativamente para os rumos do ensino prático de Anatomia na FMB. Num contexto pouco propenso a mudanças, sobretudo por exigências administrativas por parte do governo imperial e de uma organização institucional ainda pouco consolidada, Abbott reassume a Cátedra em 1832<sup>20</sup> para dar continuidade a uma tradição de ensino estabelecida na teoria e na observação de pacientes à beira do leito. Nesse período, o Colégio Médico-Cirúrgico contava com poucos instrumentos para a realização das aulas práticas de Anatomia, conforme registrado nas *Atas da Congregação*. Em junho de 1816 é mencionado o recebimento de uma mesa para dissecação anatômica, dois esqueletos e alguns conjuntos de utensílios enviados pelo governo da província. À nota, segue-se a observação: “tudo muito já usado”. Em 1826 é pleiteado ao governo que seja nomeado um demonstrador para aulas práticas de Anatomia, contudo, nos anos seguintes, não há registros de que o pleito tenha sido atendido. Já nas *Atas* de 1829, é assinalado que o Colégio dispunha como “anfiteatro de dissecações e operações” um pequeno quarto escuro localizado na enfermaria mais baixa do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. O próprio Abbott comenta como eram raras as aulas práticas em seu período de estudante no Colégio, entre 1816 e 1821: “naquelle tempo passavam-se mezes e mezes sem uma lição de Anatomia pratica; mais, um curso inteiro, um anno inteiro tem decorrido sem que houvesse uma só demonstração sobre o cadaver” (Abbott, 1837, p. 7).

Neste cenário, a principal iniciativa de Jonathas Abbott, ao retornar de sua viagem de estudos e retomar as atividades como lente catedrático, foi começar a reunir material para a

---

<sup>18</sup>Conforme as notas de seu *Diário*, Abbott assistiu a cursos e lições com os cirurgiões e anatomistas franceses Alfred Velpeau (1795-1867), Antoine Portal (1742-1832), Jean Cruveilhier (1791-1874), Pierre Joseph Manec (1799-1884), Pierre-Paul Broc (1782-1848) e Philippe Frédéric Blandin (1798-1849).

<sup>19</sup>Tanto na ida quanto no retorno da Europa, Abbott passou pela Inglaterra para visitar parentes, tendo permanecido aí um par de meses (Abbott; Galvão, 2007).

<sup>20</sup>Seu retorno às atividades acadêmicas na FMB está registrado em *Ata da Congregação* de 25 de agosto de 1832. Seu substituto no período de licença foi João Antunes de Azevedo Chaves (1805-1873).

montagem de um gabinete de anatomia, inspirado, provavelmente, pelo que viu no *Jardin des Plantes* de Paris e sua Galeria de Anatomia Comparada. As visitas ao local o deixaram maravilhado e renderam notas entusiasmadas em seu *Diário* de viagem, nas quais ressalta a singularidade das peças anatômicas e as horas a fio que gastou em observá-las. O Gabinete Anatômico da FMB era composto por mais de 300 preparações de esqueletos de animais e peças de miologia humana, além de doações e espécimes recolhidos pelo próprio professor. Segundo Sequeira (1859), o Gabinete montado por Abbott não acarretou custos para a Faculdade de Medicina, para além da manutenção do local físico. Em meados do século XIX, o espaço já era tido como referência para o ensino anatômico no país, sendo elogiado pelo Imperador Pedro II, quando de sua visita à Bahia em 1859, e destacado por Melo Moraes (1863) em sua *Corographia historica*<sup>21</sup>.

Outra iniciativa de Abbott para incrementar o ensino foi solicitar do governo imperial a aquisição de alguns dos famosos modelos anatômicos produzidos pelo Dr. Louis Auzoux<sup>22</sup>. O professor teve contato pela primeira vez com um desses modelos em 1830 durante seus estudos em Paris, registrando-o em seu *Diário* e o denominando como “máquina anatômica”. Segundo sua descrição, a tal máquina era “feita em papelão, mas toda completa e perfeita, de maneira que se podem estudar nela todas as partes do corpo humano com miudeza e satisfação, desarranjando-a por peças e tornando a arranjá-la como dantes” (Abbott; Galvão, 2007, p. 98).

Imediatamente após a essa nota no *Diário*, Abbott não se furta em ressaltar o quão útil seria contar com, ao menos, uma dessas “máquinas” para uso no Colégio da Bahia, tendo em vista a constante falta de cadáveres para as aulas práticas, as inconveniências do clima tropical para a conservação destes e os poucos utensílios disponíveis. A solicitação de compra do modelo anatômico feita por Abbott foi, efetivamente, atendida pelo governo imperial, contudo, registra Santos (1905), o pedido foi entregue na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e a FMB só viria a conseguir um dos modelos produzidos pelo Dr. Auzoux em 1849, mais de uma década após os pedidos do professor de Anatomia.

Ao mesmo tempo, Abbott buscava estimular o trabalho intelectual e prático dos estudantes exigindo que estes, ao final de cada ano letivo, realizassem a produção de peças anatômicas, que identificadas com nome do preparador, eram encaminhadas para compor um

---

<sup>21</sup>Após o falecimento de Abbott, em 1868, a Congregação da FMB decidiu, por sugestão do Prof. José de Góes Sequeira, que o espaço fosse renomeado como Gabinete Abbott, em homenagem ao seu criador (Abbott; Galvão, 2007).

<sup>22</sup>Os modelos anatômicos em papel machê fabricados pelo ateliê do Dr. Louis Jérôme Auzoux (1797-1880), em Paris, tomaram notoriedade a partir da década de 1820, quando passaram a ser aceitos e requisitados por academias médicas e científicas em diversas partes do mundo (Sousa; Borges, 2020).

núcleo no Gabinete de Anatomia da FMB, atividade que angariou cerca de 300 preparações para o acervo pedagógico montado pelo professor (Sequeira, 1859).

A vivência experienciada com mestres franceses e os conhecimentos adquiridos durante a sua viagem de estudos à Europa, aliados ao longo período de permanência como professor catedrático de *Anatomia Geral e Descritiva* (1828-1861), permitiu a Jonathas Abbott sistematizar e implementar uma metodologia para o ensino de Anatomia na FMB baseada na prática, dando ênfase às dissecações, algo que é possível depreender a partir da leitura dos seus *Discursos*.

Em seus textos, Abbott também buscava engajar os alunos nos estudos anatômicos, destacando a importância do conhecimento prático como base para todo e qualquer aprendizado em medicina, algo que defende em diversos momentos:

[...] ninguém deve aspirar á preeminencia, ou nomeada em Medicina, e ainda menos em Cirurgia, que não tiver cabaes conhecimentos em Anatomia: e esses conhecimentos não bebidos em lucubrações, deduzidos de theorias, creados em gabinetes, e só fundados em livros; [...] he só no calado cadaver do homem, que havemos de estudar a sua estrutura: e só recorreremos á estampas, e aos livros dos homens, quando nos faltar o da Natureza. (Abbott, 1837, p. 6-7)

Com o “faltar o da Natureza” Abbott se refere à dificuldade em se obter cadáveres para as aulas práticas. Em 1833 as *Atas da Congregação* da FMB registram demanda encaminhada à Santa Casa de Misericórdia da Bahia para que esta providenciasse os corpos necessários para as atividades práticas de Anatomia, dando a entender que havia uma escassez de cadáveres naquele período. Quatro anos depois, já em 1837, Abbott anota, em um de seus discursos, haver a disponibilidade de cerca de 50 a 80 cadáveres por ano na Faculdade para a prática dos alunos, quantitativo que vai se alterando ao longo dos anos. Contudo, o professor não deixa de registrar as dificuldades enfrentadas na realização dessas atividades, como os poucos recursos financeiros e materiais disponibilizados pelo governo, a má conservação dos cadáveres por conta das altas temperaturas locais e, até por isso, a repulsa de muitos alunos em lidar com corpos, muitas vezes, já em estado de putrefação. O engajamento estudantil almejado pelo professor surge precisamente a partir dessa repulsa manifestada por muitos e que afastava os alunos de se dedicar com afinco aos estudos anatômicos.

Além de sempre contextualizar suas falas com um panorama histórico sobre o surgimento, evolução e utilidade da Anatomia, a estratégia retórica de convencimento utilizada por Abbott nos *Discursos* é a de enaltecer aqueles que se aplicavam nos estudos anatômicos, ressaltando que estes viriam a ser efetivos protagonistas na profissão médica:

[...] e está demonstrado que quem melhor conhece a sciencia da organização humana, está em mais brilhantes circunstancias de poder valer ao seo semelhante nos seos

males physicos: e quem faz valer o seo saber prolongando, e suavizando a existencia dos homens he mais que homem: parece-se com Deos, como um Deos he olhado, e respeitado. (Abbott, 1837, p. 7)

[...] e por isso aquelles que, bracejando com estas e outras dificuldades, chegarem a possuir um cabedal de conhecimentos anatomicos, que os faça distinguir na sociedade, são verdadeiros benemeritos da Sciencia. (Abbott, 1837, p. 9)

[...] meos Senhores, eu vos recomendo que cultiveis o estudo de Anatomia, por ser o mais certo para que venhais a adquirir renome, por ser sciencia a mais nobre e satisfactoria ao verdadeiro philosopho, e por ser o mais util para vós, e para a Sociedade. (Abbott, 1837, p. 10)

Não há, obviamente, como mensurar o efeito das palavras do mestre sobre os seus discípulos, mas fato é que muitos dos *Discursos* proferidos por Jonathas Abbott vieram a ser publicados por iniciativa de seus alunos, através do sistema de subscrição<sup>23</sup>. Outra característica interessante dos *Discursos* é que eles foram impressos em formato pequeno, de bolso, com dimensões entre 16 e 18 centímetros, tamanho ideal para o transporte e a leitura, o que certamente contribuiu para que os textos do professor se tornassem de fácil circulação entre os jovens aprendizes do curso de medicina.

Segundo renomados bibliógrafos do século XIX (Silva, 1860; Blake, 1898), Abbott produziu cerca de 30 discursos enquanto esteve como professor catedrático de *Anatomia Geral e Descritiva na FMB*<sup>24</sup>, proferidos na abertura e no encerramento do ano letivo. Ao que tudo indica, Silva (1860) fez essa estimativa com base nos mais de 30 anos em que Abbott lecionou Anatomia na FMB (1828-1861). Entretanto, não há indicativos de que o professor tenha produzido discursos antes da sua viagem à Europa, tampouco que essa produção tenha sido feita de forma ininterrupta. No *Catalogo da exposição medica brasileira* (1884) está listado um discurso produzido em 1834 e a Biblioteca Nacional registra em seu catálogo *online* possuir um discurso de 1860, indicando assim um período de produção, ao menos, entre 1834 e 1860. No acervo do Memorial da Medicina Brasileira consta discursos produzidos entre 1837 e 1858, sob a guarda da Bibliotheca Gonçalo Moniz<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup>O sistema de subscrição ou assinatura, no qual a edição é custeada pelos próprios leitores, era a principal forma de financiamento para a edição de impressos na Bahia do século XIX (Albano, 2018). Muitos dos *Discursos* de Abbott apresentam ao final da publicação uma lista com o nome dos estudantes subscritores.

<sup>24</sup>Ainda segundo Silva (1860) e Blake (1898), a produção bibliográfica de Abbott inclui também textos sobre artrologia, miologia, angiologia e osteologia, nenhum deles, contudo, localizados.

<sup>25</sup>Disponíveis no *site* da Bibliotheca: <https://bgm.fameb.ufba.br/memoria-institucional-0>. Além da Bibliotheca Gonçalo Moniz e da Biblioteca Nacional, alguns dos *Discursos* de Abbott também podem ser localizados na Academia Nacional de Medicina e no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Ao menos um discurso foi publicado no jornal *O prisma*, em 1854, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira.

### ***Teses Acadêmicas***

As *Teses* são trabalhos acadêmicos elaborados nas instituições de ensino superior do Brasil desde o século XIX. Nas faculdades de medicina, as teses eram produzidas como um dos requisitos a serem cumpridos pelos postulandos à formação em medicina (tese inaugural ou doutoral), à habilitação para atuar no país, caso de médicos formados no exterior (tese de verificação de título) e ao cargo de professor na faculdade (tese de concurso).

A defesa de tese para a formação em medicina e a obtenção do grau de doutor foi instituída nas faculdades brasileiras com a reforma do ensino médico implementada em 1832. Na FMB, as *Teses* começaram a ser apresentadas pelos estudantes em 1836<sup>26</sup> e seguiram como obrigatórias até a década de 1930. Como parte de um processo avaliativo, que incluía também os exames anuais, a produção da tese inaugural seguia normas e ritos específicos que deveriam ser observados pelos jovens esculápios.

Segundo a legislação, o texto da tese poderia ser escrito em idioma nacional ou em latim, a partir de um dos temas (ou pontos) definidos por uma comissão designada pela congregação da faculdade. Feito isso, o trabalho deveria ser apresentado oralmente perante uma comissão revisora, composta por professores, com o objetivo de avaliar a tese e aferir se o trabalho estava em conformidade com os estatutos. Apenas após o aval desta comissão, o estudante era autorizado a encaminhar a tese para publicação, correndo os custos da impressão por conta do próprio formando. Uma vez impressa, uma determinada quantidade de exemplares da tese deveria ser entregue na secretaria da faculdade, para que fosse assim concluído o processo e agendada a colação de grau (Castro, 1973).

A verificação de título dos médicos formados no exterior seguia as mesmas regras estipuladas na reforma de 1832 aos que se graduavam nas faculdades de medicina no Brasil, com a exceção de que os estrangeiros eram dispensados da frequência das aulas. No mais, para obter a licença para atuar no país, os candidatos deveriam ser submetidos aos exames e defender uma tese. A apresentação da tese seguia os mesmos ritos já descritos para os médicos formados no Brasil. Esse processo buscava fazer com que os médicos graduados no estrangeiro atendessem padrões exigidos o país. Na FMB, a verificação de títulos começou em 1833, com a habilitação de Aristides Zama, contudo não há indícios que ele tenha produzido uma tese (Lima Júnior, 1975).

---

<sup>26</sup>O manuscrito *Bibliotheca: relação das theses defendidas na Faculdade de Medicina da Bahia*, documento produzido no âmbito das atividades de organização do acervo bibliográfico da FMB logo após o incêndio de 1905, registra a tese intitulada *Asphixia por submersão ou afogamento*, primeira tese inaugural defendida na Instituição, em 19 de dezembro de 1836, por Manoel Ezequiel de Almeida.

No que se refere aos concursos para professor na FMB, a apresentação de teses como um dos requisitos só aparece na legislação a partir da reforma de 1854. Até então, as regulamentações emitidas desde 1808 não fazem alusão às formas de ingresso para a docência na Instituição. A Carta Régia de 1815 chega a mencionar a inclusão dos cirurgiões formados na Casa como membros do Colégio Médico-Cirúrgico e opositores<sup>27</sup> das cadeiras do curso. Com a lei de 3 de outubro de 1832, que estabeleceu um quadro de professores com 14 catedráticos e 6 substitutos, a previsão de concurso aparece no artigo 5º apenas para os lugares de substitutos<sup>28</sup>, sem, contudo, detalhar como o processo deveria ocorrer. Ainda assim, fontes indicam que houve a realização de, ao menos, um concurso no Colégio Médico-Cirúrgico, antes de 1832 (Lima Júnior, 1974).

Na *Memória Histórica* de 1854, Malaquias Álvares dos Santos relata a realização de um concurso em 1831, para a *Cadeira de Química*, do qual participaram os médicos Antonio Polycarpo Cabral e José Eloy Pessoa. De acordo com Santos (1905), o governo determinou a realização do concurso, sendo este regido por regras estabelecidas em correspondência emitida em dezembro de 1830. Essas regras previam o sorteio de temas para a realização de um exame escrito, a elaboração e a defesa de uma tese e a apresentação de uma aula oral. Entretanto, apesar de Santos descrever os temas postos em sorteio para a redação das teses no concurso<sup>29</sup>, não há indicativos de que esses trabalhos tenham sido efetivamente produzidos. Depois da reforma de 1832, Santos relata ainda os concursos realizados em 1833 para duas cadeiras do primeiro ano: *Physica e Botânica*. O autor ressalta que estes concursos foram realizados com base em regras adotadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas que adaptações foram feitas, dentre elas a dispensa de elaboração de tese (Santos, 1905, p. 30).

As primeiras teses de concurso que se tem notícia na FMB foram produzidas em 1837, para o provimento de cargo na Cadeira de Pathologia Externa. Concorreram Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira (1796-1846), com o trabalho *Dissertação sobre a cária das vertebrae*, e Manoel Ladislao Aranha Dantas (1810-1875), com a tese *Feridas envenenadas*, sendo este último o aprovado (Santos, 1905; Lima Júnior, 1974).

---

<sup>27</sup>Um dos cargos de professor especificados na Carta Régia de 1815 e na Reforma de 1854, além dos catedráticos. As reformas de 1832 e 1879 suprimiram o cargo de opositor e criaram o de professor substituto.

<sup>28</sup>A lei indica, em seu artigo 7º, que apenas os professores substitutos poderiam suceder os catedráticos, uma vez que estes cargos vagassem, seja por transferência, aposentadoria ou falecimento dos titulares. Até esta reforma, todos os professores da Instituição eram nomeados diretamente pelo governo.

<sup>29</sup>Tendo como fonte as *Atas*, Santos (1905, p. 29-30) descreve os pontos estabelecidos para as etapas do concurso (exame escrito, tese, aula oral). Indica ainda o nome dos professores que fizeram parte da banca.

Enquanto fonte documental, os três tipos de tese produzidos na FMB apresentam praticamente os mesmos elementos em sua estrutura: quadro com o nome dos professores e suas respectivas cadeiras<sup>30</sup>, uma primeira parte composta por dedicatórias (impressas e manuscritas), seguida do texto da tese em si (por vezes chamado também de dissertação), as proposições e, por fim, os aforismos de Hipócrates<sup>31</sup>.

Tendo em vista os conhecimentos anatômicos, são relevantes as teses produzidas durante o concurso para a sucessão da Cátedra de *Anatomia Geral Descritiva*, em 1862, quando da aposentadoria de Jonathas Abbott como lente catedrático. Concorreram à vaga os professores Domingos Carlos da Silva (1837-1906), Augusto Gonçalves Martins (1836-1903) e Adriano Alves de Lima Gordilho (1830-1892), opositores da *Seção de Ciências Cirúrgicas*. As teses dos concorrentes versam sobre o sistema ganglionar, contudo, todos apresentam uma abordagem histórica e conceitual da Anatomia em seus trabalhos, explicitando autores referenciais e correntes de pensamento sobre o assunto.

O aprovado no concurso foi Lima Gordilho<sup>32</sup>, com a tese *Considerações sobre o systema nervoso ganglionario e suas conexões com o systema nervoso cerebro-espinhal* (Typographia de Camillo de Lellis Masson & C., 1862. 215 p.), cujas atividades docentes em Anatomia já eram bastante conhecidas na Faculdade de Medicina, posto que já atuava como professor interino da Cátedra desde 1861, quando da aposentadoria de Jonathas Abbott, e como preparador de Anatomia desde 1856, quando assumiu o cargo de Opositor da Seção Cirúrgica. Neste mesmo ano, Gordilho começou a ministrar aulas particulares de operações com demonstrações em cadáveres (Chaves, 1857, p. 25).

Com relação ao conteúdo, as *Teses Acadêmicas* tiveram papel significativo no contexto da FMB como veículos de introdução e de ideias e conceitos, modelos e conhecimentos aceitos pela categoria médica da época.

---

<sup>30</sup>Ao menos até a reforma de 1854, nesse quadro, localizado invariavelmente no verso da página de rosto, eram indicados os professores que fizeram parte da comissão revisora da tese inaugural. Ao pé dessa página também passou a constar a máxima de que “a Faculdade não aprova, nem reprova as opiniões emitidas nas theses que lhe são apresentadas”, instituída com o decreto 1.764 de 1856.

<sup>31</sup>Essa estrutura durante o século XIX apresenta algumas peculiaridades: até o início da década de 1850, em boa parte das teses inaugurais, o ponto escolhido para o trabalho era apresentado em forma de proposições, comentários breves sobre temas ligados à cada uma das matérias (ou disciplinas) do curso médico; os aforismos de Hipócrates é um elemento que não aparece nas teses de concurso.

<sup>32</sup>Graduado em Medicina em 1851 e agraciado com o título de Barão de Itapoan em 1872, Adriano Alves de Lima Gordilho permaneceu como catedrático de *Anatomia Geral Descritiva* até 1875, quando solicitou transferência para a Cadeira de *Partos* (Amaral, 1917).

No acervo do Memorial da Medicina Brasileira, os três tipos de *Teses* estão reunidos em uma única coleção na Bibliotheca Gonçalo Moniz. Historicamente, o acervo da Bibliotheca sempre esteve dividido entre as *Teses* e os outros tipos de materiais, chamados de obras gerais, com as *Teses* tendo um volume do catálogo exclusivamente para elas. Ao longo dos anos, a coleção teve muitas perdas por conta dos sinistros que acometeram a Bibliotheca, a saber, o incêndio de 1905 e os mais de 30 anos em que a Bibliotheca esteve fechada (final da década de 1970 até 2011). Das *Teses* citadas como primeiras a serem defendidas na FMB, nenhuma existe no acervo da BGM<sup>33</sup>. O quantitativo de *Teses* sobrevivente aos sinistros é, majoritariamente, de teses inaugurais, seguido de teses de concurso e teses de verificação de título, totalizando cerca de 8.000 volumes, entre material impresso e manuscrito<sup>34</sup>.

### Considerações finais

Pelo exposto, constata-se a relevância de voltar o olhar para as fontes históricas para se compreender os processos de introdução, desenvolvimento e sedimentação de conhecimentos que são basilares para a formação de profissionais de saúde, particularmente os médicos, os primeiros a serem formados no Brasil.

Nesse sentido, as fontes históricas sobre o ensino de Anatomia podem refletir não apenas a evolução do próprio ensino médico, como também transformações sociais, políticas e científicas ao se observar os sujeitos envolvidos nesse processo, os conteúdos e metodologias utilizadas e como o ensino teórico e prático da disciplina evoluiu ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo, evidencia-se a necessidade de preservação e divulgação das fontes apontadas, dada a riqueza do patrimônio cultural sob a guarda do Memorial da Medicina Brasileira. Ao se observar este patrimônio, pode-se inferir valores e significados de práticas e ritos acadêmicos, institucionais e profissionais para a Faculdade de Medicina da Bahia e para a categoria médica baiana num determinado período histórico. A partir disso, é possível fomentar discussões sobre conteúdos sociais, políticos e científicos, compreender, criticar e, por vezes, ressignificar conceitos, práticas, costumes e conhecimentos, contribuindo assim para o avanço

---

<sup>33</sup>As *Teses* mais antigas existentes no acervo da BGM, considerando as três tipologias, são: *Sobre a ascitis: proposições*, de Cyro Joze Pedroza (inaugural, 1839); *Acido oxalico e principios immediatos dos vegetaes*, de Eduardo Ferreira França (concurso à cátedra de Chimica Medica e Principios Elementares de Mineralogia, 1838); *Breves considerações sobre o regimen alimentario das crianças nos primeiros tempos de sua existência*, de Pedro Bandeira de Gouvêa (verificação de título, 1859).

<sup>34</sup>As *Teses* já digitalizadas estão disponíveis no *site* da Bibliotheca: <https://bgm.fameb.ufba.br/teses-historicas-da-fmb>.

das pesquisas sobre história da medicina e da saúde, mas também sobre as raízes históricas do ensino superior no Brasil.

## Referências

ABBOTT, Jonathas. *Esboço historico da anatomia, desde o seo berço, até o seculo actual*: precedido de um discurso preliminar sobre a utilidade daquella sciencia, recitado n'abertura d'aula, no 1º de março de 1837. [Salvador]: Typ. de J. P. Franco Lima, 1837.

ABBOTT, Jonathas; GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2007.

ALBANO, Ana Lúcia. A Typographia e Livraria de Epifanio Pedrosa no cenário editorial da Bahia oitocentista (1839-1865). *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, v.113, p. 81-105, jan./dez. 2018.

ALBANO, Ana Lúcia; MOTA, Ritta Maria Morais Correia; SANTOS, Celeste da Silva; SOUZA, Ivanildes Silva de. Uma preciosidade da história da medicina: o Memorial da Medicina Brasileira. In: REIS, Eduardo José Farias Borges dos et al... (org). *História da medicina: contextos e interseções da Faculdade Primaz do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2022. v. 1, p. 587-613.

AMARAL, Braz do. Traços biographicos do Professor Barão de Itapoan. In: FORMULARIO pratico: brinde aos assignnantes do Brazil-Medico. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1917. p. iii-x.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*: tomo 4. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1898.

BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. *A medicina baiana nas brumas do passado: séculos XIX e XX: aspectos inéditos*. Salvador: Contexto e Arte Editorial, 2002.

CASTRO, Dinorah d'Araújo Berbert de. *Idéias filosóficas nas teses inaugurais da Faculdade de Medicina da Bahia: (1838-1889)*. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1973.

CATALOGO da exposição medica brasileira: realizada pela Bibliotheca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1884.

CHAVES, João Antunes de Azevedo. *Memoria historica dos acontecimentos notaveis do anno de 1856*. [Salvador]: Na Typographia de Carlos Poggetti, 1857.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; FORTUNA, Cristina Maria Mascarenhas. O amanuense e arquivista Anselmo Pires de Albuquerque. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, v.114, p. 139-154, jan./dez. 2019.

LIMA JUNIOR, Francisco Pinheiro. *Idéias filosóficas nas teses de concurso da Faculdade de Medicina da Bahia: (século XIX)*. 1974. Tese (Concurso de Professor Titular do Departamento de Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1974.

LIMA JUNIOR, Francisco Pinheiro. *Idéias filosóficas nas teses de verificação de título na Faculdade de Medicina da Bahia: (século XIX)*. Salvador, 1975.

MORAES, A. J. de Mello. *Corographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria e politica do Imperio do Brasil: tomo 1, segunda parte*. Rio de Janeiro: Typographia Brasileira, 1863.

NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Londrina, PR: Eduel, 2003.

NOGUEIRA, Roberto P. *Do físico ao médico moderno: a formação social da prática médica*. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia: concernente ao ano de 1942*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.

PEDRO II. *Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe e Alagoas - 1859*. 2. ed. Rio de Janeiro: Letras & Expressões: Bom Texto, 2003.

PEREIRA, Antonio Pacífico. *Memoria sobre a medicina na Bahia*. [Salvador]: Imprensa Oficial do Estado, 1923.

SANTOS, Malaquias Alvares dos. *Memoria historica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao anno de 1854*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

SEIXAS, Domingos Rodrigues. *Memoria histórica dos acontecimentos notaveis da Faculdade de Medicina da Bahia no anno de 1862*. [Salvador]: Typographia Poggetti, 1863.

SEQUEIRA, José de Goes e. *Memoria historica dos acontecimentos notaveis do anno de 1858 apresentada à congregação dos lentes da Faculdade de Medicina da Bahia*. [Salvador]: Typographia de Carlos Poggetti, 1859.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez: tomo 4*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.

SOUSA, Luiz Eduardo; BORGES, Ingrid da Silva. Os modelos anatômicos do Dr. Auzoux, na Universidade Federal de Ouro Preto. *Alemur*, Ouro Preto, MG, v. 5, n. 1, p. 76-82, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/4160>. Acesso em: 23 nov. 2023.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. *No anfiteatro da anatomia: o cadáver e a morte*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

## **Autores**

Ana Lúcia Albano - Bibliotecária da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia (FMB/UFBA). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU). Membro Colaborador do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA). Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares da Raridade Documental (GEIRD). Memorialista da Faculdade de Medicina da Bahia - Ano 2021.

Marcelo Dourado Rocha - Doutor em Saúde Pública. Professor Adjunto do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) da Universidade Federal da Bahia. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU).

Carmen Fontes Teixeira - Doutora em Saúde Pública. Professora Titular (aposentada) do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) da Universidade Federal da Bahia. Docente do Programa de Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU).

## **DISSERTAÇÃO**

ENSINO DE ANATOMIA NA EDUCAÇÃO MÉDICA DO SÉCULO XIX: DA ESCOLA  
DE CIRURGIA À FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (1808-1861)

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino médico no Brasil teve início, oficialmente, em 1808 com a chegada da família real portuguesa. D. João, então príncipe regente de Portugal, chegou ao país fugindo das perseguições de Napoleão Bonaparte na Europa, desembarcando primeiramente na Bahia, seguindo depois para o Rio de Janeiro. Na Cidade do Salvador, criou a Escola de Cirurgia da Bahia em 18 de fevereiro de 1808, instalada no Hospital Real Militar, que ocupava o prédio do antigo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus. A Escola foi criada por Carta Régia a partir da solicitação feita pelo Dr. Joze Correa Picanço, cirurgião da Real Câmara e lente jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (Britto, 2002; Nava, 2003).

Nas décadas seguintes, o curso de cirurgia instalado na Bahia passou por significativas mudanças estruturais, com a ampliação do número de professores e de cadeiras, passando à denominação de Academia Médico-Cirúrgica da Bahia (ou Colégio Médico-Cirúrgico) em 1816. Em 1832 nova reforma transformou a Academia em Faculdade de Medicina da Bahia, agora com um curso de seis anos de duração. Outra reforma viria 22 anos depois, em 1854, mas esta não mudou a estrutura do curso, mantendo o modelo francês de ensino adotado desde 1808, que privilegiava a formação profissional voltada para o cuidado do doente.

De fato, durante quase todo o século XIX, o modelo francês<sup>35</sup> orientou a educação médica nas faculdades brasileiras, instituindo a hegemonia da chamada medicina anatomoclínica, fruto da prática hospitalar francesa baseada “na crença de que a observação direta dos sintomas nos pacientes, vinculada à observação da lesão patológica nos cadáveres, seria a instância cognitiva que transformaria a medicina” (Edler; Fonseca, 2006, p. 13).

Ribeiro<sup>36</sup> (2014), com base na análise das memórias históricas produzidas na instituição baiana, aponta para esta tendência no ensino praticado na Faculdade de Medicina durante a maior parte do século XIX, sem, contudo, oferecer mais detalhes acerca do desenho curricular ou dos conhecimentos ministrados no curso.

Considerando o curso médico implantado na Bahia como nosso objeto de estudo, surgiram questionamentos sobre as atividades acadêmicas desenvolvidas nesse período na Instituição, sobretudo com respeito aos conhecimentos ministrados e métodos utilizados nas

---

<sup>35</sup>Segundo Edler, (2001) tal modelo difundiu pelo mundo elementos como o exame físico, a auscultação, a instrução clínica junto ao leito do doente, a patologia tissular, a autópsia, o ceticismo clínico e a estatística clínica (Edler, 2001). Apenas em 1879 a reforma Leôncio de Carvalho propôs uma nova perspectiva para os cursos médicos brasileiros, com base no modelo alemão, direcionada mais para a pesquisa e a experimentação (Edler, 2014).

<sup>36</sup>Este autor traça um panorama mais geral das atividades de ensino, destacando as críticas dos professores memorialistas, que vão desde os baixos salários da categoria até a pouca infraestrutura da faculdade.

práticas de ensino. Nessa perspectiva, identificamos, com base na literatura revisada, que a disciplina de Anatomia esteve presente desde os primórdios dos cursos médicos do Brasil, porquanto constitui a base para o conhecimento do corpo humano, suas estruturas e sistemas, ponto de partida para o aprendizado dos conhecimentos necessários ao exercício da prática médica, especialmente a cirurgia (Nogueira, 2007).

Contudo, de acordo com Talomoni (2012), o processo de incorporação e ensino dos conhecimentos anatômicos nos cursos médicos brasileiros do século XIX ainda é pouco estudado. A autora destaca a ausência de pesquisas sobre o assunto e observa a existência de dados esparsos em abordagens históricas resumidas produzidas como textos introdutórios ou complementares a outras temáticas. Tratamos assim, de sistematizar uma breve revisão sobre o tema, apresentada a seguir.

## 2 CONHECIMENTOS ANATÔMICOS E ENSINO MÉDICO: BREVE REVISÃO

As primeiras referências ao estudo e ao ensino de Anatomia estão relacionadas à cidade de Alexandria, centro de conhecimento no mundo antigo onde teriam ocorrido as primeiras dissecações de animais e de humanos. O estabelecimento da Anatomia enquanto área do conhecimento, no entanto, remonta ao nascimento da Europa Moderna. A mudança de mentalidades suscitada neste período levou a uma outra percepção do corpo humano, proporcionando o desenvolvimento dos conhecimentos anatômicos, que, por sua vez, exerceram influência em diferentes áreas do saber como a medicina e as artes (Talamoni, 2012; Dias, 2018).

Até este período, a imagem social do corpo humano estava alinhada ao ideário religioso, sob a hegemonia da Igreja Católica, em torno da dualidade corpo/espírito. A devoção ao corpo de Cristo criou um imaginário de sacralização do corpo como receptáculo de algo mais nobre e elevado, o espírito, e que este corpo viria a ser purificado e ressuscitado no juízo final. Ao mesmo tempo, vigorava a imagem do ser humano como pecador e do corpo físico como veículo desse pecado, gerando o medo do corpo, sobretudo do corpo feminino. O corpo do pecador era tido como desarmonioso e doentio, visto que não conseguia controlar os seus instintos. Prevalece, pois, a valorização do espírito como algo perene e eterno e o menosprezo do corpo físico como algo transitório e efêmero. Essa perspectiva sobre o corpo humano exercia significativa influência na prática médica. A concepção de que alma é mais importante do que o corpo físico levava a compreensão de que a doença deveria ser aceita como uma penitência a ser sofrida do mesmo modo que sofreram os mártires e o próprio Salvador, tornando o cuidar do doente uma obrigação cristã. O Cristo era a cura para todos os males do corpo e do espírito e ações para deter o processo da doença eram vistas como ciência pagã (Gélis, 2012; García, 1972).

Os estudos de Anatomia tiveram pouco desenvolvimento neste período. É ao final da Idade Média, com o surgimento de uma nova conjuntura histórica e social no mundo europeu, a criação de universidades e a instalação de núcleos de estudos médicos em cidades como Bolonha e Pádua, é que a abertura de corpos humanos como meio para se obter conhecimentos anatômicos ressurgiu de forma mais constante, algo que não ocorria desde a antiguidade. Esse contexto é bastante influenciado pela recepção da medicina greco-árabe na Europa medieval, através de traduções para o latim do *Cânon da Medicina*, de Avicena, e de versões árabes de obras de Galeno, realizadas entre os séculos XI e XIV. Com essas traduções, o saber anatômico passa a ser visto com maior relevância e a partir da segunda metade do século XIII, tratados de cirurgia produzidos com base nessas obras já ressaltam a importância de se estudar a Anatomia.

Nesse cenário, as dissecações aparecem como um recurso para, com base na experiência e na observação, se conhecer mais sobre o corpo humano e mesmo para corroborar e/ou refutar o conhecimento anatômico consagrado por esses autores clássicos. A visão social do corpo na modernidade, menos arraigada aos temores religiosos e mais atrelada a racionalização e a objetividade, permitiu que a dissecação se estabelecesse como método empírico para a obtenção do saber anatômico (Mandressi, 2012).

A mais significativa obra anatômica deste período, e que congrega vários aspectos dessa nova perspectiva dos estudos anatômicos, é *De humani corporis fabrica*, publicada em 1543, por André Vesálio. Considerado o primeiro tratado de Anatomia da era moderna, nesta obra Vesálio descreve novas e já conhecidas partes anatômicas com clareza e rigor de detalhes, adicionando descobertas e corrigindo equívocos de autores como Galeno. Ademais, propõe que os estudos anatômicos sejam fiéis à natureza e se baseiem na investigação direta por meio da dissecação, revolucionando o ensino ao cumprir as funções de professor, dissecador, demonstrador e ilustrador. Mais do que apresentar descrições detalhadas do corpo humano, o tratado produzido por Vesálio propiciou o surgimento de uma aura de pesquisa em torno dos conhecimentos anatômicos e suas práticas, influenciando sucessores dedicados a aprimorar a sua obra e lançando a Anatomia como base das ciências médicas (Lain Entralgo, 2012).

A gradativa importância que a Anatomia adquire nas décadas seguintes à publicação do trabalho de Vesálio redireciona os estudos do corpo humano com relação à doença e a conservação da saúde. Conceitos e ideias que vigoravam desde a antiguidade, como a teoria dos humores de Hipócrates, começam a ser questionados, sobretudo com o desenvolvimento de estudos baseados em observação que revelam novos conhecimentos sobre o funcionamento dos órgãos internos do corpo. A realização mais sistemática de dissecações e autópsias possibilitam a identificação de lesões anatômicas ocasionadas por doenças e a prática da medicina vai, paulatinamente, aderindo ao novo contexto científico (Porter; Vigarello, 2012).

No século XVIII aparece o movimento da medicina clínica, voltada para o cuidado do paciente à beira do leito, e o surgimento de hospitais em cidades europeias. Segundo Faure (2008), os Estados exercem certa influência no processo de institucionalização da clínica na medida em que os soberanos, interessados em aumentar sua população com fins bélicos e econômicos, começam a voltar os olhos para a saúde do seu povo, privilegiando o apoio às profissões da saúde e à promoção da higiene. Contudo, destaca o autor, o que chama a atenção é o surgimento espontâneo de hospitais pela Europa. Assim, instituições voltadas para o cuidado de doentes são criadas na Inglaterra, Itália, Dinamarca, Alemanha e França. Cursos de medicina e cirurgia prática começam a ser ministrados por médicos e cirurgiões em hospitais de Paris e

idades no interior da França favorecendo a observação, a demonstração e a prática como bases desse ensino. Após a Revolução Francesa e a instituição da clínica como obrigatória na formação médica, cursos de clínica são criados nas faculdades de medicina da França, sob a tutela de professores que desempenham atividades específicas em hospitais e nas localidades onde não há faculdades, os hospitais se tornam o principal espaço da formação médica. Dessa forma, “o que se chama, às vezes, escola de Paris, torna-se um modelo de formação médica para toda a Europa da primeira metade do século XIX” (Faure, 2012, p. 17-20).

Em Portugal, até o século XVIII, prevalecia nas artes médicas a visão herdada da Idade Média de distinção entre trabalho intelectual e trabalho manual, estabelecendo uma divisão entre a medicina como atividade intelectual, mais nobre e elevada, e a cirurgia como trabalho prático, pouco valorizado. Aos médicos cabia o conhecimento teórico por meio dos livros e da observação das doenças externas, enquanto os cirurgiões e barbeiros se encarregavam do cuidado com ferimentos e demais doenças internas, ou seja, o contato direto com os corpos e com o sangue. Nesse contexto, “o conhecimento do corpo humano e o estudo das doenças era realizado com base nos tratados, colocando em segundo plano o estudo empírico das doenças e a dissecação do corpo humano” (Abreu, 2007, p. 150).

Essa mentalidade começa a ser modificada com a inserção das ideias iluministas em Portugal e sua influência na reorganização das atividades de ensino, sobretudo com a reforma pombalina, que levou à elaboração de novos estatutos para a Universidade de Coimbra e sua Faculdade de Medicina, até então regida por normas estabelecidas em 1563. Os novos estatutos, estabelecidos em 1772, propunham uma formação médica mais ampla, com estudos de química, física e experimentos em laboratórios, priorizando a aproximação entre os conhecimentos teóricos e práticos. Buscando atender essas diretrizes, foram instituídos o Hospital Escolar, o Teatro Anatômico e o Dispensário Farmacêutico, voltados para a prática da medicina e da cirurgia. Nesse cenário, a concepção de que o médico deveria estar mais em contato com o corpo humano elevou os conhecimentos anatômicos a um papel de relevância no processo de formação médica em Portugal, ao mesmo tempo em que propiciou a “valorização da cirurgia, necessária para um melhor conhecimento das técnicas de intervenção sobre a doença” (Abreu, 2007, p. 155).

No Brasil do século XIX, apesar do modelo francês ter orientado o ensino médico local durante boa parte desse período, conforme ressaltam Ferreira (1994), Edler e Fonseca (2006) e Talamoni (2014), a presença dos estudos anatômicos como base dos cursos de cirurgia instalados na Bahia e no Rio de Janeiro em 1808 pode ser vista como um reflexo da importância conferida à Anatomia e seu ensino na formação médica em Portugal, especialmente se

observada a posição ocupada por Joze Correa Picanço, mentor dos cursos brasileiros, como cirurgião da Real Câmara e lente jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. A Escola de Cirurgia da Bahia, particularmente, teve suas cadeiras de *Anatomia e Operações Cirúrgicas*, e *Cirurgia Especulativa e Prática* ministradas por José Soares de Castro e Manoel José Estrela, ambos cirurgiões formados pelo Colégio do Hospital São José de Lisboa (Britto, 2002; Dantas, 2016).

### 3 QUESTÕES DA INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS

Considerando a centralidade do ensino de Anatomia no processo de aprendizado dos futuros profissionais médicos, elaboramos as seguintes questões: Que conhecimentos em Anatomia eram considerados pelos professores como basilares na formação do médico daquela época? Como se dava o ensino e a aprendizagem desses conhecimentos? Havia aulas práticas e/ou teóricas? Como professores e alunos tinham acesso e apreendiam esses conhecimentos, ou seja, como eram ministrados estes conhecimentos e que material didático era utilizado nas aulas e/ou atividades práticas? Em síntese, esta pesquisa pretendeu investigar como se dava o ensino da Anatomia no curso médico da Bahia no período 1808-1861.

Cabe ressaltar que este recorte temporal foi escolhido para a pesquisa porquanto cobre desde a criação do curso de Cirurgia em 1808 até 1861, ano em que se aposentou Jonathas Abbott, segundo professor e o mais longevo no ensino de anatomia na FMB, tido como o responsável por sistematizar e implementar uma metodologia de estudo/ensino de anatomia no âmbito da Instituição.

A pesquisa teve por objetivo geral compreender, através da análise de documentação institucional, o processo de ensino dos conhecimentos de Anatomia no curso médico da Bahia no período de 1808 a 1861. Os objetivos específicos buscaram:

- a) Identificar, no currículo do curso médico, as disciplinas dedicadas ao ensino de Anatomia, buscando observar sua estrutura, respectivos professores e cenários e espaços de aprendizagem;
- b) Analisar o modelo teórico-pedagógico, relação teoria-prática e métodos de ensino utilizados nas disciplinas identificadas.

## 4 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

### 4.1 MARCO TEÓRICO

Com o intuito de compreender como se dava o processo de ensino de Anatomia no curso médico da Bahia, buscou-se na literatura por uma abordagem teórica em torno do tema “ensino médico” para nortear a realização dessa pesquisa. A leitura de trabalhos como o de Rocha (2014a), sobre educação superior no Brasil, permitiu uma maior aproximação com a ideia de “modelos de ensino médico”.

Com o objetivo de identificar e analisar os principais modelos teóricos que orientam as investigações sobre a formação superior em saúde, Rocha apresenta modelos que foram construídos por autores da comunidade científica latino-americana da área de saúde que se dedicaram à problemática da formação de pessoal, a partir da década de 1970. Dentre os modelos analisados, está o proposto por Juan César García em 1972, na obra *La educación médica en la América Latina*, publicada sob os auspícios da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). A partir deste primeiro contato com o trabalho de García, houve a necessidade de aprofundar a leitura de sua obra para definir em que medida seria possível utilizar elementos de sua proposta teórica como norteadores para o desenvolvimento desta pesquisa.

A obra de Juan Cesar García surgiu, conforme relata o autor, do interesse da OPAS em promover um estudo sobre o ensino da Medicina Preventiva e Social nos cursos médicos de países latino-americanos, que servisse de marco de referência para as ações da Instituição nessa área. A proposta era de fazer estudo explicativo e realizar pesquisas em educação médica, dando ênfase ao ensino desta disciplina, ao invés de um estudo específico sobre ela.

Ao iniciar as investigações exploratórias sobre o tema, García explica ter ficado evidente que o ensino da Medicina Preventiva e Social seria apenas um dos aspectos do currículo, sendo este, por sua vez, parte de uma estrutura maior de educação. Partindo desse pressuposto, Juan Cesar García acabou por produzir um amplo estudo acerca do ensino médico na América Latina, cunhando um “marco teórico inovador das questões relativas à formação de pessoal de saúde no ‘campo médico’ e suas relações com a estrutura social, nitidamente influenciado pela abordagem marxista” (Rocha, 2014a, p. 36). Com essa perspectiva, García estabelece a “educação médica” como um “processo de produção de médicos”, processo este historicamente situado e dependente da estrutura econômica das sociedades onde se desenvolve (García, 1972).

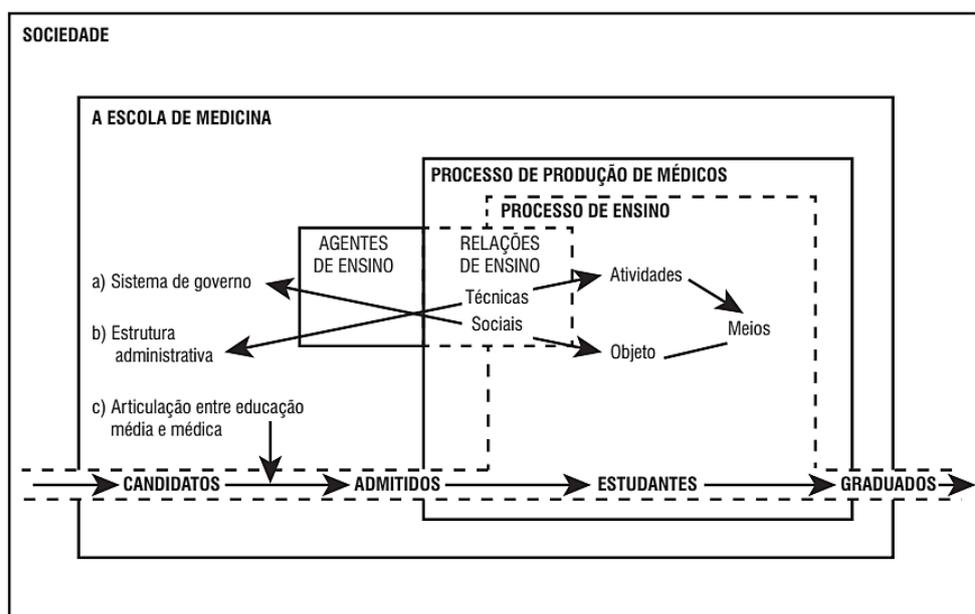
A definição da “educação médica” como o “processo de produção de médicos” é conceito basilar no trabalho de García. Ao analisar esse processo, o autor estabelece duas distinções fundamentais:

- a) Relação da educação médica com outros processos, notadamente, com o processo de trabalho médico, tendo esta relação variado historicamente;
- b) Existência de dois níveis no processo de formação: o “modo de produzir médicos” e a “ordem institucional da educação médica”, entendendo o primeiro como determinante do segundo.

Dando seguimento a sua proposta analítica, o autor divide o “processo de formação de médicos” em dois tópicos indissociáveis: o “processo de ensino” e as “relações de ensino” (García, 1972, p. 5-6). Dessa subdivisão, se desdobra a definição de conceitos necessários ao entendimento dessa estrutura (Figura 1).

Levando em conta os objetivos da nossa pesquisa, concentramos o estudo na análise do “processo de ensino”, especificamente no “plano de estudos” definido para o curso de Medicina, que expressa as atividades - teóricas e prática - a serem realizadas pelos estudantes ao longo de sua trajetória no curso. O ensino da Anatomia faz parte do conjunto de conteúdos previstos no “plano de estudos”, ou seja, no que atualmente designa-se como “projeto pedagógico”, com posto pelo conjunto de disciplinas ou componentes curriculares dispostos em determinada sequência lógica (Garcia, p. 73). Para dar conta desse objeto de estudo, portanto, tratamos de desenvolver a análise dos documentos selecionados, conforme descrevemos a seguir.

**Figura 1** - Marco teórico da Educação Médica na América Latina



**Fonte:** García (2022, p. 66)

## 4.2 IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DAS FONTES

Com relação aos objetivos, esta pesquisa é classificada como exploratória, considerando que este tipo de pesquisa é flexível e quaisquer aspectos relativos ao fato estudado têm importância, proporcionando maior familiaridade com o problema. Com relação aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa documental, priorizando o uso de fontes primárias. (GIL, 2008).

O *locus* da nossa pesquisa foi, essencialmente, o Memorial da Medicina Brasileira, notadamente o rico e vasto conjunto bibliográfico existente na Bibliotheca Gonçalo Moniz, um dos mais relevantes acervos para se compreender a história das ciências na Bahia e do ensino superior no Brasil, com cerca de 100 mil volumes. Neste manancial localizamos a quase totalidade do material selecionado, sendo, entretanto, identificadas fontes em outras instituições, como a Biblioteca Nacional e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Complementarmente, fizemos a aquisição de uma ou duas obras e contamos com o prestimoso auxílio de um pesquisador para localizar e obter uma cópia digital do primeiro livro de medicina publicado na Bahia, em 1812, que, não por casualidade, é uma obra de Anatomia.

Para selecionar as fontes, fizemos uso das orientações propostas por Cellard (2012), que considera que os documentos devem ser avaliados com base em cinco dimensões, conforme a seguir:

- *Análise do contexto*: conhecer a conjuntura social, cultural, econômica e política em que o documento foi produzido;
- *Autores*: conhecer elementos biográficos, lugar social etc., para melhor compreender os discursos;
- *Autenticidade e confiabilidade*: observar o tempo entre o acontecimento e sua descrição, se são testemunhos diretos ou indiretos etc.;
- *Natureza da fonte*: compreender a estrutura do texto, se são relatos pessoais, documentos institucionais etc.;
- *Conceitos-chave do texto*: observar que determinados conceitos podem variar de significado e conotação ao longo do tempo.

Dessa forma, foram selecionadas 34 fontes primárias, abrangendo tipologias distintas, produzidas e/ou publicadas no século XIX e começo do século XX, agrupadas em:

- a) *Documentação institucional (Grupo 1)* - com o intuito de obter informações emanadas da Faculdade de Medicina Bahia, registradas em seus documentos oficiais, acerca das atividades acadêmicas desempenhadas no âmbito da Instituição no período. Esse grupo

inclui documentos como memórias históricas, programas de curso, regimentos, legislação e relatórios.

- b) *Documentação autoral (Grupo 2)* - textos produzidos por estudantes e professores, enquanto autores, publicados no período, como artigos de periódicos, discursos, livros e teses, buscando identificar o ponto de vista desses agentes sobre o processo de ensino-aprendizagem de Anatomia na Instituição.

#### 4.3 PLANO DE ANÁLISE DO ENSINO DE ANATOMIA NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Durante a leitura da obra de Juan Cesar García, nos questionamos em que medida um modelo teórico pensado para analisar a educação médica na América Latina do século XX poderia servir de inspiração para o estudo do ensino médico no Brasil do século XIX. Parte da resposta a esse questionamento pode ser apreendida no trabalho de García como um todo, mas sobretudo no capítulo *La educación médica y la estructura social*, epílogo do livro. Neste capítulo o autor busca, sob o ponto de vista estruturalista adotado em sua pesquisa, situar a medicina e a educação médica como atividades sociais que fazem parte do contexto histórico de cada sociedade ao longo do tempo. Nesse sentido, García afirma que a prática médica está ligada à transformação histórica do processo de produção econômica, ou seja, a estrutura econômica determina o lugar e a forma de articulação da medicina com a estrutura social. Exemplificando, o autor discorre brevemente sobre a medicina na antiguidade (modo de produção escravista), na idade média (modo de produção feudal) e na idade contemporânea (modo de produção capitalista), destacando mudanças de paradigmas observáveis na prática médica no decorrer desses períodos<sup>37</sup>. Considerando essa perspectiva, o autor destaca que é pertinente questionar que determinantes produzem essa variação, sendo que a resposta a esta pergunta proporcionará os “elementos comuns” às distintas formas que se apresenta a medicina (García, 1972, p. 390).

Com base na leitura da obra de García, inferimos que estes “elementos comuns” a que o autor se refere podem ser compreendidos como os itens que compõem o modelo teórico proposto por ele (Figura 1), e que foram utilizados como conceitos-chave e/ou categorias para

---

<sup>37</sup>Foi possível perceber, durante a leitura, o olhar eurocêntrico de Juan Cesar García neste capítulo, ao discorrer sobre a prática médica em determinados contextos históricos. Ainda que nem sempre citado explicitamente, é perceptível no texto que, ao abordar a antiguidade, o autor está se referindo ao mundo grego, e que, ao falar da idade média, está tratando do mundo europeu. Tal abordagem é, certamente, fruto do pensamento hegemônico presente no contexto de produção da obra de García, o que não desmerece a contribuição teórica do autor para os estudos na área da educação médica.

a análise do seu objeto de estudo, a “educação médica na América Latina”. De fato, se analisados como partes do “processo de produção de médicos” (processo de ensino, relações de ensino, atividades de ensino, meios de ensino etc.), conforme propõe o autor, se observa a permanência desses elementos no processo, ainda que, enquanto conceitos, venham a apresentar variações ao longo tempo e do espaço. Rocha (2014b), adotando como pressuposto o modelo teórico cunhado por García para a realização de sua pesquisa sobre a formação superior em saúde, denomina, em uma perspectiva mais ampla, o “processo de ensino” como “processo de ensino-aprendizagem” e propõe a inserção de dois elementos ao modelo: a estrutura e as finalidades do processo de ensino-aprendizagem.

Pensando, então, no nosso objeto de pesquisa, o ensino de Anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX, e considerando as reflexões suscitadas por Rocha (2014a, 2014b) e García (1972), avaliamos que a proposta teórica dos autores coaduna, em muitos aspectos, com os nossos objetivos de pesquisa. Dessa forma, passamos a articular a definição de conceitos para a elaboração de um plano de análise do ensino de Anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia. Nessa perspectiva, definimos como categorias de análise as seguintes:

**a) Estrutura do processo de ensino-aprendizagem:** corresponde ao plano geral do desenvolvimento da formação, isto é, o desenho do curso, incluindo as formas de organização dos “componentes curriculares”<sup>38</sup> sob a forma de “eixos”, “módulos”, “blocos” e “disciplinas”. No caso específico, importa identificar o “lugar” ocupado pelos componentes curriculares dedicados ao ensino da Anatomia, no conjunto do “plano de estudos” (desenho) do curso.

**b) Agentes das práticas de ensino:** abrange os atores diretamente envolvidos no processo ensino-aprendizagem, incluindo docentes, discentes e pessoal auxiliar. As relações de ensino-aprendizagem, ou relações técnicas e sociais, representam as conexões ou vínculos que se estabelecem entre esses agentes e resultam do papel que estes indivíduos desempenham nas práticas de ensino. No caso específico do nosso estudo, demos especial importância à identificação dos critérios e mecanismos de ingresso dos estudantes ao curso de Medicina e as formas de contratação dos docentes, especialmente os responsáveis pelo ensino da Anatomia.

**c) Processo de ensino-aprendizagem:** definido como o conjunto de etapas sucessivas de aprendizagem pelas quais passa o estudante no curso médico. Considerando o recorte definido

---

<sup>38</sup>Entendidos como unidades de organização das atividades educativas.

em nosso estudo, trataremos de analisar especificamente os diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem da Anatomia, incluindo:

- *Conteúdos*: correspondem aos conhecimentos, conceitos e noções fundamentais da área de Anatomia ministrados aos estudantes do curso de Medicina;
- *Metodologia de ensino*: formas de organização do processo de ensino-aprendizagem, incluindo atividades teóricas e/ou atividades práticas;
- *Meios materiais/instrumentos ou tecnologias de ensino* - recursos materiais ou instrumentos utilizados no processo de ensino;
- *Cenário das práticas* - local onde se desenvolvem as atividades de ensino, podendo ser exclusivamente em sala de aula ou contemplar outros espaços, como laboratórios.
- *Avaliação* - processo identificado com as formas sob a qual se realiza a aferição dos objetivos educacionais propostos.

**d) Finalidade do processo de ensino-aprendizagem:** diz respeito à definição dos propósitos e valores que nortearam as escolhas acerca dos conteúdos e da metodologia mais apropriada para a construção de determinados perfis de formação e de competências profissionais. No caso específico do estudo acerca do ensino da Anatomia no curso médico, tratamos de identificar as concepções dos docentes responsáveis por esta área com relação à importância do aprendizado da Anatomia para o exercício da prática médica, segundo o modelo adotado pela Faculdade de Medicina da Bahia, no século XIX.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção apresentamos e discutimos os dados coletados em quatro tópicos e subdivisões. Focamos os resultados nos dados coletados sobre a Cátedra de *Anatomia Descritiva*, primeiramente porque identificamos, durante a pesquisa que, na Faculdade de Medicina da Bahia, os conhecimentos ministrados nesta cátedra eram a base para o aprendizado nas outras duas cadeiras, *Anatomia Topográfica* e *Anatomia Patológica*, consideradas como conhecimentos derivados e mais especializados, uma vez que os alunos só aprendiam conhecimentos de anatomia para cirurgia (*Topográfica*) tendo estudado primeiro a anatomia descritiva, o mesmo ocorrendo com o aprendizado de anatomia patológica, focado no diagnóstico de doenças. Tanto assim que na reforma de 1832, os conhecimentos de anatomia patológica estavam vinculados às *Clínicas* (interna e externa) e quando passou a constar no currículo como uma cátedra à parte, na reforma de 1854, a *Anatomia Patológica* estava reunida na *Seção de Ciências Médicas*. Abordamos essas duas cátedras (*Topográfica* e *Patológica*) quando apresentamos os dados sobre a estrutura curricular, justamente para situar os conhecimentos de anatomia descritiva no plano do curso.

Outrossim, destacamos que, para efeito da escrita deste trabalho, simplificamos a nomenclatura da cátedra, que variou ao longo do período histórico pesquisado entre *Anatomia e Operações Cirúrgicas* (1808), *Anatomia Geral* (1816), *Anatomia Geral e Descritiva* (1832) e *Anatomia Descritiva* (1854), dos quais elegemos adotar o último nome por ser mais simples.

### 5.1 ESTRUTURA DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Como dito anteriormente, a FMB experimentou ao menos seis arquiteturas acadêmicas ao longo do século XIX. Para além da estrutura primeira estabelecida com a Escola de Cirurgia, três reestruturações ocorreram dentro do recorte histórico delimitado para esta pesquisa (1808-1861): a Carta Régia de 1815, implementada em 1816, a lei de 3 de outubro de 1832 e a Reforma Bom Retiro, em 1854. Essas mudanças buscavam refletir na estrutura curricular da formação em saúde brasileira de então o grau de desenvolvimento das ciências médicas no período, o que fica evidenciado na ampliação do tempo de duração do curso e no agrupamento e especialização das disciplinas, entre elas aquelas voltadas para o aprendizado dos conhecimentos anatômicos.

Em 1808, quando a Escola de Cirurgia foi criada, o período de duração do curso era de quatro anos e os alunos deveriam aprender *Anatomia e Operações Cirúrgicas* e *Cirurgia Especulativa e Prática*. É importante salientar que, aquilo que historicamente se convencionou chamar “Escola de Cirurgia da Bahia” se configurava mais como um modelo de ensino mestre/aprendiz no âmbito de cátedras do que propriamente uma “instituição” com um curso

pedagogicamente planejado com dois “componentes curriculares”. Sobre essa característica do processo de instalação do ensino superior no Brasil, Cunha (2007, p. 91) comenta que:

As primeiras unidades do novo ensino superior apareceram sob a forma de aulas ou cadeiras. Estas eram unidades de ensino de extrema simplicidade, consistindo num professor que, com seus próprios meios (livros, instrumentos cirúrgicos etc.), ensinava seus alunos em locais improvisados, fosse em um hospital ou em sua própria residência. Essas unidades simples podiam estar aglomeradas em cursos, dotados de reduzida burocracia.

Efetivamente, da análise das *Instruções* direcionadas por Joze Correa Picanço a Manoel José Estrella, escolhido para lecionar as aulas de *Cirurgia Especulativa e Prática*, percebe-se que as atividades ligadas ao funcionamento da “Escola” estavam diretamente subordinadas ao professor da cátedra, que foi orientado como deveria fazer funcionar o ensino, desde o processo de matrícula até a duração do curso, dia e horário das aulas, compêndio a ser utilizado e práticas de ensino. Ao fim desse período de quatro anos de aprendizado, o professor poderia “passar certidões competentes, declarando se o Discipulo [estaria] capaz de fazer o seu exame e de dignamente encarregar-se da saude publica” (Pereira, 1923, p. 6). Para obter as titulações, os aprovados ao final do curso deveriam solicitar a realização de exames perante a Fisicatura-mor<sup>39</sup>.

Os conhecimentos anatômicos, como base para a prática da cirurgia, estavam presentes desde esse primeiro momento do curso com a cátedra de *Anatomia e Operações Cirúrgicas*, sob a responsabilidade José Soares de Castro, cirurgião do Hospital Real Militar da Bahia. Presume-se que Joze Correa Picanço também tenha direcionado *Instruções* ao lente de Anatomia, contudo tal documento nunca foi localizado<sup>40</sup>. Nas fontes primárias localizadas e analisadas, não aparecem dados específicos sobre a carga horária dedicada à Anatomia, se os estudantes frequentavam as duas cátedras de forma concomitante ou se as aulas eram divididas no período do curso, com os estudos de anatomia nos dois primeiros anos e os de cirurgia nos dois últimos, por exemplo, ou mesmo se, na prática, o ensino ministrado pelos dois professores estavam, em alguma medida, interrelacionados no âmbito da formação almejada com o curso. Santos (1905) comenta que, pela precariedade do ensino nesse período, a Escola de Cirurgia

<sup>39</sup> “[...] órgão responsável pela regulamentação e fiscalização das atividades relacionadas às artes de curar [...]” (Pimenta, 2019, p. 90). Não há muita clareza entre as atribuições do físico-mor e do cirurgião-mor, sabe-se que os cargos foram instituídos em 1808 durante a estadia da família real na Bahia e extintos em 1828, sendo os seus primeiros ocupantes Manoel Vieira da Silva Borges e Abreu (1753-1826) e Joze Correa Picanço (1745-1823), respectivamente (Arquivo Nacional, 2024).

<sup>40</sup> Albuquerque (1917, p. 41) transcreve a carta de nomeação de José Soares de Castro e nela Joze Correa Picanço menciona as *Instruções*: “[...] Nomeio a V. Mcê., para, dar lições teóricas e práticas de Anatomia e as de Operações Cirúrgicas no Hospital Militar desta Cidade, na conformidade das Instruções que lhe remeto [...]”.

não teria propiciado formação adequada aos egressos do curso, o que se refletiria na ida de estudantes para complementar estudos na Europa.

A partir de 1816, uma nova organização institucional passou a vigorar na Bahia quando começou a ser implementado o “Plano dos Estudos de Cirurgia” proposto por Manoel Luiz Alvares de Carvalho (1751-1825?)<sup>41</sup>, que já estava em funcionamento no Rio de Janeiro desde 1813. O dito Plano, estabelecido através da Carta Régia de 29 de dezembro de 1815<sup>42</sup>, previa um curso completo de cirurgia em cinco anos com um currículo abrangendo conhecimentos de anatomia, fisiologia, farmacologia (química farmacêutica e matéria médica), cirurgia, higiene, patologia, etiologia, terapêutica e obstetrícia.

Esta primeira reforma do ensino cirúrgico na Bahia, diferentemente da Escola de Cirurgia, definiu de forma mais objetiva a estrutura anual do processo de ensino, deixando claro quais componentes curriculares (ou matérias) deveriam ser ministrados e em qual período do curso. O ano letivo tinha início no mês de março e se encerrava no começo do mês de dezembro, com a realização dos exames anuais dos estudantes. A Carta de Cirurgia era concedida aos aprovados nos exames do 5º ano. Recebiam a graduação de Formados em Cirurgia aqueles que fossem aprovados plenamente em todos os anos, frequentassem novamente o 4º e 5º e fossem aprovados com distinção nos exames desses anos.

Os estudos anatômicos estavam concentrados nos anos iniciais do curso, no primeiro ano, na cadeira de *Anatomia Geral*, com aulas ministradas de março a setembro. O aprendizado continuava no segundo ano, na cátedra de *Fisiologia* com a repetição da anatomia geral acrescida dos conhecimentos em fisiologia, com aulas na parte da manhã e, por vezes, também na parte da tarde. Em se tratando de uma formação em Cirurgia e da relevância dos conhecimentos anatômicos como basilares para este aprendizado, percebe-se uma incipiente relação entre o ensino ministrado nas disciplinas, com a presença do ensino de anatomia logo nos períodos introdutórios do curso.

Segundo as orientações para a instalação do Colégio, a Carta Régia de 1815 deveria funcionar provisoriamente como estatutos da Instituição e todas as deliberações tomadas pelo grupo de professores para o bom funcionamento dos trabalhos, não estando previstas em lei,

---

<sup>41</sup>Nasceu na Bahia, tendo se formado em Medicina na Universidade de Coimbra (1782). Retornou ao Brasil com a Família Real. Era médico honorário da Real Câmara, nomeado em 1812 cirurgião-mor honorário do Reino, e Diretor dos Estudos de Medicina e Cirurgia da Corte e Estado do Brasil, com honras de físico-mor do Reino. Em dezembro de 1816, a Congregação do Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia deliberou nomeá-lo como criador e fundador do Colégio (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855; Pereira, 1923).

<sup>42</sup>Esta Carta Régia previa ainda a criação de uma Escola de Cirurgia no Maranhão, algo que não se concretizou.

deveriam ser submetidas à aprovação do governo da capitania. Efetivamente, não houve outros estatutos publicados para o Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia entre 1816 e a reforma de 1832, apesar da incompletude da Carta Régia de 1815 no que tange a diversas questões, como a forma de seleção dos postulantes ao curso, a realização dos exames anuais e mesmo como se deveria certificar que os estudantes cumpriram os requisitos para realizar os exames perante o Cirurgião-Mór do Reino. Tanto assim que os professores do Colégio, sob autorização do governador da capitania, decidiram adotar os estatutos da Universidade de Coimbra para a realização de todos os ritos acadêmicos/administrativos não contemplados pela Carta Régia, conforme atestam as *Atas da Congregação* produzidas no período (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855).

As fontes documentais analisadas dão conta de que, no âmbito da Congregação do Colégio Médico-Cirúrgico, o interesse das discussões se concentrava mais no dever de cumprir fielmente as determinações régias e menos nas questões pedagógicas do ensino. As decisões, quando debatidas, eram sempre encaminhadas para apreciação e parecer final do governador da capitania. A pouca autonomia do grupo fez com que, em treze anos de funcionamento, nunca tenha sido nomeado, ou mesmo pleiteado, um diretor para coordenar os trabalhos no Colégio da Bahia, enquanto a Academia do Rio de Janeiro já contava com esta figura desde 1813. Com a publicação da lei de 09 de setembro de 1826, que mandava passar cartas de cirurgião e de cirurgiã formado aos que concluíssem os cursos no âmbito das academias (Rio de Janeiro e Bahia), e a necessidade de cumprir o previsto com relação a assinatura das ditas cartas, em 1829 os professores escolheram internamente o nome de José Avelino Barbosa como primeiro diretor do Colégio.

A lei de 3 de outubro de 1832 modificou a nomenclatura da Academia Médico-Cirúrgica (ou Colégio Médico-Cirúrgico), extinguindo a formação em cirurgia e criando três cursos: Medicina, Farmácia e Partos. A reforma instituiu o curso médico em seis anos de formação e um currículo com quatorze componentes, abrangendo conhecimentos de física médica, botânica, zoologia, química médica e mineralogia, anatomia (descritiva, topográfica e patológica), fisiologia, patologia interna e externa, clínica interna e externa, farmácia, matéria médica, terapêutica, obstetrícia, higiene, medicina legal e história da medicina. Apesar de não estar detalhado no corpo da lei, as disciplinas do curso médico estavam reunidas em três grupos ou seções: *Ciências Acessórias*, *Ciências Cirúrgicas* e *Ciências Médicas*.

Nesta arquitetura acadêmica, os conhecimentos anatômicos aparecem a partir do segundo ano do curso com a cátedra de *Anatomia Geral e Descritiva*, sendo esta repetida no terceiro ano. No quinto ano foi introduzida a cadeira de *Anatomia Topographica, Medicina*

*Operatoria, e Aparelhos*. Os estudos de anatomia patológica aparecem no currículo não como um componente único, mas atrelados às atividades das clínicas, através da cadeira de *Clínica Externa*, frequentada pelos estudantes desde o segundo ano até o sexto, e da cátedra de *Clínica Interna*, assistida a partir do quinto ano até o final do curso. As aulas de anatomia descritiva eram ministradas na parte da manhã, com duração de uma hora, entre 7h e 8h, provavelmente uma vez por semana<sup>43</sup>. As aulas das clínicas (externa e interna) e das correspondentes anatomias patológicas, das 8h às 9h e das 9h às 10h, respectivamente.

Muito pleiteada pela categoria médica da época, a reforma de 1832 foi promulgada a partir de projeto encaminhado à Câmara dos Deputados pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, criada em 1829 (Santos Filho, 1991). Santos (1905), comentando sobre a lei, crítica o fato de ela ter sido implementada sem que a Carta Régia de 1815 tenha sido efetivamente cumprida, sobretudo com relação a criação de uma escola de cirurgia no Maranhão, o que, segundo ele, teria contribuído para o desenvolvimento do ensino no Norte do Brasil (o Nordeste incluso nesse Norte).

Fato é que a reforma chegou numa conjuntura pós-independência em que o Brasil, agora livre das amarras da política colonial, mas ainda arraigado ao colonialismo cultural, rechaçava o modelo acadêmico português e buscava na França novos padrões para a formação médica. A Carta Régia de 1815, por exemplo, não apresentava dispositivos alternativos para suprir as diversas lacunas que possuía com relação às questões acadêmicas e o Colégio da Bahia, então, evocou os estatutos da Universidade Coimbra. A lei de 3 de outubro de 1832, ao contrário, já deixava bem explícito (art. 34) a quem as recém-criadas instituições médicas brasileiras deveriam recorrer na ausência de regulamentos próprios: a Faculdade de Medicina de Paris.

A lei previa que as faculdades providenciassem estatutos provisórios e que propusessem a redistribuição das disciplinas no currículo, caso os professores entendessem necessário para a melhoria do ensino. Na FMB, a questão dos estatutos foi até bastante discutida nos anos posteriores à reforma. Em 1834, a Congregação definiu a realização de reuniões do grupo três vezes por semana para discutir um estatuto para a Instituição, contudo nenhuma proposta, nem de regulamento, nem de redistribuição das disciplinas, chegou a ser encaminhada ao governo

---

<sup>43</sup>As *Atas da Congregação* de 1834 registram que na FMB as aulas teóricas dos componentes curriculares foram estabelecidas com uma hora de duração, enquanto as aulas práticas deveriam também ter uma hora, mas poderiam avançar nesse horário quando fosse necessário. Supõe-se que as aulas das disciplinas fossem ministradas uma vez por semana, ao menos neste período, dado o quantitativo de cadeiras e as outras atividades administrativas desenvolvidas pelos professores (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855).

para aprovação<sup>44</sup>. Os anos posteriores seguiram com uma organização institucional pouco consolidada e uma prática administrativa improvisada, baseada em normas utilizadas em outras instituições, para manejar casos específicos, como quando da realização dos concursos para as cátedras de *Physica* e *Botânica*, em 1833. Na ocasião, foram utilizadas regras adotadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com adaptações, entre as quais, a dispensa de elaboração de teses (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855).

A reforma Bom Retiro, promulgada mais de duas décadas depois, através do decreto 1.387, de 28 de abril de 1854, entrou em vigor mantendo a tradição já estabelecida de não cumprimento total da reforma anterior. Relatórios do Ministério dos Negócios Interiores produzidos nas décadas de 1830 e 1840, dão conta da precariedade em que se encontrava a FMB com relação a ausência de espaços de aula previstos na lei de 1832, mas que ainda não haviam sido implantados, como laboratório de química, gabinetes de física e de história natural, horto botânico, além da falta constante de instrumentos para as aulas práticas. E esta não era uma realidade apenas da Bahia, a Faculdade do Rio de Janeiro também vivenciava situação similar.

Mesmo com esse contexto, a nova reforma passou a vigorar mantendo o curso médico em seis anos de duração, mas alterando a composição do currículo, adicionando mais componentes, desmembrando e reordenando outros. Foram estabelecidas dezoito cadeiras, agrupadas nas três seções. As chamadas *Ciências Acessórias* incluíam estudos de física, química, mineralogia, botânica e zoologia, além de medicina legal e farmácia. As *Ciências Cirúrgicas* agrupavam os conhecimentos anatômicos (descritiva e topográfica), patologia externa, obstetrícia e clínica externa. Já as *Ciências Médicas* reuniam conhecimentos de fisiologia, patologia interna, anatomia patológica, matéria médica (farmacologia), terapêutica, higiene, clínica interna e história da medicina.

Os estudos anatômicos voltaram a figurar no início do curso, através da cátedra de *Anatomia Descritiva*, que era comum aos estudantes do primeiro e do segundo ano. A diferença prevista estava nos conteúdos: para o primeiro ano, demonstrações anatômicas, para

---

<sup>44</sup>A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro chegou a apresentar uma proposta de estatutos ao governo em 1837 (Brasil, 1861). Há que se registrar que 1830 foi uma década politicamente agitada na Bahia (Salvador), com eventos nos quais a FMB estava, de um modo ou de outro, envolta. Em 1835 ocorreu a Revolta dos Malês, sendo que muitos dos feridos foram socorridos no Hospital da Santa Casa de Misericórdia por professores e estudantes da Faculdade, conforme relata Jonathas Abbott em seu *Diário*. Entre 1837 e 1838 desenrolaram-se os acontecimentos da Sabinada, revolta que envolveu diretamente um dos membros do corpo docente da FMB, Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira (1796-1846), à época professor substituto da *Seção de Ciências Cirúrgicas*. A Sabinada, por exemplo, fez com que a FMB não enviasse informações para compor o relatório anual do Ministério dos Negócios Interiores em 1837, além de ter provocado o atraso do início do ano letivo em 1838 (Brasil, 1839).

o segundo, dissecações. No terceiro ano foi estabelecida a cadeira de *Anatomia Geral e Patológica*, agora desmembrada das clínicas. A cadeira de *Anatomia Topographica, Medicina Operatoria e Apparelhos* foi mantida no quinto ano do curso. Estava previsto na reforma de 1854 que as aulas dos componentes fossem ministradas em dias alternados, com duração de uma hora cada. Sobre as aulas de anatomia descritiva, Jonathas Abbott (1858), comenta que as atividades começavam às 8h e duravam até às 9h, sendo que as demonstrações anatômicas eram realizadas em três dias da semana e que as dissecações ocupavam cerca de seis meses do ano letivo.

Antonio Mariano do Bonfim, memorialista do ano de 1860, sugere alterações nos horários das aulas tendo em vista algumas particularidades do ensino de Anatomia, dando a entender que as dissecações ocorriam, ao menos naquele ano, no período da tarde:

[os alunos] levam toda a manha ocupados em outras aulas; e fica a salla das disseccções durante a tarde tão exposta aos ardores do sol, que torna-se então muito incomodo trabalhar ahi em cadáveres, que de ordinário se acham em mau estado. Em quanto se não conclue a nova salla de disseccções, poderse-hia obviar este inconveniente, fazendo-se as clinicas mais cedo, mudando-se algumas aulas theoricas para a tarde e obrigando-se os alumnos á comparecer na hora marcada pelo Oppositor que dirige os trabalhos [...] (Bonfim, 1861, p.31).

A reforma Bom Retiro foi bastante criticada no âmbito da FMB. Sequeira (1859) comenta que, em 1858, a Instituição ainda não poderia emitir um juízo de valor acerca dos impactos das alterações propostas em 1854, até porque, quatro anos após promulgada, estas ainda não haviam sido inteiramente implementadas na FMB. Contudo, em 1857, o memorialista Antonio José Alves já chamava a atenção para as questões ligadas à estrutura do currículo, sobretudo com relação a conteúdos que seriam requisitos para o estudo numa determinada disciplina, mas que eram ministrados aos alunos de forma paralela ou de forma posterior a ela. Como exemplo, cita a dificuldade em ministrar conhecimentos em anatomia patológica a estudantes que ainda não tinham visto conteúdos acerca das doenças.

Vale ressaltar que esta reforma, assim como a de 1832, trazia o indicativo de que as faculdades poderiam propor mudanças na distribuição das disciplinas no currículo com vistas a melhorar o ensino. Em verdade, o decreto 1.387 deixa explicitado que entre as atribuições das congregações estava “[...] exercer a inspecção scientifica da Faculdade no tocante ao systema e ao methodo de ensino, aos livros e compendios seguidos nas aulas, propondo quaesquer reformas ou alterações que forem aconselhadas pela experiencia ou pelo progresso dos estudos da mesma Faculdade” (Brasil, 1854, art. 46).

Ou seja, a FMB detinha as prerrogativas legais para fazer as alterações necessárias na estrutura curricular, entretanto isso não se concretizava na prática, apesar dos apelos de parte dos professores sobre a necessidade de atentar para as interrelações e pré-requisitos entre os conhecimentos ministrados nas disciplinas curso médico:

[...] o que porém reputo digno de alteração é a distribuição das matérias do curso, collocando-se as Cadeiras, de modo que se attendão para certas relações sob o ponto de vista da theoria e da practica: relações que são essencialmente indispensáveis, e aconselhadas pela observação dos factos (Sequeira, 1859, p. 19).

Se a Anatomia descriptiva, por sua parte, deixa em olvido a nevrologia, como pode ser ensinada, como pode ser aprendida a innervação? Se a angiologia também não é sempre doutrinada, o que fica sendo a Anatomia das regiões - a Anatomia topographica? Se á Pathologia não sobra tempo para o estudo de tantas moléstias, como ha de rasoavelmente investiga-las a Clinica respectiva? (Silva, 1862, p. 17)

Da análise da documentação, percebe-se certa cautela da Congregação da FMB em externar questionamentos diretos com relação aos problemas administrativos e de ensino, uma vez que muitos professores deviam seus cargos e títulos nobiliárquicos à mercê do governo imperial e queriam manter suas boas relações nas instâncias governamentais, fazendo com que as críticas, quando havia, não extrapolassem o âmbito da Faculdade.

**Quadro 1** - Resumo dos currículos da Faculdade de Medicina da Bahia, 1815-1854

1815	1832	1854
<i>Primeiro ano</i>		
- Anatomia Geral - Chimica Pharmaceutica - Materia Medica - Cirurgia	- Physica Medica - Botanica Medica e Principios Elementares de Zoologia	- Physica em geral, e particularmente em suas applicações á Medicina - Chimica e Mineralogia - Anatomia descriptiva (demonstrações anatomicas).
<i>Segundo ano</i>		
- Anatomia - Fisiologia	- Chimica Medica e Principios Elementares de Mineralogia - Anatomia Geral e Descriptiva - Clinica externa e Anatomia pathologica respectiva	- Botanica e Zoologia - Chimica orgânica - Physiologia - Repetição da Anatomia descriptiva (dissecções anatômicas)
<i>Terceiro ano</i>		
- Hygiene - Etiologia - Pathologia - Therapeutica	- Anatomia Geral e Descriptiva - Physiologia - Clinica externa e Anatomia pathologica respectiva	- Continuação de Physiologia - Anatomia geral e pathologica; - Pathologia geral - Clinica externa.
<i>Quarto ano</i>		
- Instrucções cirurgicas e operações - Lições e pratica da arte obstetricia	- Pathologia Externa - Pathologia Interna - Pharmacia, Materia Medica especialmente a brasileira, Therapeutica, e arte de formular - Clinica externa e Anatomia pathologica respectiva	- Pathologia externa - Pathologia interna - Partos, molestias de mulheres pejadas e de recém-nascidos - Clinica externa.
<i>Quinto ano</i>		
- Exercício prático de medicina repetição das lições do 4º ano	- Anatomia Topographica, Medicina Operatoria, e Apparelhos - Partos, Enfermidades de mulheres pejadas, e paridas, e de meninos recém- nascidos - Clinica externa e Anatomia pathologica respectiva - Clinica interna e Anatomia pathologica respectiva	Continuação de Pathologia interna - Anatomia topographica, medicina operatoria e aparelhos - Materia medica e therapeutica - Clinica interna
<i>Sexto ano</i>		
	- Hygiene e Historia da Medicina - Medicina legal - Clinica externa e Anatomia pathologica respectiva - Clinica interna e Anatomia pathologica respectiva	- Hygiene e Historia da Medicina - Medicina legal - Pharmacia (com frequencia da officina pharmaceutica duas vezes por semana, com os alumnos deste curso) - Clinica interna

**Fonte:** elaborado pela autora a partir da legislação consultada.

## 5.2 AGENTES DAS PRÁTICAS DE ENSINO

A criação da Escola de Cirurgia em 1808 e a nomeação de dois professores para ministrar as aulas nas duas cátedras de então estabeleceu, de forma institucional os primeiros atores envolvidos no processo de ensino de conhecimentos médicos na Bahia. Neste momento inicial, a Escola não contava com outros agentes para além dos professores e estes eram responsáveis por todos os trâmites administrativos envolvendo o processo de ensino, desde a admissão e registro de frequência dos estudantes, passando pela elaboração das aulas teóricas, métodos e instrumentos para a realização das atividades práticas, a avaliação, a certificação dos concluintes e todos os requisitos necessários para obter licença para atuar como cirurgiões. Com a reforma de 1816, foi implementada uma nova organização administrativa para o Colégio Médico-Cirúrgico e a instituição começou a contar com um corpo maior de professores e outros funcionários não docentes que passaram a auxiliar na execução das atividades, completando assim a tríade de atores relacionados ao processo de ensino que nos propomos a investigar (discentes, docentes e pessoal auxiliar). Abordaremos os mecanismos de ingresso de estudantes, assim como os de professores e pessoal auxiliar que tiveram relevância no processo de ensino da anatomia descritiva durante o período desta pesquisa.

### 5.2.1 Mecanismos de ingresso de discentes no curso médico

De modo geral, para ingressar como estudante do curso médico no século XIX era preciso ter minimamente dezesseis anos completos, ser do sexo masculino<sup>45</sup>, obter aprovação nos chamados exames preparatórios e realizar o pagamento da taxa de matrícula. Ao longo desse período os requisitos passaram por poucas modificações em seu formato.

Para se matricular na então Escola de Cirurgia da Bahia bastava ter conhecimento da língua francesa e pagar ao professor da cátedra a taxa de 6\$400 (seis mil e quatrocentos réis). O registro da matrícula era feito pelo próprio professor e a taxa era paga uma única vez para o curso inteiro (Pereira, 1923).

Já a Carta Régia de 1815 previa que, para ingressar no Colégio Médico-Cirúrgico, o postulante soubesse ler e escrever corretamente, possuísse conhecimentos de francês e inglês, mas não como requisito obrigatório para ingresso no primeiro ano. Uma vez no curso, o aluno

---

<sup>45</sup>Ainda que a proibição de mulheres estudarem Medicina não estivesse explicitada em lei, o costume social da época assim o impunha. Apenas com a reforma de 1879, conhecida como Leôncio de Carvalho, foi mencionada na legislação a possibilidade de mulheres ingressarem no curso médico. Contudo, isso não significa que não houvesse mulheres estudando na FMB antes dessa data. O curso de Partos, criado com a lei de 3 outubro de 1832, tinha como principal objetivo a formação de mulheres que já atuavam ou queriam atuar como parteiras.

tinha até a matrícula do segundo ano para apresentar exame da língua francesa e até a matrícula do terceiro ano para apresentar o exame de língua inglesa. Aqueles que tivessem conhecimentos em latim ou geometria poderiam se matricular diretamente no segundo ano. Como a Carta Régia especificava genericamente apenas os requisitos, mas não a forma como deveriam ser selecionados os candidatos, o grupo de professores encarregado de instalar o Colégio em 1816 decide solicitar orientações ao governador da capitania da Bahia sobre a questão. O governador indica que os exames para ingresso no curso deveriam então ser feitos por algum dos professores na presença de todos. Dessa forma, o Colégio mandou publicar editais para que, no prazo de oito dias, comparecessem à Instituição aqueles interessados em participar dos exames, realizados por um dos professores perante a Congregação. A partir de 1817, os conhecimentos de língua francesa passaram a ser obrigatórios para ingressar no primeiro ano do curso, segundo a determinação do Diretor Geral dos Estudos Médicos-Cirúrgicos, Manoel Luiz Alvares de Carvalho, enviada por ofício à Congregação do Colégio.

Na lei de 3 de outubro de 1832 é explicitado o requisito da idade mínima (16 anos) e os conhecimentos prévios necessários para o ingresso no curso médico<sup>46</sup>: latim, francês ou inglês, filosofia racional e moral, aritmética e geometria. Os exames preparatórios deveriam ser realizados por professores públicos nomeados pela Faculdade, acompanhados pelo secretário. Seguindo este ditame, a FMB passou a solicitar no início de cada ano que o governo da província indicasse os professores para o processo seletivo dos candidatos, que decorria com presença de dois fiscais (um indicado pela FMB, outro pelo governo da província), sob a presidência de um dos professores da Faculdade, costumeiramente o diretor. Este procedimento tornou-se padrão e, nos anos seguintes, a escolha do governo passou a recair sempre sobre professores do Liceu Provincial, instituição criada na década de 1830 e que era responsável pelo ensino secundário na Bahia do século XIX. Uma vez aprovado nos exames, o candidato deveria pagar a taxa de 20\$000 (vinte mil réis) para se matricular na FMB. Este valor deveria ser pago anualmente para efetivar a matrícula em cada ano subsequente do curso (Brasil, 1832).

A reforma de 1854 manteve a idade mínima de dezesseis anos para ingresso e passou a incluir entre os exames preparatórios do curso médico<sup>47</sup> conhecimentos de história, geografia,

---

<sup>46</sup>O ingresso nos dois outros cursos criados com esta reforma (Farmácia e Partos) tinham em comum a exigência da idade mínima (16 anos), contudo os outros requisitos diferiam um pouco. Os postulantes a farmacêuticos deveriam ter conhecimentos de língua inglesa ou francesa, aritmética e geometria. As mulheres candidatas ao diploma de Parteira deveriam saber ler e escrever corretamente, além de apresentar um atestado de bons costumes passado pelo juiz de paz da freguesia onde residiam (Brasil, 1832).

<sup>47</sup>Com a reforma de 1854, candidatos ao curso de Farmácia deveriam ter conhecimentos de francês, aritmética e geometria. Já para as mulheres postulantes ao curso de Partos a idade mínima passou a ser de 21 anos completos

álgebra e equações de 1º grau, além daqueles já previstos desde 1832 (latim, francês, inglês, filosofia racional e moral, aritmética e geometria). Ficou estipulado que o estudante que fosse reprovado em algum dos exames, estaria impedido de voltar a realizá-lo por um período de três meses em qualquer das duas faculdades (Bahia ou Rio de Janeiro). Ficariam isentos de realizar os preparatórios aqueles que apresentassem diploma de bacharel em letras pelo Colégio Pedro II ou título de aprovação nos concursos anuais da capital do Império. Para efetuar a matrícula após a aprovação nos preparatórios, o postulante deveria fazer um requerimento junto ao diretor da Faculdade externando o cumprimento dos requisitos, inclusive o pagamento da taxa. Este decreto estabeleceu ainda que as taxas de matrícula para os anos subsequentes do curso poderiam ser pagas em duas parcelas, uma no início, outra no final do ano letivo (Brasil, 1854).

Dos requisitos estabelecidos pela legislação para o ingresso dos estudantes no curso médico, apenas a realização dos exames preparatórios permitia alguma intervenção dos professores da FMB. A lei de 1832 (art. 23) previa que as faculdades poderiam estabelecer estatutos e neles indicar a forma mais acertada para estes exames, contudo a Congregação de professores não costumava levar essa participação para além do que estava estritamente previsto em lei.

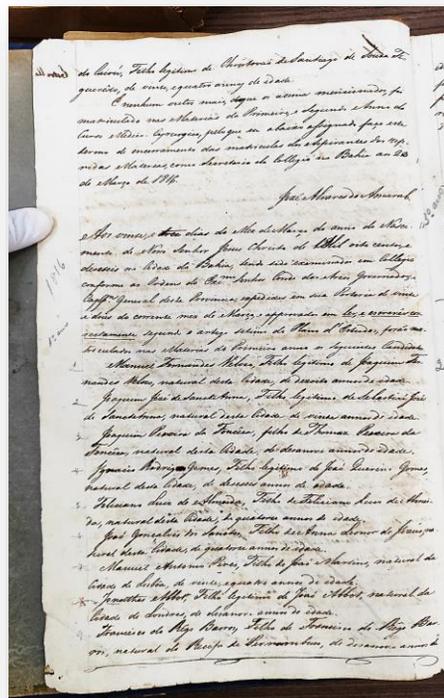
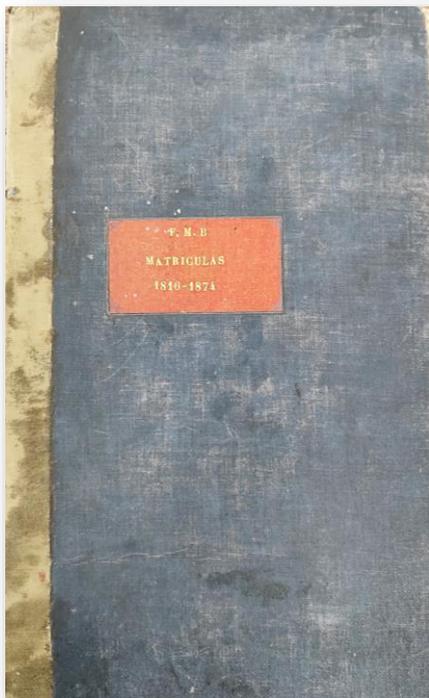
As críticas aos preparatórios, tanto por parte de membros do corpo docente assim como por parte de estudantes, recaíam nos conhecimentos solicitados e na forma como eram realizados os exames. Firmino Coelho do Amaral, estudante na década de 1840, questiona de que serviriam os conhecimentos mínimos exigidos nesses exames, entre eles meramente saber traduzir o francês, o inglês ou o latim, quando na Europa, especialmente na Faculdade de Medicina de Paris, não se matriculava ninguém sem o título de bacharel em ciências.

Os memorialistas da FMB, alguns com posturas mais tênues, outros de maneira mais dura, tecem comentários sobre os preparatórios. O Lente de *Patologia Externa*, Manoel Ladislau Aranha Dantas (1856, p.4-5), critica a exigência nos exames de conhecimentos de equação de 1º grau e a exclusão do que ele denomina a "harmoniosa língua do divino oráculo de Cos [o grego]" e argumenta que se o governo desse ao Liceu Provincial da Bahia a mesma distinção do Colégio Pedro II, o bacharelado em letras poderia ser utilizado como requisito para a matrícula na FMB. O mesmo argumento é defendido pelos memorialistas e professores João Antunes de Azevedo Chaves (1857), Antonio José Alves (1858) e José de Goes Sequeira (1859). Sequeira comenta que aqueles que pretendiam seguir a carreira médica deveriam

---

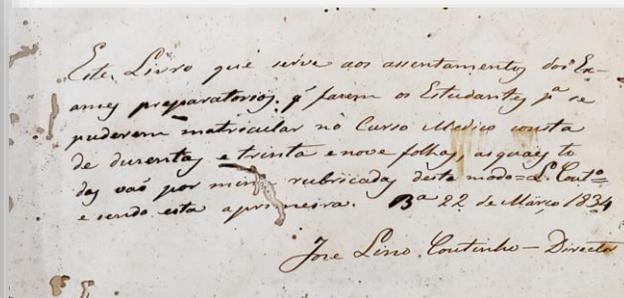
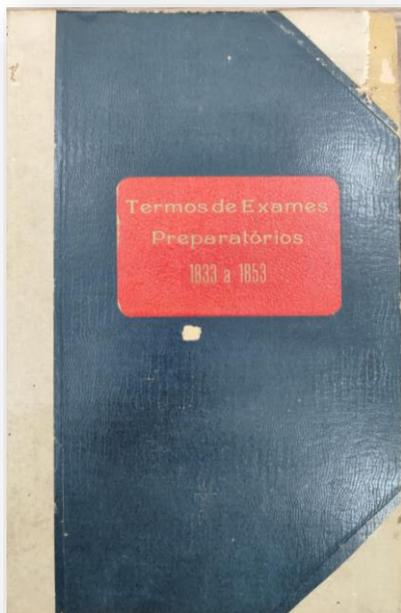
e entre as exigências estavam saber ler e escrever, conhecer a língua francesa e as quatro operações aritméticas. Adicionalmente, as solteiras deveriam apresentar a licença dos pais e as casadas, o consentimento dos maridos.

Ilustração 1: Livro de registro de matriculas da FMB (1816-1874)



Fonte: Archivo Histórico Anselmo Pires de Albuquerque - FMB

Ilustração 2: Livro de registro dos exames preparatórios da FMB (1833-1853)



Fonte: Archivo Histórico Anselmo Pires de Albuquerque - FMB

possuir uma formação com conhecimentos mais amplos do que os exigidos nos exames preparatórios da FMB e cita, à guisa de comparação, que em países como Alemanha, Holanda, Itália e França é exigida formação literária e científica para o acesso aos cursos de Medicina. Sugere que, organizado nos moldes do Colégio Pedro II, o Liceu Provincial da Bahia poderia, com a inspeção de uma comissão da Faculdade, abrigar os exames preparatórios dos aspirantes ao curso médico que não tivessem o grau de bacharel em letras. E conclui:

isto por certo será mais vantajoso á todos os respeitos, pois quem por essa forma apresentar-se habilitado reunirá outros conhecimentos, terá noções mais completas de matérias que não estão incluídas nos preparatórios hoje admittidos, terá emfim o espirito mais cultivado e ornado do que aquelles que estudão essas disciplinas isoladamente, sem algum sistema e regularidade para passarem por exames n'esta Faculdade segundo a praxe estabelecida (Sequeira, 1859, p. 21).

Algo a ser observado nos requisitos para o ingresso na formação médica desde 1808 é a presença constante dos conhecimentos em línguas, notadamente o francês, o inglês e o latim. Fora deste escopo, estava o português, que, ao parecer, entendia-se que bastava saber ler e escrever. Para além de questões políticas e sociais e de colonialismo cultural arraigado na sociedade brasileira do oitocentos, tal fato pode ser entendido a partir do ponto de vista do acesso ao conhecimento médico, que neste período tinha significativa produção de autores franceses, ao mesmo tempo em que mantinha uma herança de obras médicas clássicas publicadas em latim. Antonio Mariano do Bonfim, em sua *Memória Histórica* relativa ao ano de 1860, faz a observação de que poucos homens de ciência poderiam se orgulhar dos seus conhecimentos em língua vernácula e sugere que a FMB propusesse incluir entre os preparatórios o exame de português, tal qual se praticava na França, que em tudo os brasileiros gostavam de imitar, e onde o ingresso no curso médico tinha como requisitos os bacharelados em letras e em ciências, dos quais faziam parte os conhecimentos de língua materna. O exame de língua portuguesa como um dos requisitos para o ingresso nos cursos da FMB só viria a ser instituído com a reforma Leôncio de Carvalho, em 1879.

### 5.2.2 A docência na Faculdade de Medicina da Bahia

A docência no âmbito da Escola de Cirurgia começou com apenas dois professores. Nas décadas seguintes, as reformas implementadas no curso e a diversificação dos componentes curriculares fizeram com que o número de docentes na instituição fosse aumentando, sendo divididos em duas classes: o catedrático, também chamado lente proprietário, era o titular da cátedra/cadeira/matéria/disciplina; e o substituto e/ou opositor, aquele que era encarregado de

substituir o proprietário nas atividades da cátedra quando este tinha algum impedimento. Grosso modo, o catedrático ingressava no corpo docente por nomeação do governo que envolvia, em muitos casos, indicações políticas. De outra forma, o substituto e/ou opositor era selecionado para ingressar no corpo docente por meio de concurso. Entretanto, houve algumas especificidades com relação ao provimento desses cargos ao longo da história da FMB.

#### 5.2.2.1 *Mecanismos de ingresso de docentes na FMB*

Nas reformas do ensino médico, a primeira menção ao ingresso de professores é na Carta Régia de 1815, quando estipula que os cirurgiões formados no Colégio Médico-Cirúrgico seriam incorporados como membros da Instituição e opositores das cadeiras do curso. Naquele ano de 1816, durante o processo de instalação do Colégio, foram nomeados quatro docentes, ditos catedráticos, e um substituto. Uma característica dessa nomeação é que os professores foram indicados para lecionar em cada um dos anos do curso<sup>48</sup>, não necessariamente para uma cadeira em específico. Por exemplo, Antônio Ferreira França, indicado como professor do 3º ano, deveria lecionar higiene, etiologia, patologia e terapêutica. José Alvares do Amaral, indicado como substituto, deveria suprir a ausência dos professores do 1º, 2º e 4º anos, conforme a necessidade. Nos anos seguintes, à medida que o Colégio formava cirurgiões, alguns deles foram sendo indicados pela Congregação e nomeados pelo governo como opositores. Na prática, neste período o opositor passou a desempenhar a função de professor substituto, mas poderia também atuar em alguma outra função administrativa do Colégio, como secretário ou tesoureiro.

A lei de 3 de outubro de 1832 padronizou a nomenclatura dos cargos e definiu o quadro docente em quatorze professores catedráticos, agora um para cada cadeira criada, e seis professores substitutos, sendo estes em número de dois para cada uma das três seções (*Acessória, Cirúrgica e Médica*). Os catedráticos continuariam sendo indicados pelo governo, enquanto os cargos de substituto deveriam ser providos por concurso. Como mecanismo de ascensão na carreira, foi estabelecido que apenas os professores substitutos poderiam, mediante concurso interno, suceder os catedráticos uma vez que estes cargos vagassem. Quanto à aposentaria, a lei indicava que os professores da FMB teriam as mesmas prerrogativas dos

---

<sup>48</sup>Nesse primeiro momento não foi indicado um professor para o 4º ano do curso, o que viria a ocorrer apenas em 1818 com a nomeação de Manuel da Silveira Rodrigues, que tomou posse em 1819 (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855).

professores dos cursos jurídicos, ou seja, poderiam se jubilar com o ordenado por inteiro após vinte anos na docência.

Algo curioso com relação a organização administrativa do trabalho docente nesse período é que a reforma de 1832 começou a ser implementada com o Colégio Médico-Cirúrgico em pleno funcionamento, isto é, a agora nomeada Faculdade de Medicina da Bahia estava com o ano letivo em andamento, com alunos matriculados e professores lecionando. Muitos desses professores foram mantidos como titulares das disciplinas que já lecionavam, novos professores foram nomeados para as cátedras então criadas, mas outros, que já estavam no quadro docente, não chegaram a ser indicados para nenhuma cadeira. A situação colocou alguns professores da FMB em um limbo administrativo, sem cátedra, sem alunos e sem atividades designadas para executar. Em 1833, as *Atas da Congregação* registram o recebimento de um aviso<sup>49</sup> da Secretaria de Estado dos Negócios do Império determinando que "[...] as cadeiras de organização antiga fossem regidas pelos lentes atuais, e que os lentes desocupados fossem obrigados a substituir e coadjuvar os trabalhos da Faculdade, devendo um deles ser o tesoureiro, enquanto não houver substituto que exerça estas funções [...]" (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855).

A reforma de 1854 manteve as classes de catedrático, com dezoito lentes correspondentes às cadeiras do curso, de substituto, em número de dois para cada uma das três seções, e criou o cargo de opositor, estabelecido em cinco para cada seção. Determinou uma carreira docente em três níveis, com hierarquia, prerrogativas e mecanismos de acesso: o catedrático, indicado pelo governo, só poderia ser sucedido pelo substituto mais antigo da seção à qual estava vinculada a cátedra; já o substituto só poderia ser sucedido pelo opositor, este escolhido a partir de uma lista tríplice enviada pela Congregação ao governo, composta por aqueles mais bem qualificados no último concurso realizado, independentemente da seção; os opositores, por sua vez, só acessavam a carreira docente via concurso, aberto a qualquer interessado que possuísse diploma médico. Estes concursos incluíam exame escrito, prova oral, exame prático e apresentação de tese.

Foi instituída a possibilidade de os professores catedráticos fazerem a troca de cadeiras entre si. Outrossim, caso uma cátedra vagasse, esta poderia ser requerida por algum catedrático interessado, antes que fosse indicado um substituído para ocupá-la. Os opositores deveriam atuar como preparadores das aulas práticas, sob a coordenação direta dos lentes catedráticos ou dos substitutos em exercício. A jubilação passou a ser possível a partir dos vinte e cinco anos

---

<sup>49</sup>O "Aviso" é um tipo de correspondência administrativa muito comum nas instâncias governamentais no Brasil do século XIX, conforme consta no acervo do Arquivo Histórico Anselmo Pires de Albuquerque, da FMB.

de serviço, mantida a integralidade da remuneração. Aquele docente que optasse por seguir trabalhando após esse período, recebia uma gratificação adicional no salário.

No que se refere à representação coletiva do corpo docente, cabe destacar que a Reforma Bom Retiro é a que estabelece, oficialmente, a forma como deveriam funcionar os ritos da instituição “Congregação dos Lentes” dentro das faculdades de medicina, algo não indicado nas reformas anteriores.

A primeira experiência da Congregação na Bahia foi em 1816, durante o processo de instalação do Colégio Médico-Cirúrgico. Internamente, os professores nomeados naquele momento começaram a se organizar e passaram a tomar decisões colegiadas, ainda que tivessem que submetê-las posteriormente à instância governamental da capitania, depois província da Bahia. Ali foram se estabelecendo trâmites e ritos que se consolidaram na prática administrativa da FMB durante as décadas posteriores, muitos deles agora espelhados no texto da reforma de 1854, como os critérios para a votação nas decisões emanadas do grupo, as sucessões e substituições nos cargos, a frequência mensal das reuniões.

#### 5.2.2.2 *Lentes Catedráticos e Substitutos na cadeira de Anatomia Descritiva*

Oficialmente o professor pioneiro foi José Soares de Castro (1772-1849)<sup>50</sup>, encarregado por Joze Correa Picanço de ministrar aulas na cátedra de *Anatomia e Operações Cirúrgicas* no âmbito da Escola de Cirurgia da Bahia. Nascido em Portugal, Soares de Castro era cirurgião-mor no Hospital Real Militar da Bahia e teve sua formação no Colégio São José, de Lisboa. Suas funções como docente na Escola de Cirurgia eram remuneradas com a quantia anual de 460\$000 (quatrocentos e sessenta mil réis) (Albuquerque, 1917). Poucas são as informações sobre a sua atuação como docente na cátedra instalada em 1808, entretanto sabe-se que produziu e publicou, entre 1812 e 1815, ao menos quatro compêndios de anatomia para uso dos seus discípulos. Quando da instalação do Colégio Médico-Cirúrgico, em 1816, Soares de Castro foi mantido como professor da cátedra, agora chamada de *Anatomia Geral*, alocada no primeiro

---

<sup>50</sup>Diz-se de maneira oficial, pois José Soares de Castro foi, efetivamente, o primeiro indicado pela Coroa Portuguesa para lecionar anatomia. Contudo, há notícias de que conhecimentos anatômicos já eram ensinados na Bahia ao menos desde o final do século XVIII, através da atuação de José Xavier de Oliveira Dantas, cirurgião-mor do Quarto Regimento de Milícias que, em 1798, enviou pedido ao então governador da capitania da Bahia para que as aulas de anatomia e cirurgia que vinha ministrando em sua residência fossem transformadas em Aulas Régias. Em 1799, o pedido lhe foi negado sob o argumento de que para abrir aulas desta natureza a Coroa escolheria professores mais hábeis, caracterizando como de pouca expressão o trabalho que Dantas exercia como cirurgião-mor no Regimento de Milícias e ressaltando ainda o fato dele ser pardo (Arquivo Histórico Ultramarino, 1799).

ano do curso. Neste período, as fontes analisadas também apresentam poucas informações sobre as suas atividades como professor. O livro *Termos dos Exames e Atos dos Estudantes do Colégio Médico-Cirúrgico* (1816-1847) assinala a sua participação nas bancas dos exames anuais dos estudantes, ora como membro avaliador, ora como presidente. Também as *Atas* indicam a sua presença nas discussões e reuniões da Congregação, assim como registram o seu afastamento por alguns meses da função, o que ocorreu, ao menos, em três períodos: em 1816, para ir ao Rio de Janeiro, sem motivo declarado; em 1824, por questões de saúde; e em 1825, também sem motivo declarado. Nessas ausências, foi substituído na cátedra de *Anatomia Geral* por três professores distintos: primeiramente José Alvares do Amaral (1771-1825), como lente substituto do 1º ano, nomeado em 1816; Fortunato Cândido da Costa Dormund (1790-1845), que foi indicado em 1824 como substituto do 1º ano; e por fim, em 1825, Jonathas Abbott (1796-1868), também recém-indicado como professor substituto do Colégio (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855). A carreira docente de José Soares de Castro se encerrou em 1828, quando após vinte anos de serviço e recebendo um soldo anual de 600\$000 (seiscentos mil réis), solicitou aposentadoria ao governo<sup>51</sup> (Albuquerque, 1917).

O indicado para assumir o posto de catedrático de *Anatomia Geral* no lugar do lente pioneiro foi Jonathas Abbott que, formado cirurgião no Colégio Médico-Cirúrgico, foi aluno de Soares de Castro nos estudos de anatomia. Abbott nasceu em Londres e chegou à Bahia em 1812, aos 16 anos. Foi um dos primeiros matriculados em 1816, no bojo da reforma então implementada, tendo concluído o curso em 1821. Em seu período como estudante, foi premiado como melhor aluno do 2º e do 3º ano<sup>52</sup>. Quatro anos após a formatura, já incorporado como membro e opositor do Colégio nos termos do artigo 16 da Carta Régia de 1815, substituiu o lente proprietário de anatomia. Nesta função, Abbott solicitou ao Colégio que fosse remunerado de acordo com o trabalho que estava desempenhando, uma vez que o salário do professor substituto era a metade da remuneração anual do catedrático, ou seja, 300\$000 (trezentos mil réis). Sua nomeação como catedrático de *Anatomia Geral* se deu em outubro de 1828, mas a posse só seria efetivada em março de 1829, no início do ano letivo.

---

<sup>51</sup>As *Atas da Congregação* não registram nem a aposentadoria de Soares de Castro, nem a nomeação do seu substituto, pois 1827 a 1828 é um dos períodos em que esses documentos não foram produzidos ou se perderam.

<sup>52</sup>O prêmio foi dado a partir de 1817 quando José Avelino Barbosa relatou ter recebido de Manoel Luis Alvares de Carvalho, considerado o fundador do Colégio, uma pequena remessa de livros para serem distribuídos como prêmios aos estudantes que os professores julgassem mais distinguidos (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855).

Uma vez empossado, Abbott começou a preparar a realização de uma viagem de dois anos à Europa com o objetivo de aprimorar a sua capacitação em medicina. Meticuloso, elaborou um plano de estudos que incluía a frequência em cursos livres ministrados por renomados médicos e cirurgiões na França e a obtenção de um título de doutorado em cirurgia na Itália<sup>53</sup>. O seu pedido de licença com vencimentos foi concedido pelo governo e ele partiu rumo, primeiramente à Inglaterra, em visita a parentes, indo depois a Paris, aonde chegou no final de setembro de 1830.

Durante cerca de um ano frequentou assiduamente hospitais na cidade acompanhando as atividades práticas dos colegas franceses, assistiu a diversos cursos, sobretudo de anatomia, tendo praticado diversas dissecações em anfiteatros anatômicos da cidade. O título de doutorado em cirurgia, que Abbott almejava obter na Universidade de Bolonha, segundo ele por ser umas das mais antigas e tradicionais do mundo, só pôde ser obtido na Universidade de Palermo, pois no período do ano em que se deslocou para a Itália, a Universidade de Bolonha estava fechada. Para acessar os meios acadêmicos na França, Jonathas Abbott se utilizou de redes de sociabilidade que se estenderam desde a Bahia até Paris, aonde chegou recomendado ao Visconde de Pedra Branca<sup>54</sup>. Por intermédio do Visconde, Abbott travou contato com médicos na cidade que, por sua vez, o levaram a conhecer e frequentar as atividades de seu interesse nos anfiteatros anatômicos e hospitais franceses. Na Itália, enquanto aguardava o deferimento do seu pedido de inscrição na Universidade de Palermo, procurou o vice-cônsul do Brasil para reconhecer o seu diploma e assim realizar os exames do doutorado em cirurgia. Ali também teve acesso a hospitais e frequentou espaços como museus, teatros e bibliotecas. De volta à França, Abbott continuou com os estudos, que seguiu conciliando com visitas rotineiras ao *Jardin des Plantes* de Paris e sua Galeria de Anatomia Comparada, assim como a museus e teatros<sup>55</sup> (Abbott; Galvão, 2007).

---

<sup>53</sup>A viagem de estudos de Jonathas Abbott, realizada entre 20 de julho de 1830 e 18 de agosto de 1832, foi registrada em *Diário*, transcrito e publicado em 2007 (Abbott; Galvão, 2007). É importante ressaltar que esta viagem foi realizada por iniciativa própria e não tem relação com os mecanismos de atualização científica instituídos pelo governo nas faculdades de medicina, como o “Médico Viajante” (art. 30 da reforma de 1832) e as “Comissões e investigações em benefício da ciência e do ensino da medicina” (art. 13-19 da reforma de 1854.)

<sup>54</sup>Domingos Borges de Barros (1780-1855), primeiro e único Barão, depois Visconde de Pedra Branca. Político baiano nomeado em 1823 como representante do Brasil na França para negociar o reconhecimento da Independência (Neves, 2007). Não se sabe, ao certo, quem teria sido o autor da carta de recomendação que Jonathas Abbott cita ter entregado ao Visconde.

<sup>55</sup>Biógrafos de Jonathas Abbott destacam o seu apreço pelas artes plásticas que o levou a montar uma significativa pinacoteca, que se tornou, décadas depois, um dos núcleos iniciais do acervo do Museu de Arte da Bahia (Abbott; Galvão, 2007; Valladares, 1951).

**Ilustração 3:** Lentes Proprietários na Cátedra de *Anatomia Descritiva* – 1808-1861



**Primeiro professor - 1808-1828**

**José Soares de Castro (1772-1849)**

**Segundo professor - 1828-1861**

**Jonathas Abbott (1796-1868)**



A viagem de estudos de Jonathas Abbott pode ser considerada como de grande relevância para as atividades do ensino de anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia, pois quando retornou e reassumiu a cadeira de *Anatomia Descritiva*, o professor trabalhou para sistematizar e implementar, com base nos conhecimentos que adquiriu, uma metodologia de ensino eminentemente prática, tendo sido o responsável pela montagem do Gabinete Anatômico como espaço das atividades de ensino. Sua atuação como docente na FMB não se restringia às lições da cátedra, tendo sua presença bastante citada nas discussões estabelecidas no âmbito da Congregação, assim como em diversos documentos administrativos e acadêmicos como membro de bancas de avaliação de estudantes (exames anuais e teses). Ocupou o cargo de vice-diretor da Faculdade em 1837 e de diretor interino por algumas vezes, por ser o professor mais antigo da Casa (Oliveira, 1992). Em 1859, quando da visita do Imperador Pedro II à FMB, Abbott performou a dissecação de um cadáver fazendo a demonstração da aorta e suas ramificações, sendo um dos poucos professores elogiados pelo monarca<sup>56</sup>.

A produção bibliográfica de Abbott é composta por seus discursos de abertura e encerramento das aulas na cátedra de *Anatomia Descritiva*, produzidos entre 1834 e 1860, que se tornaram fontes fundamentais para compreender a visão do professor sobre o ensino e a importância dos conhecimentos anatômicos na educação médica. Além de outras obras literárias, publicou, entre 1840 e 1843, compêndios de anatomia para uso dos seus alunos<sup>57</sup> (Abbott; Galvão, 2007).

A aposentadoria de Jonathas Abbott se deu em 28 de junho de 1861, depois de trinta e seis anos atuando como professor de anatomia, sendo que neste período o docente poderia se jubilar com vinte e cinco anos de serviço e vencimentos anuais de 2:000\$000 (dois contos de réis). Em discurso proferido no encerramento do ano letivo de 1854, comentou com os estudantes sobre sua aposentadoria:

Não sei se terei outra ocasião de despedir-me de Estudantes; mas quer o Governo de S. M. Imperial ordene em sua sabedoria que eu continue, ou que me retire, farei votos para que os futuros alumnos de Anatomia desta Eschola sejam tão bons como vos tendes sido; e que o futuro Professor desta cadeira deseje, e promova tanto a prosperidade e aproveitamento de seus ouvintes, como eu a vossa desejo (Abbott, 1854, p. 242).

---

<sup>56</sup>A visita de Pedro II à FMB, entre os dias 10 e 11 de outubro de 1859, incluiu a assistência a aulas de professores das diversas matérias do curso médico, aos quais o imperador nem sempre fez comentários benevolentes (Pedro II, 2003).

<sup>57</sup>Da produção bibliográfica de Abbott tivemos acesso apenas aos seus discursos, coletados nos acervos da Bibliotheca Gonçalo Moniz da FMB, Biblioteca Nacional (Brasil) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Mais de quinze anos antes, em outro discurso, Abbott já havia abordado a questão da sua aposentadoria e de seu possível substituto:

Qual não será o meu dissabor saber um dia que tive por Successor na Cadeira que hoje occupo, um Lente, filho de outra Eschola! É qual ao contrario não será o meu prazer ver nos meos velhos dias muitos d'entre vós manejar ousados os seus certos escalpelos, em beneficio dos nossos agonizantes concidadãos! E algum de vós mais do que eu (Abbott, 1837, p. 10).

Quando de sua jubilação, Jonathas Abbott era tido em alto conceito pela comunidade da FMB, especialmente entre o alunado, sendo sempre mencionado em notas efusivas de agradecimento nas teses defendidas no período (Silva, 1862). Naquele ano de 1861, após trinta e seis anos como lente proprietário da cátedra de *Anatomia Descritiva*, quase todos os que compunham o quadro de professores da FMB haviam sido seus discípulos, inclusive aquele que veio a substituí-lo em 1862, respeitando, assim, o desejo do mestre, expressado vinte e quatro anos antes.

No período em que foi catedrático, Abbott se afastou poucas vezes das atividades como docente, sendo registradas nas *Atas* apenas três ausências: a primeira vez entre 1830 e 1832, quando se licenciou para realizar viagem de estudos à Europa, a segunda em 1833, por motivos não declarados, e em 1834 para ir ao Recôncavo. Nessas ocasiões foi substituído, primeiramente, por João Antunes de Azevedo Chaves (1805-1873), à época professor substituto do quarto ano. No segundo e terceiro afastamento do titular, a cátedra foi regida por Manoel Ladislau Aranha Dantas (1817-1875), como professor substituto que era da *Seção de Ciências Cirúrgicas*.

A escolha do novo catedrático para ocupar a vaga deixada por Jonathas Abbott na cadeira de *Anatomia Descritiva* deveria recair sobre um dos professores substitutos da *Seção de Ciências Cirúrgicas*, que à época eram José Antonio de Freitas e Antonio José Alves, sendo este último o mais antigo no cargo. Entretanto, apesar de informado pela direção da FMB de que deveria nomear o Dr. Alves, o governo retardou uma resposta, que só viria a ser encaminhada meses depois, mas não com a indicação do substituto de Abbott, e sim com um decreto de jubilação compulsória para outros cinco professores e a nomeação de Antonio José Alves para ocupar a cadeira de *Clínica Externa*, uma das que ficaram vagas com a aposentadoria coletiva. Como José Antonio de Freitas, o outro professor substituto da *Seção de Ciências Cirúrgicas*, também foi, pelo mesmo decreto, indicado para assumir a cadeira de *Operações*, ficou a cátedra de *Anatomia Descritiva* sem professor. Apenas no final de 1861 foi aberto concurso para suprir o lugar de lente catedrático deixado por Jonathas Abbott (Silva, 1862). No início do ano letivo de 1862, ainda com os trâmites do concurso em andamento, a Congregação

**Ilustração 4: Lentes Substitutos na Cátedra de *Anatomia Descritiva* – 1808-1861**

**1816**



**José Alvares do Amaral  
(1771-1825)**

**1824**



**Fortunato Candido da Costa Dormund  
(1790-1845)**

**1825**



**Jonathas Abbott  
(1796-1868)**

**1830-1832**



**João Antunes de Azevedo Chaves  
(1805-1873)**

**1833 e 1834**



**Manoel Ladislau Aranha Dantas  
(1817-1875)**

nomeou Adriano Alves de Lima Gordilho (1830-1892), para atuar interinamente na cátedra até que se findasse o processo seletivo.

Abertas as inscrições, se candidataram à vaga Adriano Alves de Lima Gordilho, Augusto Gonçalves Martins e Domingos Carlos da Silva, todos professores opositores da *Seção de Ciências Cirúrgicas*. O concurso incluiu prova escrita, prova oral, prova prática e apresentação de tese. O aprovado foi Adriano Alves de Lima Gordilho, cuja prova escrita versou sobre “Anatomia descritiva das paredes abdominais”, prova oral sobre “Paralelo entre as principais divisões das artérias dos membros torácicos e abdominais” e na prova prática tirou o ponto “Preparação e demonstração da ação axilar”. A tese apresentada por Adriano Gordilho no concurso foi *Considerações sobre o systema nervoso ganglionario e suas connexões com o systema nervoso cerebro-espinhal*<sup>58</sup> (Faculdade de Medicina da Bahia, 1862-1874). Sobre o vencedor do concurso, Domingos Rodrigues de Seixas, memorialista de 1862, comenta:

Não se nos dá de dizer, que o concurrente a que nos referimos, já preparado ha mais tempo para o concurso, apromptou-se em demasia, somente por amor da gloria e da própria reputação. A prova pratica do seo concurso foi, no entender dos provectoros, uma prova Europea, e todas as demais constituem um honroso padrão (Seixas, 1863, p. 25).

Adriano Alves de Lima Gordilho foi nomeado como sucessor de Jonathas Abbott na cátedra de *Anatomia Descritiva* em outubro de 1862.

### 5.2.2.3 Preparadores e auxiliares no ensino de Anatomia Descritiva

A presença de preparadores, demonstradores e demais pessoas para auxiliar nas atividades práticas de ensino (guardas, zeladores, conservadores) nem sempre foi uma constante na cátedra de *Anatomia Descritiva*. Na época do Colégio Médico-Cirúrgico e período de atuação de José Soares de Castro como catedrático (1808-1828), apenas em 1826 as *Atas da Congregação* fazem menção a necessidade de o governo contratar um demonstrador para a aulas práticas de anatomia, sem, contudo, registrar nos anos posteriores, se o pedido foi atendido ou não. Com a reforma de 1832 e a determinação de que os professores substitutos passassem a atuar como preparadores, é que esse personagem começa a figurar no quadro de pessoal da cátedra.

Já com Jonathas Abbott como lente proprietário, em 1833 as atividades práticas de anatomia descritiva passaram a contar com o auxílio de Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira

---

<sup>58</sup>[Salvador]: Typographia de Camillo de Lellis Masson & C., 1862.

(1796-1846), quando a Congregação o encarrega de cuidar das preparações anatômicas. Francisco Sabino, formado cirurgião no Colégio<sup>59</sup>, tomou posse como substituto da *Seção de Ciências Cirúrgicas* em 12 agosto de 1833, sendo logo designado (21/08) para atuar como preparador na cadeira de *Anatomia Descritiva*, tendo, contudo, permanecido apenas alguns meses na função. Ainda no mesmo ano, a Congregação resolveu indicar um funcionário da FMB, Joaquim Antônio de Oliveira, como responsável pelo anfiteatro anatômico. Até então, o anfiteatro estava sob os cuidados do porteiro da Faculdade e, assumindo o novo encarregado, lhe foi solicitado que fizesse um inventário completo dos utensílios existentes no local. No ano seguinte, em 1834, as *Atas* registram a designação de Manoel Ladislau Aranha Dantas como preparador da cadeira de *Anatomia Descritiva*, cuja posse como professor substituto da *Seção de Ciências Cirúrgicas* havia ocorrido em 8 de novembro de 1833 (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855).

A partir desse período, segue-se um hiato de informações nas fontes consultadas sobre preparadores e pessoal auxiliar atuando nas atividades de ensino na cátedra de *Anatomia Descritiva* e novas menções só voltam a aparecer na década de 1850. Em 1855, Manoel Ladislau Aranha Dantas, agora como memorialista, relata que Antonio José do Valle, funcionário da FMB, havia sido nomeado pelo diretor como guarda do anfiteatro anatômico (Dantas, 1856). A reforma de 1854 e seus regulamentos estabeleceram a criação de um gabinete de anatomia, cujo funcionamento e organização previa a presença de um conservador e dois serventes, com atribuições bem definidas, sendo o mesmo aplicado com relação ao anfiteatro anatômico. Contudo, os documentos institucionais da FMB no período não registram a indicação de outros funcionários, além de Antonio José do Valle, para desempenhar estas funções na Instituição.

Em 1856, preparadores na cátedra de *Anatomia Descritiva* voltam a ser mencionados com a nomeação de Adriano Alves de Lima Gordilho para a função, haja vista a sua posse como opositor da *Seção de Ciências Cirúrgicas*, após aprovação em concurso. Neste mesmo ano, tomando como prerrogativa o que previa a reforma de 1854 com relação aos opositores e a realização de cursos particulares, Adriano Gordilho começou a ministrar nas dependências da Faculdade um curso particular de operações com demonstrações em cadáveres, atividade que

---

<sup>59</sup>Não se sabe ao certo o ano de sua formatura, mas sim de sua matrícula no Colégio-Médico Cirúrgico, efetuada em 23 de março de 1816 (Britto, 2002). Além de professor substituto da *Seção de Ciências Cirúrgicas* e preparador de anatomia, Francisco Sabino desempenhou outras funções na FMB, tendo assumido o cargo de tesoureiro (14/08/1833) e sendo designado para substituir José Avelino Barbosa (26/08/1833) quando este, por questões de saúde, se afastou das atividades de ensino na cadeira de *Pathologia Interna* (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855).

**Ilustração 5:** Preparadores na Cátedra de *Anatomia Descritiva* – 1808-1861

**1833**



**Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira  
(1796-1846)**

**1834**



**Manoel Ladislau Aranha Dantas  
(1817-1875)**

**1856-1861**



**Adriano Alves de Lima Gordilho  
(1830-1892)**

se repetiu no ano seguinte (Chaves, 1857; Alves, 1858). O trabalho realizado pelo futuro catedrático de *Anatomia Descritiva* como preparador foi bastante elogiado por Jonathas Abbott em um de seus discursos, no qual destaca a diligência e o comprometimento do então professor opositor: “Folgo pois de valer-me desta ocasião para render a este joven Pratico o louvor devido ao seu reconhecido zelo, merecimento, e prestimosas qualidades” (Abbott, 1858, p. 6).

### 5.3 PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ANATOMIA NA FMB

Para investigar o processo de ensino-aprendizagem de anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia examinamos, de acordo com o modelo teórico proposto nesta pesquisa, como se dava, de forma mais ampla, o funcionamento das etapas desse processo na Instituição, ou seja, ao olhar o todo (processo de ensino-aprendizagem FMB), buscamos compreender melhor o específico (processo de ensino-aprendizagem de anatomia na FMB). Nesse sentido, procuramos observar os *conteúdos*, a *metodologia de ensino*, os *meios materiais/instrumentos ou tecnologias de ensino*, o *cenário das atividades práticas* e a *avaliação* como etapas desse processo.

No contexto da FMB do século XIX, essas etapas podem ser analisadas como parte de três instâncias (estrutural, normativa e intelectual), caracterizadas de acordo com as competências atribuídas aos sujeitos envolvidos no seu processo de planejamento/execução, seja a nível institucional, seja a nível individual. No âmbito institucional, o governo (central no Rio de Janeiro e sua representação local, o governo provincial da Bahia) deveria prover os recursos para a aquisição dos *meios materiais/instrumentos ou tecnologias de ensino*, assim como a estrutura física necessária para a realização das atividades, ou seja, o *cenário das práticas*. O governo também era, numa perspectiva mais macro, o responsável por dar conta da instância normativa, publicando leis e regulamentos sobre os quais a Congregação da FMB tinha alguma ingerência estabelecendo, de forma mais específica, normas e ritos para a realização das atividades de ensino, especialmente da *avaliação*. No âmbito individual, estava a instância intelectual, a cargo dos docentes, responsáveis por pensar e definir os *conteúdos* e as *metodologias de ensino*, isto é, o que deveria ser ensinado e como. É óbvio que sem os agentes (professores, pessoal auxiliar) não haveria ensino, e o governo, como responsável pela instância estrutural, deveria nomear os funcionários necessários para o pleno funcionamento das atividades na instituição. Entretanto, o provimento de pessoal não se caracteriza como uma etapa do processo de ensino-aprendizagem, à qual os estudantes estão submetidos para alcançar uma formação ao final do curso.

As etapas do processo de ensino-aprendizagem na FMB se davam dentro do chamado “ano letivo”, que, de modo geral, tinha seu começo marcado pela abertura dos editais para a inscrição dos interessados em participar dos exames preparatórios, em seguida a realização desses exames, a matrícula, dos novos alunos e também dos antigos nos anos subsequentes, as aulas propriamente ditas, os exames anuais (teóricos e práticos), as defesas de teses e, por fim, a cerimônia de colação de grau, quando havia concluintes. O período em que essas atividades ocorriam variou um pouco ao longo dos anos de acordo com as reformas. No Colégio Médico-Cirúrgico o ano letivo começava mês de março e se encerrava no começo de dezembro. A partir de 1832, início em primeiro de março, aulas até o final de outubro e a realização dos exames até 20 de dezembro. Já de 1854 em diante, começava em 3 de fevereiro, aulas de 15 de março até 30 de outubro e realização de exames e de colação de grau no começo do mês de dezembro. Nessa organização anual das atividades, o horário/frequência/dias da semana em que as aulas deveriam ocorrer, assim como os programas das matérias (cadeiras), eram definidos sempre na primeira Congregação do mês de março; o rito da defesa de teses foi instituído em 1832 e passou a figurar como parte do processo avaliativo dos formandos da FMB a partir de 1836; dentro do ano letivo eram considerados “feriados os dias de entrudo até quarta feira de Cinza; os da semana Santa e da Paschoa; e os dias de festa ou de luto nacional” (Brasil, 1854).

### 5.3.1 Conteúdos

Os conteúdos do ensino ministrado nas aulas estavam a cargo dos professores, aos quais o governo, com base na reputação profissional que estes ostentavam na sociedade, confiava a tarefa de definir o que deveria ser ensinado aos que almejavam a formação médica. Assim era desde a criação da Escola de Cirurgia em 1808, ainda que naquele momento a Carta Régia apontasse, de maneira genérica, o conteúdo do que deveria ser ensinado ao sinalizar que se ensinasse “a cirurgia propriamente dita, mas [também] a anatomia como bem essencial d’ella, e a arte obstetricia tão útil como necessaria” (Pereira, 1923, p. 4). A Carta Régia de 1815 também menciona os conteúdos de forma genérica, prevendo que deveriam ser ministrados conhecimentos de anatomia em geral no primeiro ano e “explicação das entranhas” no segundo ano. As especificidades ficavam por conta dos professores. Nos regulamentos publicados após a reforma de 1854 (Brasil, 1856), ficou estabelecido que os lentes catedráticos deveriam, no início de cada ano letivo, apresentar à Congregação os programas com o conteúdo do que seria ministrado aos estudantes em cada uma das matérias do curso médico. Uma vez aprovado, esse programa não poderia ser alterado sem deliberação da Congregação, podendo também ser

mantido para os anos posteriores, sem alterações, se assim o colegiado decidisse. As *Atas da Congregação*, entretanto, nem sempre especificam o teor desses conteúdos, trazendo, por vezes, apenas o sobrenome do autor do compêndio que seria utilizado nas aulas.

Na escolha desses conteúdos, pesava, certamente, a bagagem cultural do docente, a sua formação acadêmica e os conhecimentos médicos aos quais tinha acesso. Naqueles idos de 1808, José Soares de Castro, encarregado de ministrar aulas de anatomia, dispunha, muito provavelmente, apenas dos livros que tinha em sua posse para definir os conteúdos do ensino<sup>60</sup>, já que neste período ainda não havia imprensa na Bahia e a primeira biblioteca com um acervo mais geral, inclusive com livros médicos, só viria a ser estabelecida na Cidade do Salvador três anos depois<sup>61</sup>. Quatro anos após a instalação da cátedra, Soares de Castro começa a publicar aquelas que são as únicas fontes das quais se pode inferir os conteúdos específicos do ensino de anatomia na Escola de Cirurgia e no Colégio Médico-Cirúrgico.

Em 1812 sai *Elementos de osteologia pratica*, primeiro volume daquele que viria a ser um *Tratado de Anatomia*<sup>62</sup>, que nos anos seguintes contou com mais três volumes: *Da myologia* (v. 2, 1813), *Da angiologia* (v. 3, 1814), *Da nevrologia* (v. 4, 1815) (Castro, 1969). Desses, tivemos acesso ao primeiro volume<sup>63</sup>, no qual o autor explica a finalidade e o conteúdo daquela publicação:

Este Compendio, que tem por objecto a sciencia dos ossos, foi arranjado particularmente para os Alumnos da Aula, que tenho a meu cargo. [...] confesso sinceramente, que tirei a maior parte das melhores obras de Anatomia, que em diversos idiomas tem sahido á luz, e com especialidade, da famosa obra de Boyer, Sabatier, e de hum Anonimo (Castro, 1812, p. 6).

A despeito de pontuar que utilizou obras de anatomia publicadas nos mais diversos idiomas, Soares de Castro cita nominalmente apenas dois cirurgiões franceses, cujas famosas

---

<sup>60</sup>Radicado na Bahia não se sabe exatamente desde quando, não há notícias de que Soares de Castro tenha retornado em algum momento à Europa para realizar alguma atualização de conhecimentos no período em que foi professor.

<sup>61</sup>A Biblioteca Pública da Bahia, primeiro estabelecimento do gênero no país, foi criada em 1811 por iniciativa de membros da sociedade da época com o acervo composto por doações, dentre as quais, muitas obras de medicina, que passaram a ser disponibilizadas aos estudantes de cirurgia no período (Moraes, 2006). A primeira editora baiana também seria instalada em 1811, a Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, na qual Soares de Castro viria a publicar os seus livros (Castro, 1969).

<sup>62</sup>O v. 1 deste *Tratado* é o primeiro livro de medicina publicado na Bahia (Castro, 1969). Segundo o bibliógrafo baiano Sacramento Blake (Blake, 1883-1902), a obra de Soares de Castro viria a ter ainda um quinto volume, *Da splenchnologia*, impresso em 1829. Contudo, é pouco provável que esta publicação tenha efetivamente ocorrido, primeiro por conta do longo hiato em relação à edição do quarto volume, segundo porque, em 1829, Soares de Castro já estava aposentado das atividades como professor.

<sup>63</sup>Uma cópia digital nos foi gentilmente cedida pelo historiador Pablo Iglésias Magalhães, professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia, a partir de um exemplar da obra que possui em sua coleção particular.

obras publicadas na segunda metade do século XVIII, curiosamente, possuem o mesmo título: *Traité complet d'anatomie, ou description de toutes les parties du corps humain*. O trabalho de Sabatier<sup>64</sup> foi publicado em 1775, enquanto os volumes da primeira edição da obra de Boyer<sup>65</sup> saíram entre 1797 e 1805. Estas seriam, muito provavelmente, as obras utilizadas por Soares de Castro como referência para compor, não apenas o primeiro volume do seu *Tratado de Anatomia*, como também os posteriores, especialmente se observada a organização dos conteúdos apresentada nesses trabalhos<sup>66</sup>. Já o autor “Anônimo” e sua obra, que já se conservaram incógnitos por mais de duzentos anos, certamente assim permanecerá pelo resto da eternidade.

No que tange aos conteúdos presentes no livro, Soares de Castro, antes de adentrar especificamente o assunto da osteologia, traz coisa de página e meia de definições mais gerais destacando que “divide-se a Anatomia em seis partes, que vem a ser: Osteologia, que trata dos ossos; Miologia, dos músculos; Angiologia, dos vasos; Nervologia, dos nervos; Esplanchnologia, que descreve as vísceras; Adenologia, que faz conhecer as glandulas” (Castro, 1812, p. 9-10). A proposta do autor com o seu *Tratado* seria abordar cada uma dessas partes, segundo indica o anúncio do segundo volume da obra veiculado no jornal *Idade D'Ouro do Brazil* em 1813, entretanto, sabe-se que saíram apenas quatro volumes. Renato Berbert de Castro, em sua pesquisa referencial sobre a Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, compila informações sobre os outros volumes do trabalho de Soares de Castro, apontando que no volume *Da angiologia* (v.3) o autor descreve as artérias, as veias e os vasos linfáticos, mas não o coração, e que na parte quatro, *Da nervologia*, deixa de abordar o sistema nervoso central (Castro, 1969).

A produção bibliográfica de Soares de Castro aparece até 1815, quando além do quarto volume do seu *Tratado de Anatomia*, publicou o livro *Memorias physiologicas e praticas sobre o aneurisma e a ligadura das arterias*<sup>67</sup>, tradução que fez a partir da obra de Jean-Pierre Maunoir. Durante os treze anos posteriores que passou como professor catedrático de anatomia, não há registros de outras publicações de sua autoria.

---

<sup>64</sup>Raphaël Bienvenu Sabatier (1732-1811): cirurgião-chefe do Hôtel des Invalides, professor da Faculdade de Medicina de Paris e membro do Institut de France (Bibliothèque Nationale de France, 2024b).

<sup>65</sup>Alexis Boyer (1757-1833): cirurgião e anatomista, professor de patologia, médico do Imperador Napoleão I, Barão do Império, membro da Academia de Medicina da França (Bibliothèque Nationale de France, 2024b).

<sup>66</sup>As duas obras estão disponíveis em <https://archive.org/>.

<sup>67</sup>No original *Mémoires physiologiques et pratiques sur l'anévrisme et la ligature des artères* (A Genève: Chez J. J. Paschoud, Libraire, 1802).

Coube a Jonathas Abbott, como substituto de José Soares de Castro, dar seguimento ao fluxo de ensino na cadeira de *Anatomia Geral*, sendo que uma de suas primeiras providências depois de tomar posse como catedrático foi realizar uma viagem de estudos à Europa, conforme abordamos em tópico anterior. Esta viagem, como parte da formação acadêmica e profissional de Abbott, deve ter contribuído significativamente para a sua atribuição de definir os conteúdos do ensino na cátedra. Com a ausência de maiores detalhamentos com relação aos conteúdos nos documentos institucionais da FMB, nos debruçamos sobre a produção bibliográfica do professor na tentativa de identificar o que era ensinado na cátedra de *Anatomia Descritiva*, produção esta composta essencialmente pelos discursos de abertura e encerramento do ano letivo entre 1836 e 1860.

Da análise dos textos, foi possível apreender que, durante as suas aulas, Abbott buscava associar o ensino da arte da dissecação e do aprendizado técnico sobre as partes do corpo humano com uma compreensão mais ampla da anatomia como área do conhecimento de extrema relevância para o aprendizado em medicina, destacando para os alunos desde as interrelações dos conhecimentos anatômicos com as demais disciplinas (cátedras) do curso médico, até aspectos históricos, filosóficos, religiosos e éticos da prática anatômica e médica.

Entre os conteúdos específicos, assinala que iria abordar no ano letivo de 1838 conceitos de osteologia (ossos), artrologia (articulações), miologia (músculos), angiologia (sistema circulatório), esplancnologia (vísceras) e nervologia (sistema nervoso). Ressalta para os estudantes que a prática da dissecação é imprescindível, não só para conhecer os órgãos um por um, como também estudar no cadáver o “estado normal” do corpo humano e aprender a observar e diferenciar os estragos causados pelas doenças. No discurso de 1837, faz um resgate histórico da anatomia, desde a antiguidade até o começo do XIX, citando diversos trabalhos e autores referenciais na área, entre franceses, ingleses, italianos e alemães, ressaltando o fato de que o conhecimento anatômico só passou por avanços significativos quando a dissecação foi instituída como prática científica. Destaca o trabalho desenvolvido por Jacob-Benignus Winslow<sup>68</sup> como fundador da anatomia descritiva.

Entre os temas mais gerais, comenta entender a anatomia como base da filosofia, uma vez que “conhece-te a ti mesmo” é um dos primeiros ensinamentos apregoados pelos filósofos

---

<sup>68</sup>Jacob Benignus-Winslow (1669-1760), cirurgião e anatomista francês nascido na Dinamarca. Seu principal trabalho é *Exposition anatomique de la structure du corp humain* (Paris: Guillaume Desprez, Imprimeur & Libraire, Jean Desessartz, Libraire, 1732), o qual é distinguido como o primeiro livro sobre anatomia descritiva a descartar detalhes fisiológicos e explicações hipotéticas estranhas ao assunto. Popular entre professores e alunos, a obra foi amplamente usada como base em cursos de medicina e aulas de anatomia por quase um século após sua publicação (Whonamedit?, 2024).

antigos, “[...] inculcando assim, que para estudar os trabalhos do espirito, as forças intellectuaes, o desenvolvimento da razão, e a pratica da moral, era necessario estudar os meios que a natureza déra para taes fins” (Abbott, 1836, p. 6). Anos mais tarde comenta:

Oh, e quanto he philosophico, e sublime o painel do homem perscrutando assim a natureza! Estudando o frio cadaver de seu semelhante! Que de idéas, e quão differentes, se amontoão a tropel no espirito do homem pensador! Se he moralista, que salutareas reflexões poderá fazer! E se he Medico, que uteis licções para a pratica da sua Arte! (Abbott, 1844, p. 10).

A questão religiosa com relação a prática anatômica também é discutida por Abbot em seus discursos, mas com uma perspectiva diferente. Apesar de trazer concepções religiosas em seus textos, afirmando que o homem é criação de Deus, tais ideias parecem não conflitar com a sua proposta de estudo da anatomia a partir da dissecação de cadáveres, ao contrário. A crença de Abbott é a de que o homem seria uma criação divina e que, portanto, todo estudo (anatomia) e ciência (medicina) voltados para salvar e prolongar a vida humana também seriam divinos:

He tão sublime o objecto de Anatomia, que o proprio Deos desceo à condição do homem, para que o homem se approximasse á Deos; e o homem, cultivando os talentos, que Deos com prodiga mão lhe confiára, se tem quasi deificado. [...] Que pode haver de mais atrevido? Assim como, que pode haver de mais nobre, e sublime do que examinar a organização deste homem quasi deos, quasi creador? (Abbott, 1855, p. 10-11).

Refletindo sobre o aprendizado na sua cátedra, Abbott chama a atenção dos estudantes para a necessidade de se manter os estudos de forma contínua, enfatizando que os conhecimentos anatômicos ministrados em um ano letivo não se constituíam em um curso completo de anatomia:

[...] [o ano letivo] não he mais que um esforço continuo por demonstrar ocularmente que um mecanismo tam delicado e prodigioso, tam intrincado e inimitavel, tam vasto e solidario, tam palpavelmente divino, como o corpo humano, que tem de reclamar, e elle só todos os vossos talentos e luzes, quer no estudo escholar, quer na pratica da vossa Profissão, requer, exige, e merece que o conheçais, e approufundeis; e esta exigencia, este interesse, não vos apresento como a Estudantes em Medicina; mas sim como Jovens avidos de saber, anciosos por iniciar-se nos mysterios da organização de seus proprios corpos, movidos em summa pelos desejos de conhecer, e comprehender as molás da vida, os cómos e os porquês do seu funcionar (Abbott, 1857, p. 10).

Com essa perspectiva, Abbott buscava inculcar nos alunos a noção de educação continuada na profissão médica, algo a que se refere em diversos trechos dos seus discursos.

### 5.3.2 Metodologia de ensino

Panoramicamente falando, a metodologia utilizada no processo de ensino-aprendizagem na FMB do século XIX esteve organizada em lições teóricas e aulas práticas, conforme previa

as legislações (reformas), ainda que a realização dessas atividades enfrentasse dificuldades. Em verdade, a metodologia é a etapa do processo de ensino-aprendizagem que melhor exemplifica a dicotomia administrativa vivenciada pela FMB na execução das etapas do processo de ensino como um todo, isto é, a contradição entre o que estava previsto na lei (o ideal) e o que funcionava, de fato, dentro da Instituição (o real), fazendo com que a execução da metodologia esbarrasse quase sempre na escassez de instrumentos de ensino e na precariedade, física e material, dos espaços destinados como cenários das práticas. E essa era a realidade para todas as cátedras do curso, não apenas para a *Anatomia Descritiva*.

Entre os sujeitos diretamente envolvidos nas especificidades desta etapa, estavam os professores catedráticos ou seus substitutos eventuais que, assim como no caso dos conteúdos, detinham a prerrogativa de planejar e ministrar as lições teóricas. As aulas práticas nem sempre contaram com um número adequado de pessoal para auxiliar na sua execução, conforme já mencionamos. Com a reforma de 1832 e a ampliação do quadro docente é que professores opositores e/ou substitutos passaram a atuar, com alguma regularidade, como preparadores nas cátedras que demandavam atividades práticas, sendo estes responsáveis por organizar preparações, experiências e análises sob a supervisão imediata dos lentes proprietários.

No período da Escola de Cirurgia, as informações sobre a metodologia utilizada pelo catedrático para ministrar as aulas de anatomia são parcas. Sabe-se que as *Instruções* de Joze Correa Picanço previam que o ensino contemplasse a teoria e a prática, especialmente em se tratando de um curso voltado para a formação de cirurgiões, cujo aprendizado preconizava essencialmente a prática cirúrgica (Nogueira, 2007). A produção bibliográfica de Soares de Castro evidencia que, efetivamente, as lições teóricas ocorriam. Entretanto, das atividades práticas nesse período é possível fazer apenas pequenas inferências, pois, uma vez mais, as fontes específicas conhecidas sobre o tema são, justamente, os livros publicados pelo lente nomeado em 1808.

No primeiro volume do seu *Tratado de Anatomia*, oferecido a Joze Correa Picanço, Soares de Castro comenta sobre a necessidade da obra no contexto do ensino ministrado na cátedra de *Anatomia e Operações Cirúrgicas*:

Não foi por certo a vaidade, e vangloria de ver meu nome estampado nesta pequena obra, que vou expor ao público, o movel dos meus trabalhos, e fadigas, continuadas vigílias, e meditações, mendigando pelos Autores mais correctos, que tractarão da matéria sujeita ás doutrinas a adequadas a este importante objecto; mas sim o zelo patriótico, motivado da falta de huma obra semelhante systematicamente organizada no nosso Idioma, que podesse esclarecer, e imbuir de principios, os que entrão na carreira desta vastíssima Sciencia, e os alumnos, que forão confiados á minha insuffiencia pela nomeação, que Vossa Senhoria se dignou fazer-me para os dirigir, sendo este methodo que adoptei, e as Liçoens que lhes dicto da Cadeira; as quaes sendo escritas por Postillas, estão sujeitas a inumeráveis inversoens, e erros, que

prevertem a verdadeira noção dos termos; isto que procuro evitar, entregando á Imprensa este mal ordenado fructo do meu trabalho (Castro, 1812, p. 3-4).

Do texto de oferecimento feito pelo autor na obra é possível depreender algumas informações. Primeiro, que o livro contempla a metodologia adotada por ele, assim como as lições proferidas na Cátedra. Segundo que não havia obras disponíveis para subsidiar o ensino no âmbito da cátedra de anatomia, mesmo já tendo se passado quatro anos da criação do curso. Terceiro, que Soares de Castro realizou um trabalho de pesquisa para cotejar em obras e autores referenciais da área os conhecimentos necessários ao aprendizado dos estudantes. Quarto, que suas lições teóricas eram transcritas em forma de apostilas, seja por ele, seja por seus alunos, e que estas transcrições eram copiadas e recopiadas, fazendo com que incorreções com relação aos conteúdos e termos anatômicos se proliferassem entre os estudantes. Mais adiante, no prólogo, o lente comenta que seu trabalho não é original, mas que buscou organizá-lo da forma o mais simplificada possível para facilitar o uso prático da obra pelos alunos e que o fez “com os ossos entre mãos” (Castro, 1812, p. 6). O comentário do autor sugere o entendimento de que, de fato, ocorriam atividades práticas de ensino no âmbito da cátedra *Anatomia e Operações Cirúrgicas*, não sendo possível, entretanto, inferir quais especificamente.

A Carta Régia de 1815 também indica que deveria haver aulas práticas e teóricas, contudo o Colégio começou a funcionar em 1816 sem nenhum instrumento para as atividades de ensino. Em abril daquele ano, as *Atas da Congregação* assinalam um pedido de materiais para o ensino ao governo da província, pedido esse que foi parcialmente atendido meses depois, já com o ano letivo em adiantado decurso. Jonathas Abbott (1837), egresso do Colégio Médico-Cirúrgico, comenta que nos seus tempos de estudante, entre 1816 e 1821, raramente havia aulas práticas de anatomia e que, por vezes, passavam-se meses, ou mesmo um ano letivo inteiro, sem a realização de demonstrações com o uso de cadáveres. No entanto, as *Atas da Congregação* registram nesse período solicitações de material e de espaços para as atividades práticas, tanto ao governo quanto ao provedor da Santa Casa de Misericórdia, evidenciando, minimamente, o esforço em promover um ensino prático na Instituição, algo que, diante da falta de condições, dificilmente alcançaria a plenitude do aprendizado porventura imaginado pelo professor ou pleiteado pelos estudantes.

A era de Jonathas Abbott como lente proprietário na cátedra de *Anatomia Geral* dá início a um período no qual o ensino de anatomia descritiva na FMB ganha um caráter eminentemente prático, com o professor propondo a dissecação sistemática como o método mais eficaz para o aprendizado dos conhecimentos anatômicos:

[...] faremos na linguagem de Bell<sup>69</sup> da Escóla da Anatomia a escóla da disseccção, pois que não he em livros, nem em estampas, mas sim no corpo do homem que se estuda, e se aprende a Anatomia do Homem. E não nos contentemos, meos Srs., com algumas demonstraçoens ligeiras, ou com uma, ou duas disseccções sobre o mesmo objecto: pois sendo poucas, escapam da memoria, como sonhos; e sendo repetidas, alentam, e revalidam as idéas do Medico Anatomista [...] (Abbott, 1836, p. 12).

Neste Amphitheatro temos de analysar a organização do homem, separar, e dividir suas partes componentes, unir, relacionar, e por assim dizer, recompor os órgãos todos: temos de avaliar dados, temos de avaliar os meios, os instrumentos, os dados, para se poder com elles produzir os interessantes phenomenos, que caracterizão a vida [...] (Abbott, 1848, p.8).

Em seus textos, Abbott procura inculcar nos estudantes a importância da dissecação e enfatiza que a aquisição de conhecimentos específicos só era possível com o exercício regular dessa arte, tão necessária ao aprendizado que não poderia se intitular estudante de medicina aquele que não tivesse ainda manejado um escalpelo, conclamando os alunos a aplicarem um olhar científico sobre a prática:

Começai pois esse tam necessario exercicio: familiarizai-vos pouco á pouco com o exame, e estudo pratico deste tam importante departamento da Sciencia Medica: lembrando-vos em primeiro lugar que tempo virá, em que experimentareis verdadeira satisfação, por haverdes aproveitado todas as opportuidades de vos enriquecerdes de pratica; e recommendando-vos em segundo lugar que todas as vezes que tiverdes à mão o original a consultar, nunca vos fieis em copias, por mais fieis, e exactas que forem pois que sempre estarão mui distantes da verdade (Abbott, 1845, p. 28).

Cada um de vós, além do que vir, e ouvir neste Ampbitheatro, procure meios de comprovar por si, isto he, de dissecar por suas mãos, e examinar por conta propria cada órgão do corpo humano, cada tecido, com todo cuidado, e em repetidas occasiões: familiarize-se cada um com a situação, trajecto, ramificações, e anastomoses dos vasos, e nervos (Abbott, 1857, p. 15-16).

Não obstante, sabe-se que a realização dessas atividades práticas enfrentava dificuldades, não apenas pelas já mencionadas precariedades (material e física), mas também pelas especificidades de lidar com corpos para estudo em uma época desprovida de recursos para a sua conservação:

Bem sei que quem por devoção, ou por dever trabalhar em Anatomia no Brasil, presentemente, tem de lutar contra obstaculos, revezes, faltas de meios, &c. que na Europa não existem. Em 1.º lugar um clima ardente decompõem os cadaveres tão depressa, que apenas está feita uma preparação, não se pode mais respirar o ar em que essa preparação se acha: e jamais de um dia para o outro he prudente guardar um cadaver. Em 2.º lugar. Esta he a unica fonte na Bahia em que possamos beber sciencia, e dextresa anatomica; [...]. Em 3.º lugar, uma só preparação anatomica não temos [...] (Abbott, 1836, p.11-12)

---

<sup>69</sup>É possível que estivesse se referendo a Charles Bell (1774-1842), anatomista, cirurgião e fisiologista escocês (Whonamedit?, 2024).

**Ilustração 6:** “Na Faculdade de Medicina da Baía, D. Pedro II assiste a uma lição (aula) de anatomia ministrada pelo lente (professor) Jonathas Abbott - Pintura óleo s/madeira 88,0 x 72,5 cm” - A autoria: T. Gaudenzi



**Fonte:** Memorial de Medicina – FMB (doação do autor)

Sobre a questão da falta de recursos, Abbott não se furta de criticar o papel do governo como provedor da estrutura de ensino, uma vez que, por mais que estivesse prevista na legislação a realização de aulas práticas e, especificamente, da dissecação, os meios e instrumentos necessários não eram fornecidos. O estudante Cid Emiliano de Olinda Cardoso<sup>70</sup>, em texto sobre o ensino na FMB publicado na imprensa, também menciona a falta de recursos:

A Anathomia, cujo cabal conhecimento é indispensavel aos que se dedicam a carreira medica, como a estudamos nós? Aprendendo theorias, que por muito positivas a memoria não pode guardar; por que os meios para disseccões nos faltam, ou nol-os não facultam: e não é de certo com doutrinas bebidas nos escriptos que se fica perfeito conhecedor da sciencia do homem; [mas] sim aprendendo-a no livro da Natureza, no homem mesmo (Cardoso, 1854, p. 249).

Apesar das críticas do estudante, Jonathas Abbott, um defensor das aulas práticas como método de aprendizagem, não se mostra entusiasta das lições puramente teóricas, pregando, ao contrário, a necessidade de ambos os métodos serem trabalhados em conjunto no processo de ensino, sendo a prática um recurso necessário para a validação dos conhecimentos teóricos, sobretudo em se tratando do estudo de uma ciência essencialmente demonstrativa como a anatomia. Como produto dessas aulas práticas, Abbott exigia que os alunos apresentassem no final do ano letivo ao menos uma peça de preparação anatômica, que se julgada como de qualidade pelo professor, era devidamente identificada com o nome do preparador e recolhida para guarda no Gabinete Anatômico da FMB.

No trato com os seus discípulos, Abbott se mostra comprometido em orientar e sanar os questionamentos dos estudantes no processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que recomenda o estudo em grupo e o compartilhamento de conhecimento entre o alunado:

[...] nunca guardeis uma duvida por esclarecer [...] não haveis de deixar perder occasião alguma de adquirir, saber fonte verdadeira de independencia, unico bem, alem da saude, a que o homem deve aspirar na sociedade. Consultai pois aos que ja passarão por estes trabalhos: escolhei d'entre os provectoros um, ou outro, que por gosto, e amizade se preste a suavizar o escabroso do vosso caminhar: consultai os melhores livros acerca das duvidas, que surdirem; e se nem assim ficardes sufficientemente esclarecidos, reduzi essas vossas duvidas a escripto, que pela minha parte prometto esforçar-me por satisfazer-vos (Abbott, 1848, p. 21)

### 5.3.3 Meios materiais/instrumentos ou tecnologias de ensino

Os instrumentos utilizados para ministrar as aulas práticas e teóricas, como parte da instância estrutural do processo de ensino na FMB, deveriam ser fornecidos pelo governo (central/local). Essa premissa não se aplica, pode-se dizer, à Escola criada em 1808, porque se

<sup>70</sup>À época estudante do terceiro ano do curso médico, tendo se graduado em 1857 defendendo tese intitulada *Influência da civilização sobre o desenvolvimento das afecções nervosas*.

observadas as *Instruções* para o estabelecimento da cátedra de Cirurgia, percebe-se que há a recomendação apenas de um livro como base para as lições teóricas enquanto que outros materiais para as aulas práticas, como utensílios, por exemplo, é consenso entre pesquisadores deste período da Escola de Cirurgia que, se tais instrumentos existiram, estes seriam do Hospital Militar ou de propriedade dos professores (Albuquerque, 1917; Pereira, 1923; Britto, 2002).

No período do Colégio Médico-Cirúrgico, a Congregação recorreu ao governador da província inúmeras vezes para solicitar materiais os mais diversos, incluindo instrumentos para o ensino prático, uma vez que a Instituição foi posta em funcionamento desprovida de praticamente tudo. Mas, o que se percebe da análise das *Atas* do Colégio Médico-Cirúrgico com relação à aquisição dos instrumentos de ensino é que a solicitação de material, quando ocorria, se dava de forma esporádica, sem muito planejamento, sendo o pedido feito, simplesmente, à medida que a necessidade se apresentava, sem que houvesse, necessariamente, verbas específicas destinadas previamente para este fim.

A reforma de 1832 instituiu que a Assembleia Geral Legislativa destinaria recursos para a compra de maquinário e instrumentos para as atividades práticas nas faculdades de medicina do Império, notadamente para as preparações e disseções anatômicas. Entretanto, já sabemos como o ideal legislativo dista consideravelmente da realidade administrativa na história da FMB. Como alternativa, na década de 1840, o governo tentou se utilizar do recurso do “Médico Viajante”, previsto na lei de 1832, para ser um agente na aquisição de instrumentos de ensino durante a estadia que este faria na Europa. Contudo, pouco tempo depois de ter iniciado sua viagem, o governo alegou contenção de despesas e chamou o representante da FMB de volta ao Brasil, não havendo tempo de adquirir nenhum material (Brasil, 1833-1888). Na reforma de 1854, o mecanismo de atualização científica, agora mais bem detalhado, já traz como uma das incumbências do enviado especial, a aquisição de equipamentos e instrumentos para o ensino nas faculdades, entretanto, não há registros de que estas viagens tenham ocorrido antes da década de 1880<sup>71</sup>. Quando não desta forma, a aquisição direta era feita com a FMB fazendo uso das verbas arrecadadas com as matrículas e demais taxas. Doações também ocorriam por parte de professores, alunos e mesmo profissionais médicos sem vínculo com a Instituição. No caso específico da cátedra de *Anatomia Descritiva*, parte das peças anatômicas produzidas nas aulas práticas de um determinado ano letivo, nos anos seguintes, se tornavam instrumentos para o aprendizado dos novos alunos.

---

<sup>71</sup>Jeronimo Sodré Pereira e Virgílio Climaco Damazio foram os enviados neste período.

No período histórico delimitado para esta pesquisa, as fontes consultadas dão conta da existência de, ao menos, quatro tipos de instrumentos de ensino utilizados nas aulas de anatomia descritiva na FMB (práticas e teóricas), os quais, para uma melhor apresentação e discussão dos dados, elencamos de acordo com a sua tipologia: Corpos humanos/Peças anatômicas; Utensílios/Equipamentos; Anatomia artificial/Modelos anatômicos; Livros.

### 5.3.3.1 *Corpos humanos/Peças anatômicas*

O uso de cadáveres e partes do corpo humano para estudo na Bahia remonta, minimamente<sup>72</sup>, ao período da Escola de Cirurgia, ou ao menos assim dá entender José Soares de Castro no seu primeiro livro, *Elementos de osteologia pratica*, ao afirmar que organizou o volume “com os ossos entre mãos”. No Colégio Médico-Cirúrgico, o pedido e o recebimento de dois esqueletos enviados pelo governo em 1816 indica que o uso desse tipo material como instrumento de ensino no contexto da formação médica daquela época era natural, mas tendo seu uso limitado por conta da sua escassez.

Desde a reforma de 1815 e a instalação do Colégio nas dependências da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, esta instituição era, através do seu hospital, a responsável pelo fornecimento de cadáveres para as atividades práticas no curso cirúrgico, depois médico. Na década de 1830, as *Atas da Congregação* registram as cobranças dos professores para que a Santa Casa providenciasse os cadáveres necessários para as dissecações realizadas nas aulas da cátedra de *Anatomia Descritiva*. Firmino Coelho do Amaral, estudante nos anos de 1840, comenta que os cadáveres eram bastante difíceis de se conseguir, uma vez que o Hospital da Santa Casa contava poucos óbitos e, ao fim e ao cabo, boa parte dos corpos não podia ser utilizada, por seu estado de putrefação. Havia, ainda, o fato de muitos corpos serem requisitados pelas famílias “[...] que quazi sempre apparecem n’essas occasiões com supersticioso, e mal entendido sentimento de humanidade” (Amaral, 1849, p. 7).

Jonathas Abbott, assim como outros professores e memorialistas da FMB, em diferentes momentos, indicam o quantitativo de cadáveres disponíveis para aulas de anatomia num ano letivo (50, 70, 80, 149), entretanto, todos ressaltam esses números como insuficientes para a realização das práticas:

A lamentavel escassez de cadaveres, que ha tantos annos deploro, (pois sem cadaveres, em que se exercite o Professor, e o Discipulo, a Anatomia que se pretende

---

<sup>72</sup>Não há como afirmar que corpos humanos não eram utilizados nas aulas que ministrava José Xavier de Oliveira Dantas no final do século XVIII na Bahia, sobretudo considerando que a prática de operações cirúrgicas se dava, essencialmente, em cadáveres.

ensinar, e aprender, he uma irrisão) continuou este anno; e provavelmente continuará: pois providencias nenhuma se projectão dar a tal respeito, que eu saiba (Abbott, 1849, p. 4).

Em meio a escassez do objeto de estudo mais cobiçado pelo professor e seus discípulos, uma das opções dos alunos era providenciar seu próprio material de estudo, conforme relata Firmino Coelho do Amaral: “raro é o estudante que não tem os ossos de um squeleto, ou por elle mesmo preparados, ou por outro que Ih’os cedeu gratuitamente ou com algum interesse” (Amaral, 1849, p. 7). O também estudante Cid Emiliano de Olinda Cardoso (1854) revela que uma segunda alternativa era a compra de cadáveres, algo que muitos alunos faziam, mas que não era, de acordo com ele, uma despesa ao alcance de todos. No caso do professor, Jonathas Abbott comenta em 1858 que, em 34 anos de docência, nunca havia ministrado aula com um livro na mão e na falta de cadáveres para as práticas, recorria a preparações naturais secas ou em solução. Tais preparações se tornaram, de fato, um recurso para o ensino, mas muito por mérito do próprio professor, que incentivava os alunos a produzi-las durante as aulas práticas da cátedra, conforme já mencionamos. José de Goes Sequeira, memorialista de 1858, descreve as peças anatômicas que estavam reunidas no Gabinete criado por Abbott, que se caracterizava como um espaço dedicado à anatomia comparada:

[...] uma collecção de perto de 300 preparações esquelletologicas, e outras peças fosseis, &c. &c. [...]. Entre essas preparações não posso deixar de especialisar um esquellete de Camello, que é digno de ver-se, um de Cavallo, um de Boi, um de Onça, um de Anta, um de Tartaruga, um de Tatú, um de Tyú, uma arvoresinha com vinte e mais esquelletes de Beija-flores, e outros passarinhos empoleirados nos ramos, uma preparação artificial de Myologia humana, &c. &c., [...] (Sequeira, 1859, p.18).

Ainda em 1858, Jonathas Abbott, em um de seus discursos, nos fornece um panorama geral de como ocorreram as atividades práticas com cadáveres naquele ano letivo, relato que nos permite apreender um pouco sobre como funcionavam as conexões entre os sujeitos que, de alguma forma, exerciam agência no processo de fornecimento de corpos humanos para estudo na FMB nesse período:

Tivemos 23 cadaveres sobre a meza, que foram dissecados ante vós, servindo vós mesmos ora de Ajudantes, ora de repetentes das demonstrações. [...] Com o que levo dito não quero inferir (e ninguem de boa fé o poderia, inferir) que em todo o anno de 1858 não houvessem mais de 23 cadaveres no Hospital da Santa Casa, que tracta de dous mil a dous mil e quinhentos doentes por anno; mas quem se offerece a escrever, factos, não deve sonegar outros factos; que lhes são itegranτες. Os obitos do Hospital orçam annualmente em 400; mas as nossas dissecções occupam seis mezes: eis o numero reduzido a 200. Todos sabem que muitos dos que morrem nas Infermarias tem parentes, ou Irmandades, que reclamam os cadaveres para serem enterrados á sua custa, ou são de prezos, que a policia veda dissecar em quanto não forem examinados pelos seus peritos. Desta sorte creio que se pode calcular o numero disponivel para as precisões da Faculdade reduzido à 100. Mas as demostrações anatomicas são feitas em tres dias da semana, o que diminue a cifra a 42. Attenda-se agora que muitos cadaveres, ainda antes de o serem, estão em tal estado de putrifacção, que assaz

imprudente e arriscado fôra o abril-os no meio de um Amphitheatro apinhado de Alumnos, que tem de estar alli pelo menos uma hora; e a maior parte delles talvez em jejum. E quantos doentes morrem depois da hora da Aula, e cujos cadaveres não podem ser guardados para o dia seguinte? Creio pois ser razoavel admittir mais a diminuição de metade, ou 21. Ora, o Lente de Anatomia em taes circumstancias, dissecando 23 cadveres em seu Curso annuo, não merece a insinuação gratuita de menos zeloso pela instrucção a seu cargo: attendendo sempre que não obstante os factos que acabo de narrar, esse numero de 23 he um dos menores que tenho tido; pois esta meza, se podesse fallar, attestaria que sobre ella tenho dissecado não menos de 70 em um só curso de Anatomia [...] (Abbott, 1858, p. 5-6).

### 5.3.3.2 Utensílios/Equipamentos

As fontes consultadas apresentam poucas informações sobre utensílios e equipamentos utilizados no ensino de anatomia. O pedido de material registrado nas *Atas da Congregação* em abril de 1816 dão conta das necessidades básicas do Colégio Médico-Cirúrgico naquele período:

O Colégio resolveu pedir ao mesmo Excelentíssimo Senhor os seguintes artigos em officio da data de hoje = quatro livros em folio para o secretário; um inquarto para o porteiro; uma escrivaninha com todos os preparos para escrever; uma mesa com gaveta fechada para cada uma das aulas; uma urna; uma cadeira além das duas, que já há, para ensinar-se; um armário de vidros; uma ampulheta de meia hora; um aparelho completo para dissecações, e injeções anatômicas; um aparelho completo de instrumentos para todas as operações cirúrgicas, e arte obstetrícia; dois esqueletos um natural, outro artificial de diverso sexo; uma máquina fumigatória; um colete de salvação; um termômetro; e um microscópio: drogas necessárias para as injeções, e purificações (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855).

Dentre os itens pedidos estavam “um aparelho completo para dissecações e injeções anatômicas” e um microscópio. Meses depois, o Colégio recebeu apenas parte dos materiais, entre os quais estavam uma mesa para dissecação anatômica, uma ampulheta de meia hora, dois esqueletos, um estojo com seis escalpelos e duas tesouras, um estojo com oito bisturis, duas lancetas, um levantador de pálpebra, oito agulhas, um escalpelo pequeno, dois serrotes, duas seringas, uma faca grande. À nota, segue a observação “tudo já muito usado”.

Nos anos seguintes, os registros seguem sendo parcos. Em 1833, Jonathas Abbott solicitou a aquisição de alguns utensílios para a aula de anatomia, pedido que a Congregação acatou, determinando a compra, muito provavelmente, com os recursos obtidos através das taxas de matrícula. Infelizmente, as *Atas* não indicam que utensílios seriam esses. O relatório anual do Ministério dos Negócios Interiores de 1846 indica que a FMB recebeu um conjunto completo de instrumentos cirúrgicos por iniciativa do presidente da província à época, Francisco José de Sousa Soares de Andrea. Entretanto, o conjunto não foi adquirido para a FMB propriamente, mas sim para suprir uma necessidade da província, sendo permitido à Instituição a guarda e o uso dos instrumentos (Brasil, 1833-1888). Uma vez mais, os poucos recursos

disponibilizados para a aquisição de itens dão a dimensão das dificuldades enfrentadas no processo de ensino na FMB.

### 5.3.3.3 *Anatomia artificial/Modelos anatômicos*

Os modelos anatômicos, utilizados como alternativa a falta de corpos humanos e/ou peças anatômicas para o estudo em anatomia, começam a ser referenciados como existentes na FMB a partir da década de 1840. Contudo, isso não significa que esses instrumentos não fossem conhecidos antes desse período, o que provavelmente limitava o uso deles na Instituição era a falta de recursos para adquiri-los. Na solicitação de material realizada pela Congregação em 1816, consta o pedido de “dois esqueletos um natural, outro artificial de diverso sexo”. O registro nas *Atas* não garante o uso, de fato, de modelos artificiais nesse período do Colégio, em verdade a nota de recebimento dos dois esqueletos meses depois não faz distinção entre naturais e artificiais. O registro evidencia, minimamente, que os modelos anatômicos artificiais já eram conhecidos pelos professores e que estes os entendiam como necessários às atividades de ensino.

Posteriormente, Jonathas Abbott, em alguns dos discursos proferidos aos estudantes, apresenta um apanhado da chamada “anatomia artificial”, destacando tipologias, produtores e locais onde esse recurso já era largamente utilizado:

Em varias partes da Europa tem se cultiva ha annos a Anatomia Artificial, e com marcada vantagem. A Italia, França, Inglaterra, e os Estados Unidos já abundam das mais bellas e exactas preparações em cera, que pelo que respeita á vista não tem a menor differença dos naturaes. Auzoux em Pariz faz corpos inteiros de cartão, com todas às partes distinctas, perfeitas, separaveis á vontade e reuniveis ao depois: esse trabalho tem sido de grande adjutorio aos que começam a estudar a Anatomia. Broc tambem faz bellas preparações em gesso, que ajudariam muito o nosso estudo: as primeiras são recommendaveis pela sua durabilidade, as segundas pela sua barateza, e ambas pela sua perfeição (Abbott, 1837, p. 22-23).

La em Palermo se admira (e eu o vi) um systema completo de *arterias em arame*, desde o coração, e aorta até as ramificações capillares de todos os órgãos: trabalho insano, que levou annos a fazer se e que não tem preço. Ide á Florença, e vêde a Anatomia [...] reproduzida em cera, e tanto ao natural, que a não saber-se antes o contrario, juráreis que he sangue, que ainda corre; que he pus, que devéras enjôa; que são verdadeiras entranhas, que ainda fumégam: essas bellas preparações ja se achão espalhadas pela Europa toda: lá as vi em Londres, Pariz, e Roma [...] (Abbott, 1845, p. 23, grifos do autor).

Não à toa Abbott se mostra bastante atualizado sobre instrumentos disponíveis para o ensino de anatomia à época, considerando que havia realizado a sua viagem de estudos coisa de 5 anos antes. Foi justamente durante sua estadia em Paris, em 1830, que ele teve contato pela primeira vez com um dos modelos anatômicos produzidos pelo Dr. Auzoux. Em nota feita no

seu *Diário* de viagem, comenta que uma daquelas peças seria muito útil para o então Colégio Médico-Cirúrgico, haja vista a falta rotineira de cadáveres para estudo. Na mesma nota, Abbott ressalta que o governo deveria fazer a compra, posto que os valores estavam muito acima das suas posses (Abbott, Galvão, 2007).

Tempos depois do seu retorno ao Brasil, Abbott efetivamente solicitou a aquisição de um modelo anatômico do Dr. Auzoux e sobre o pedido comenta que “[...] um sujeito inteiro [...], ou melhor, uma collecção completa das preparações de Mr Auzoux, seria o beneficio mais util, e de resultado mais vantajoso, com que o Governo nos podesse presentemente mimosear [...]” (Abbott, 1845, p. 25). Entretanto, o governo, ao realizar a compra, terminou por fazer a entrega na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A aquisição para a FMB só viria em 1849, fato celebrado e comentando tanto por professores, quanto por estudantes:

Tam clamorosa era a nossa necessidade pelo que tocava à autopsias, e demonstraões directas, que a Congregação dos Lentes resolveo a todo custo dar-lhe algum remedio; e graças ao nosso actual Director, o Sr. Dr. João Francisco de Almeida, essa falta está em parte supprida por um cadaver de cartão, que tendes à vista, que nos tem auxiliado muito, e sem o qual eu não me animára hoje a fallar-vos como vos fallo. [...] (Abbott, 1849, p. 5)

[...] um modelo de homem de cartão para o estudo da Anatomia, chegado ha pouco, bem que fosse de ha muitos annos um dos pedidos mais instantes que a Schola fazia a authoridade competente [...] (Amaral, 1849, p. 5).

É facto que quando a Schola de Medicina da Bahia á pedido do professor de anatomia, instou com o Governo Imperial para aquisição de um cadaver de cartão pelo Dr. Auzoux, foi mandado vir, mas entregue á do Rio de Janeiro; e só em 1849, mais de uma dezena d’annos depois de seus pedidos, é que esta Faculdade conseguiu ter uma destas preciosidades scientificas [...] (Santos, 1905, p. 17).

Os modelos anatômicos em papel machê fabricados pelo ateliê do Dr. Auzoux<sup>73</sup>, em Paris, ganharam notoriedade a partir da década de 1820, quando passaram a ser aceitos e requisitados por academias médicas e científicas em diversas partes do mundo (Sousa; Borges, 2020). Sobre o trabalho do médico francês e a facilidade do seu uso nas aulas práticas, Abbott comenta:

[...] um corpo inteiro, feito de *cartão*, com as dimensões ordinarias, e cada orgão com a sua cor correspondente: póde-se dismantelar o todo, peça por peça até os ossos, e tornalo a montar á vontade, sem haver receio de que o tempo o deteriore, ou que facilmente se gaste. Que execuçaõ admravel, e quam adoptada ás nossas circumstancias! Que excelente meio para termos com certeza uma liçaõ pratica, e demonstrada de Anatomia todos os dias! (Abbott, 1845, p. 25, grifos do autor).

Com o cadaver de cartão temos visto que o estudo da Anatomia he mais animado, e menos repugnante: o objecto mais attingivel, e menos perezedor, podendo prestar-se á quantas repetiões se queirão: elle falla aos olhos sem horrorizar-nos: satisfaz a

<sup>73</sup>Louis Jérôme Auzoux (1797-1880), doutor em medicina pela Faculdade de Medicina de Paris (1822), professor de anatomia e fisiologia (Bibliothèque Nationale de France, 2024b).

**Ilustração 7:** Modelos anatômicos (papel machê) fabricados pelo ateliê do Dr. Louis Jérôme Auzoux



**Fonte:** Instituto de Ciências da Saúde – UFBA

**Figura 8:** Modelo anatômico do aparelho auditivo (gesso) confeccionado pelo Dr. Pierre-Paul Broc



**Fonte:** Instituto de Ciências da Saúde – UFBA

nossa curiosidade mais exigente, sem comprometter o mais punctilioso aceio, sem estragar instrumentos, e sem arriscar a mais franzina saúde (Abbott, 1849, p. 5).

Abbott acrescenta ainda que os modelos eram vendidos em Paris a “preços módicos”, em se considerando a sua importância para uso nas atividades de ensino. Não obstante, Santos (1905), relata que a FMB pagou cerca de 2:000\$000 (dois contos de réis) pela peça, dando a entender que a compra foi realizada com verbas próprias, algo que também se pode apreender a partir da fala de Abbott em 1849, reproduzida acima, quando comenta que a Congregação dos Lentes, na pessoa do seu diretor, tomou a iniciativa da aquisição. O “preço módico”, contudo, estava bem acima da remuneração anual dos professores da Faculdade à época, que girava em torno de 1:200\$000 (um conto e duzentos mil réis). Santos (1905, p. 32), comenta ainda que, além do modelo de corpo inteiro, a FMB possuía peças dos aparelhos "da visão, audição, e eixo cerebro-espinhal", também produzidos pelo Dr. Auzoux.

Ainda neste período, há relatos de que a FMB contava com três modelos anatômicos representando o aparelho auditivo, confeccionados em gesso pelo Dr. Broc (Abbott, 1845; Santos, 1905). Pelo que podemos apurar, o “Dr. Broc” seria Pierre-Paul Broc (1782-1848)<sup>74</sup>, médico e professor particular de anatomia e fisiologia, com quem Jonathas Abbott frequentou cursos enquanto esteve em Paris. Broc é referenciado, ao menos em dois textos sobre história da ciência, como autor de modelos anatômicos em gesso na França do século XIX (Huard; Imbault-Huart, 1973; Huard; Imbault-Huart, 1974)<sup>75</sup>. Abbott, em 1845, destaca o trabalho realizado por Broc, a quem chama de artífice:

[...] Artistas fixam as moveidas formas dos órgãos humanos em *gesso*, e com uma fidelidade incrível: não duvidam penetrar, correr, e reconhecer todos os escaninhos do *labyrintho au ditivo*: patenteam aos olhos do vulgo, e da profissãõ todas as minuciosidades, e levadas á uma grandeza 20, 50 vezes acima da natural, a fim de serem bem vistas, e comprehendidas: o philosophico *Broc* he o vivo artifice destas de que ora fallo; e esta Eschola possui engenhosas amostras do seu saber, perseverança, e exactidaõ (Abbott, 1845, p. 23-24, grifos do autor).

Alguns desses modelos anatômicos produzidos por Louis Jérôme Auzoux e Pierre-Paul Broc, adquiridos para as atividades de ensino na Faculdade de Medicina da Bahia neste período

<sup>74</sup>Autor de: *Discours prononcé par M. le Dr Broc, à l'ouverture de son cours d'anatomie, le 8 novembre 1820; De la vraie méthode d'enseignement: considérations préliminaires du Traité complet d'anatomie descriptive et raisonnée* (Paris, Libraire des Sciences Médicales de Just Rouvier, 1833); *Essai sur les races humaines considérées sous les rapports anatomique et philosophique* (Paris, Libraire des Sciences Médicales de Just Rouvier et E. Le Bouvier, 1836) (Bibliothèque Nationale de France, 2024a).

<sup>75</sup>Um quase homônimo, Pierre Paul Broca (1824-1880), também médico anatomista, dificultou consideravelmente a busca e sua desambiguação (Whonamedit?, 2024).

do século XIX, ainda hoje existem, contudo, estão sob a guarda do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia<sup>76</sup>.

#### 5.3.3.4 Livros

Mais fáceis de se obter do que cadáveres, mais acessíveis financeiramente do que modelos anatômicos artificiais, ferramenta, por excelência, de difusão e circulação da informação, os livros são os instrumentos de ensino mais referenciados na Faculdade de Medicina da Bahia. Seu uso na instrução sempre se fez necessário para transmitir conhecimento teórico aos estudantes, atualizando-os sobre o estado da arte na área, aquilo que já se sabe acerca de determinado assunto.

A recomendação do uso de livros nas atividades de ensino médico remonta a 1808, pois, se observadas as *Instruções* para o estabelecimento da cátedra de cirurgia, percebe-se que há a indicação da obra de Georges de La Fay (1699-1781)<sup>77</sup> como base para as lições teóricas. Entretanto, não há maiores informações sobre como esse livro poderia ser adquirido, dando a entender que o professor deveria ter consigo um exemplar ou então providenciá-lo por sua conta. No caso da cátedra de *Anatomia*, sem as possíveis instruções remetidas ao lente, não há como apurar se houve uma indicação semelhante. Só quatro anos depois de instalada a Escola, é que se iniciou a publicação do *Tratado de Anatomia* de José Soares de Castro. No primeiro volume da obra, o autor revela a necessidade de se ter um livro em português para o aprendizado dos alunos, demonstrando que, ainda que Correa Picanço tivesse feito alguma indicação, tal a obra não seria suficiente para atender o ensino na cátedra.

No período do Colégio Médico-Cirúrgico, a Carta Régia de 1815 não menciona o uso de livros e iniciativas de produzir compêndios para os alunos, como as de Soares de Castro, não prosperaram entre os professores. A biblioteca do Colégio é referida nas *Atas da Congregação* pela primeira vez em 1829, mas com a ressalva de que funcionava “sem um só livro médico ou cirúrgico”. A reforma de 1832 sinaliza que os valores pagos pelos estudantes na matrícula e outras taxas deveriam ser utilizados na aquisição de livros, contudo, menções posteriores à

---

<sup>76</sup>Acredita-se que estas peças tenham sido transferidas no início da década de 1970, quando do processo de mudança das atividades de ensino das ciências básicas da FMB para o então recém-criado Instituto de Ciências da Saúde.

<sup>77</sup>“O professor de Cyurgia dará as suas lições pelos principios da Cirurgia de Monsieur [Georges] de La Fay” (Pereira, 1923, p. 6). Trata-se, muito provavelmente, da obra *Principes de chirurgie* (Paris, 1738). Uma tradução em língua portuguesa foi publicada pelo médico Silvestre José de Carvalho em Lisboa, 1787. As obras estão disponíveis em [www.archive.org](http://www.archive.org).

biblioteca, tanto em relatórios, quanto nas *Atas*, aparecem sempre indicando a ausência de instalações adequadas e a falta de mobiliário para a guarda do acervo. Já em 1833, Jonathas Abbott solicita que a Congregação compre “um livro de estampas de Mr. Cloquet”, especificamente para as aulas de anatomia. Apenas em 1839 são liberadas verbas pelo governo, valores que a FMB utilizou para adquirir, em 1840, dois mil volumes da coleção particular do médico baiano Manoel Feliciano Ribeiro Diniz<sup>78</sup>, a qual incluía livros de medicina, filosofia e literatura.

Com o acervo da biblioteca da FMB ainda em processo de formação, uma alternativa utilizada por estudantes e professores era a Biblioteca Pública da Bahia, estabelecida em 1811, mas que em 1818, já contava com um acervo de cerca de cinco mil volumes, com obras de botânica, física, química, mas também de medicina, com a presença de autores ingleses, portugueses e franceses, como Xavier Bichat e Philippe Pinel (Moraes, 2006). O estudante Firmino Coelho do Amaral (1849), comenta que, além da biblioteca da Faculdade, havia livros de anatomia e estampas muito boas no acervo da Biblioteca Pública, recursos bastante utilizados por ele e outros colegas nos estudos do curso médico.

Com o intuito de estimular a produção de bibliografia para o ensino no âmbito das faculdades, a reforma de 1854 e seus regulamentos (1856) trouxeram a possibilidade de premiar os docentes que produzissem livros e compêndios, originais ou traduções, para uso nas suas respectivas cátedras, determinando, inclusive, que as aulas fossem ministradas, preferencialmente, com base nessa bibliografia ou, na falta dela, outros compêndios que a Congregação julgasse mais convenientes ao ensino, os quais deveriam ser aprovados pelo governo. A premiação por cada produção bibliográfica equivalia ao valor de 2:000\$000 (dois contos de réis), com a primeira tiragem impressa às custas do governo e privilégios de uso por dez anos, mas este privilégio, contudo, não impedia a adoção e venda de outros compêndios que, porventura, o governo julgasse melhores.

Não obstante, Malaquias Alvares dos Santos, memorialista de 1854, relata que, antes desse período, os professores de anatomia de patologia externa<sup>79</sup> da FMB já haviam produzido e publicado compêndios para uso em suas aulas (Santos, 1905). É provável que o memorialista

---

<sup>78</sup>“Ribeiro Diniz nasceu em Salvador e ao finalizar os estudos primários em humanidades, seguiu para a Europa a fim de estudar medicina, iniciando sua formação na Itália, mas concluindo o curso na França”. Após a compra da coleção, a FMB nomeou Ribeiro Diniz como o primeiro bibliotecário da Instituição, em 1841 (Albano *et al.*, 2022, p. 597).

<sup>79</sup>A obra a que se refere Santos é *Curso de pathologia externa: professado na Faculdade de Medicina da Bahia no anno de 1847* pelo Dr. Manoel Ladislao Aranha Dantas. [Salvador]: Typographia de E. Pedroza, 1847. 436 p.

estivesse se referindo à produção bibliográfica de Jonathas Abbott<sup>80</sup>, que segundo seu biógrafo, publicou, na década de 1840, ao menos quatro compêndios para os seus alunos: *Generalidades introductorias ao estudo da anatomia descritiva, seguidas de generalidades de osteologia, recopiladas, etc.* (1840), *Generalidades de arthrologia* (1840), *Generalidades de myologia* (1843), *Generalidades de angiologia e dos systemas em que ella se divide* (1843) (Abbott; Galvão, 2007).

Para além dos compêndios produzidos por José Soares de Castro e Jonathas Abbott, as fontes consultadas indicam também o uso de alguns outros livros e autores no ensino de anatomia descritiva na FMB, entretanto, uma das características desses registros nas fontes é que, por vezes, está indicado apenas o sobrenome do autor, o que dificulta a identificação das obras. Assim, dentro do possível, buscamos, reconhecer os autores citados como referenciais no ensino de anatomia neste período.

Como vimos, em 1833, Abbott solicitou a compra do livro de estampas de Mr. Cloquet, obra também aprovada pela Congregação para uso no ano letivo de 1834. Identificamos o autor como Jules Cloquet (1790-1883), anatomista e cirurgião francês, que, com suas descrições anatômicas detalhadas, contribuiu significativamente para o desenvolvimento de técnicas cirúrgicas inovadoras, tendo como uma de suas obras mais conhecidas *Manuel d'anatomie descriptive du corps humain, représentée en planches lithographiées*<sup>81</sup> (Loukas *et al.*, 2007).

Em 1854, um dos autores referenciados é Jean-Marc Bourgery (1797-1849), anatomista francês, cuja obra célebre é *Traité complet de l'anatomie de l'homme comprenant la medecine operatoire*<sup>82</sup>. Segundo Jonathas Abbott (1854), na falta absoluta de outros meios visuais para o ensino, ele recorria às inigualáveis estampas da obra de Bourgery. Pedro II (1859), quando de sua visita à Bahia, também se refere ao autor francês. Ao visitar a Biblioteca Pública, o imperador comenta que as obras de medicina eram as mais procuradas do acervo, especialmente a de Bourgery, por conta das ilustrações, e que por isso, havia muitos volumes extraviados e com estampas furtadas.<sup>83</sup> Também em 1854, Santos (1905), indica os compêndios utilizados

---

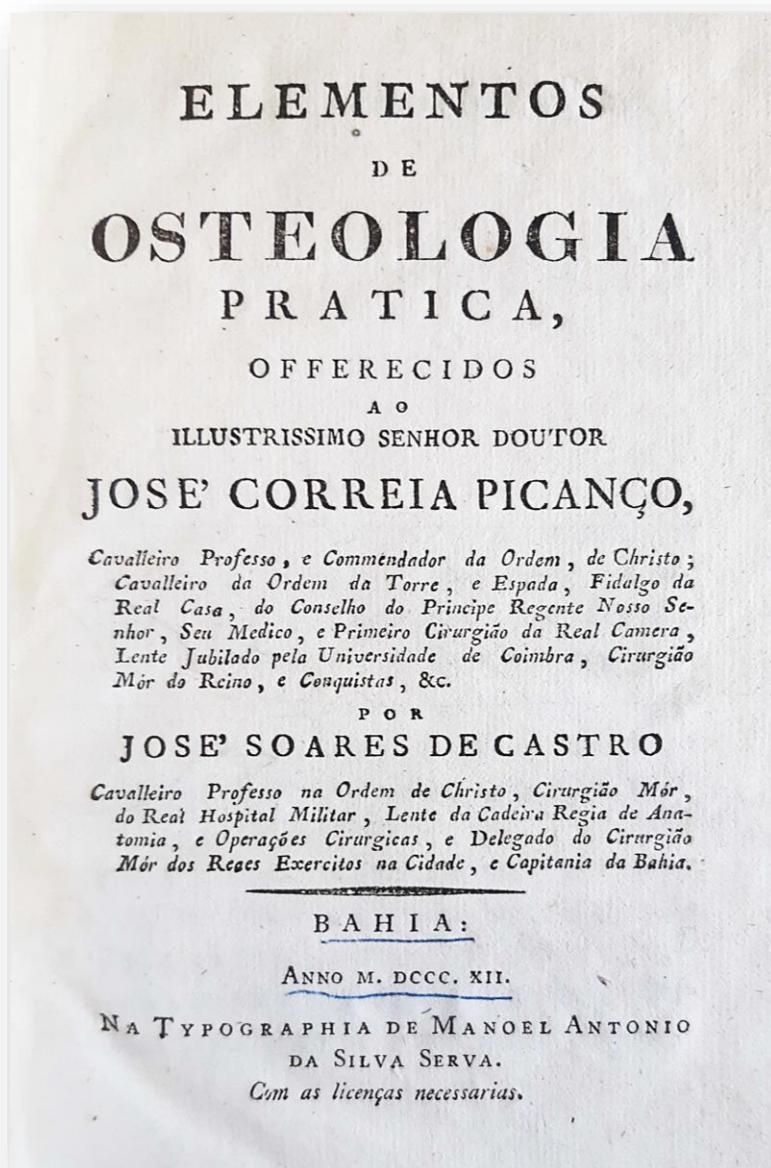
<sup>80</sup>Abbott publicou ainda *Mappa da osteogenia humana normal, ou synopse por ordem chronologica da marcha da ossificação das peças de que se compõe o esqueleto do homem desde o primeiro mez depois da concepção até á mais avançada velhice* (1855). Uma versão desse mapa também saiu publicado na *Gazeta médica de Lisboa*, em 1864 (Abbott; Galvão, 2007).

<sup>81</sup>Paris: Chez Béchét Jeune, 1825. 3 v.

<sup>82</sup> Paris: C. Delaunay, 1831-1854. 2 v. + 6 v. de atlas.

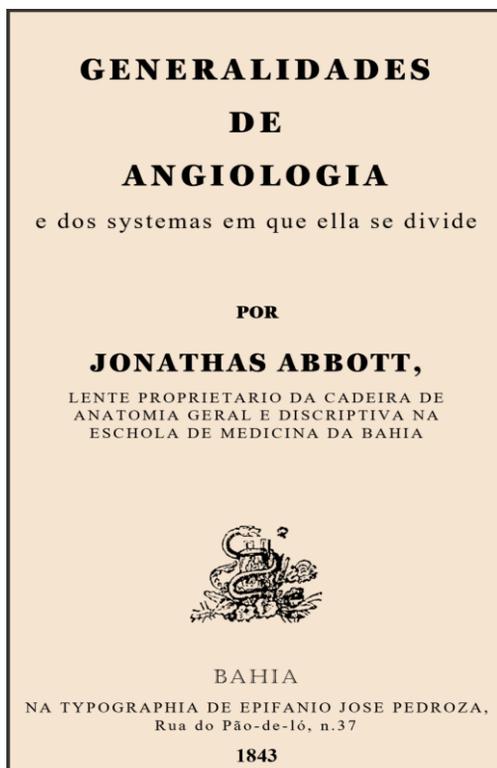
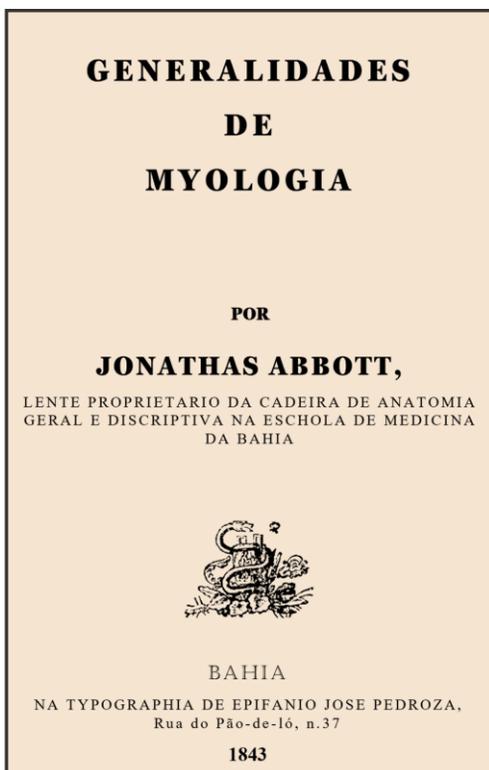
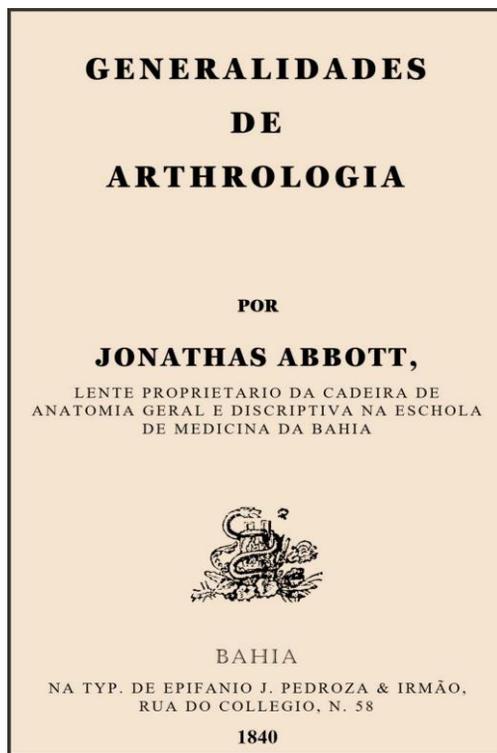
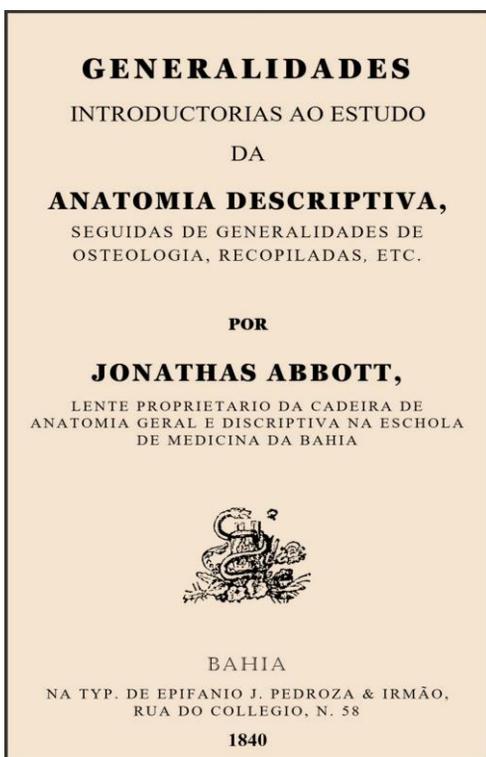
<sup>83</sup>O imperador chama a atenção do bibliotecário para o fato da sala onde estavam os volumes ser pouco iluminada e de não haver estantes para a guarda dos pertences das pessoas que os consultava (Pedro II, 1859).

Ilustração 9: Primeiro livro de Medicina publicado na Bahia - 1812



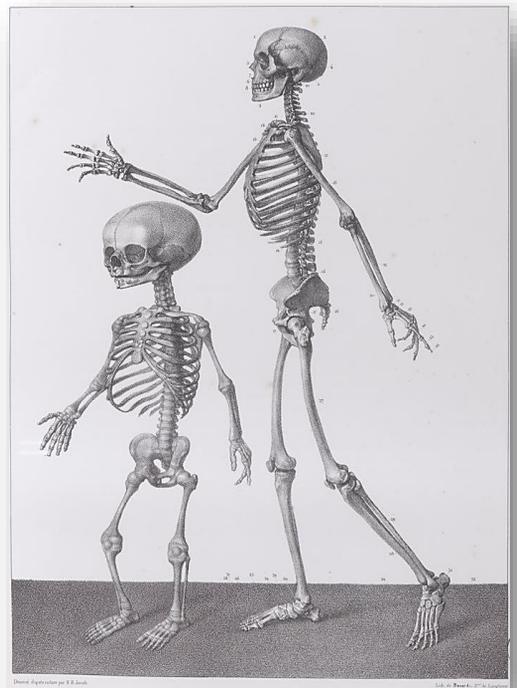
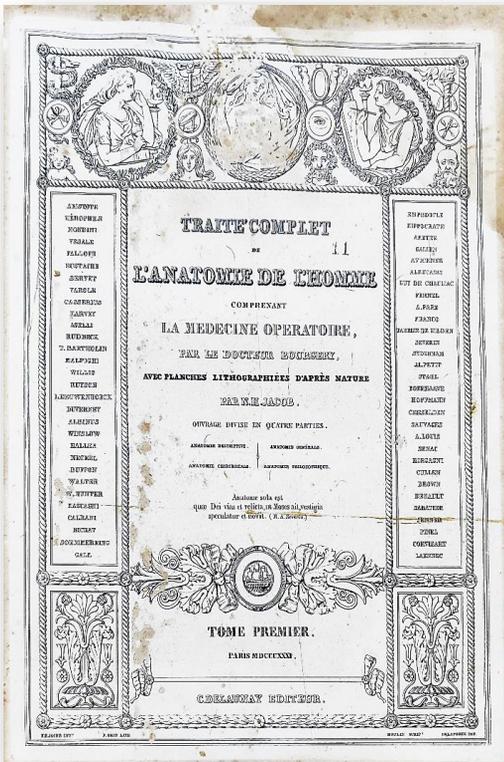
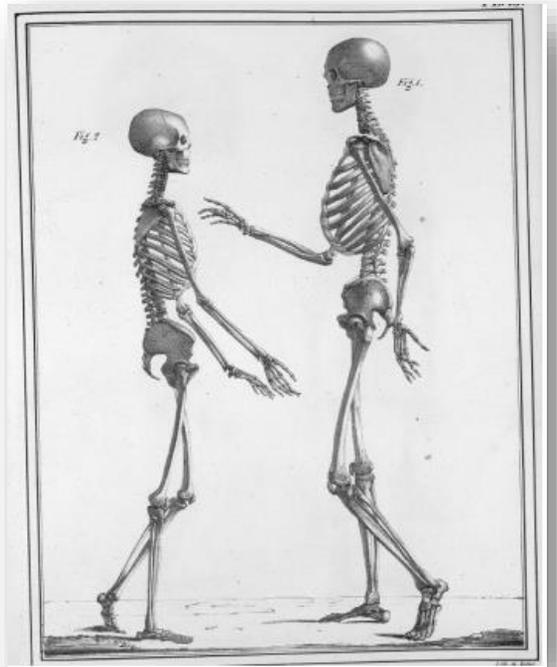
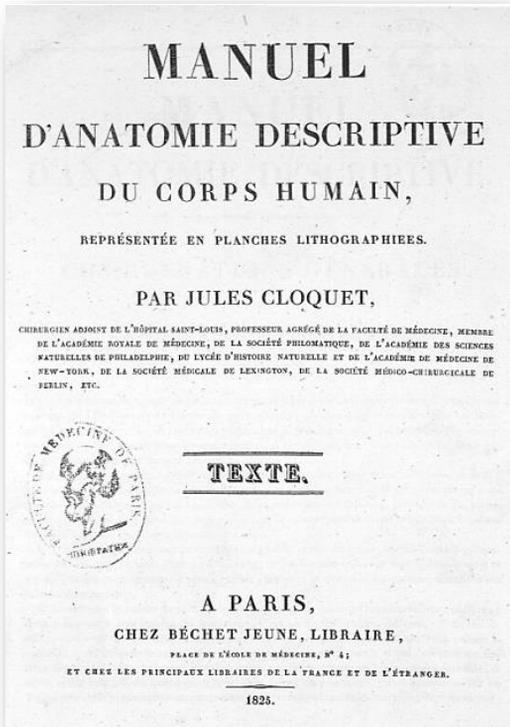
Fonte: Acervo pessoal do Prof. Pablo Iglésias Magalhães

Ilustração 10: Obras publicadas por Jonathas Abbott



Fonte: Páginas de rosto elaborada pela autora a partir dos dados bibliográficos das obras

Ilustração 11: Obras indicadas para o estudo/ensino de Anatomia Descritiva na FMB



naquele ano letivo, novamente Jules Cloquet sendo utilizado, mas agora em conjunto com Philippe Frédéric Blandin (1798-1849) e Marie Philibert Constant Sappey (1810-1896).

Comentando a bibliografia médica utilizada na Faculdade de Medicina da Bahia, não apenas a de anatomia, Santos (1905), destaca a predileção dos professores pela escolha de autores e obras francesas. Segundo o autor, na Bahia estavam predominando as doutrinas da Faculdade de Medicina de Paris, o que seria por influência da reforma de 1832, mas também pela presença de egressos da escola parisiense no quadro docente da FMB, ressaltando que a formação do acervo da biblioteca era mostra dessa influência.

Sobre o uso de livros nos estudos anatômicos, Jonathas Abbott ressalta para os estudantes a relevância dos livros como meio de acesso aos conhecimentos já consolidados na área e como ferramenta na preparação para exames e provas, mas destaca a importância de se analisar os conteúdos com cuidado, propondo uma leitura crítica da bibliografia e seu uso aliado às observações práticas:

Tudo quanto lerdos, e virdes em livros acerca da Anatomia, aceitai com reserva, e restricção, aguardando-vos para occasião oportuna; e então, deixando de parte as authorities, por mais respeitaveis que sejam, procurai deslembrar-vos do que ellas asseverarão, e guiai-vos tam somente pelo que o cadaver diz, e amostra; e como o que elle patentêa, não soffre replica, nem contestação, dai-vos por satisfeitos, convencidos, e descansados [...] Sabei embora de memoria tudo quanto, está escripto acerca da Anatomia: estai ao facto das melhores idéas propaladas, e em voga sobre estas e aquellas disposições anatomicas: podei sustentar em sabbatinas, ou exame, as mais difficultosas, e emaranhadas discripções, e passagens da sciencia; mas estai fiados tam somente no que proclama, e assevera à inspecção cadaverica: o cadaver, e só o mudo cadaver, falla verdade [...] (Abbott, 1848, p. 18).

Quantos livros são repetições de outros livros, cujos authores, ou antes copiadores, jamais consultarão a fonte limpa, donde cumpria haverem bebido as ideas primitivas para as suas asserções! Cuidado portanto, e reserva na vossa leitura, mormente sobre objectos susceptiveis de demonstração: pois que seria humilhante defender obstinadamente como veridico aquillo, que outro talvez- menos bem aquinhado de talentos intellectuaes, demonstra só ter existido na imaginação de quem o escreveo. (Abbott, 1848, p. 20).

[...] livros dirigem, e facilitam: mas o cadaver he director mais exacto, mais fiel, e mais satisfactorio (Abbott, 1848, p. 22).

### 5.3.4 Cenário das práticas

O primeiro local onde ocorreram as atividades do ensino médico na Bahia foi o Hospital Real Militar onde passou a funcionar a Escola estabelecida em 1808. Nas *Instruções* ao lente de Cirurgia, Joze Correa Picanço indica que as aulas práticas deveriam acontecer numa das enfermarias do Hospital, que seria reservada duas vezes por semana para este fim. No texto, Picanço observa a necessidade de se ter uma boa organização com relação ao uso do espaço,

para que não houvesse atritos entre os dois professores durante as atividades. Desta observação podemos inferir que as aulas práticas de anatomia também estavam indicadas para ocorrer no mesmo local. No que se refere às lições teóricas, Antônio Carlos Nogueira Britto, em suas pesquisas sobre o período inicial da Escola de Cirurgia, localizou no Arquivo Público do Estado da Bahia, um ofício<sup>84</sup> enviado ao governador da província pelo diretor do Hospital Real Militar, informando acerca do espaço reservado para aulas da Escola:

‘Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor  
Obedecendo ao respeitável despacho, pelo qual Vossa Excelentíssima é servido mandar lhe informe sobre o lugar que mais própria e comodamente pode ser destinado para o estabelecimento da Aula de Cirurgia, e de Anatomia, respondo a Vossa Excelentíssima que o salão que fica por cima da botica, contiguo ao meu quarto onde a muito se acha desocupado, e é muito próprio para o tal ministério, porque te bancos tem para os praticantes e não fazendo necessária mais que a Cadeira para os Professores, e uma fechadura para a porta da dita sala. É o que posso informar a Vossa Excelência.  
Hospital Real Militar 12 de Março de 1808’

No verso do documento manuscrito estava exarado:

‘Do Sargento-mor Inspector do Hospital Militar sobre a sala pedida para o exercício de Anatomia por José Soares de Castro e Manoel José Estrela.  
Deferida em 16 deste’ (Britto, 2002, p. 61).

Com a Carta Régia de 1815, a determinação era de que o Colégio Médico-Cirúrgico fosse instalado nas dependências da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, “[...] por concorrerem ahi para as experiencias e operações enfermos e cadaveres de ambos os sexos [...]”, estabelecendo então o Hospital dessa Instituição como espaço das aulas práticas (Brasil, 1815). Em se tratando de ordens régias, a Congregação do Colégio não se furtava em exigir da Santa Casa, seja de forma direta, seja por meio do governador da província, o cumprimento de atividades que julgava necessárias para o bom andamento das atividades de ensino. Logo no primeiro ano de funcionamento, 1816, a turma de alunos solicitou ao Colégio dispensa de acompanhar os curativos às 7h da manhã porque, nesse horário, segundo eles, não se encontrava cirurgiões nas enfermarias do Hospital. O Colégio, negando a dispensa, solicita ao governador que ordene aos cirurgiões da Santa Casa estarem presentes no horário determinado para que os estudantes pudessem cumprir o que previa os estatutos no tange ao acompanhamento aos curativos dos doentes. Outrossim, em 1819, o Colégio solicita ao governador da província que ordenasse à direção da Santa Casa de Misericórdia que providenciasse o que fosse necessário para haver exercício prático de medicina, o que não estava ocorrendo. Em 1829, ao prestar informações ao presidente da província, a pedido da Secretaria dos Negócios do Império, a

---

<sup>84</sup>Por conter muitas abreviaturas que poderiam comprometer o entendimento do texto, fizemos a transcrição do ofício para o português atual.

Congregação relata as condições precárias de funcionamento do Colégio na Santa Casa, estando instalado em três pequenas salas, das quais uma era inutilizada como passagem para outros setores. No mesmo relatório, indica que o Colégio “tinha por anfiteatro de disseções e operações, um pequeno quarto escuro compreendido na enfermaria mais baixa do mesmo Hospital” (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855).

Em 1833, a Faculdade solicita do governo da província verbas para realizar melhorias necessárias no anfiteatro anatômico, o que efetivamente ocorreu no final daquele ano. A existência do Anfiteatro Anatômico da FMB como local das aulas práticas de anatomia é referida por diversas fontes nas décadas seguintes, sem, contudo, fornecer mais detalhes sobre como ele veio a ser instituído, se era ainda a sala da Santa Casa de Misericórdia citada no relatório de 1829 ou se era algum outro espaço adaptado posteriormente. Em outros momentos há referência também a uma Sala de Dissecações, que teria sido reformada em 1856 pelo governo da província, a pedido da Diretoria da FMB (Chaves, 1857).

Além do Anfiteatro Anatômico e da Sala de Dissecações, a FMB contava também com um Gabinete Anatômico, isso bem antes de a legislação que regia as faculdades de medicina mencionar a necessidade de um equipamento de ensino como esse nas instituições brasileiras, o que só veio a ocorrer em 1854. Os regulamentos publicados posteriormente a esta reforma, em 1856, trazem um detalhamento quase minucioso de como o gabinete de anatomia deveria ser montado, regras de funcionamento e uso, além da indicação de pessoal específico para atuar na organização e manutenção do espaço (conservadores) (Brasil, 1856). O gabinete de anatomia ideal chegou com algum atraso, quando o Gabinete Anatômico da FMB, nascido a partir das necessidades do ensino prático, já era realidade há alguns anos.

Criado por iniciativa de Jonathas Abbott, o Gabinete começou a ser montado depois que o professor retornou da viagem de estudos à Europa, em 1832, quando passou a reunir um acervo de anatomia comparada. O Imperador Pedro II, no diário de sua viagem à Bahia em 1859, comenta sobre as peças existentes no Gabinete:

O [Gabinete] anatômico, todo preparado pelo Abbott e discípulos, é digno de ver-se. Há esqueletos de variados animais e até de um camelo, que morreu aqui, e de anta, sobressaindo pelo bem preparado, uma árvore de esqueletos de beija-flores. O esqueleto de tucano parece mostrar que a cabeça e bico reunidos pesam mais que o resto do corpo. Há um crânio do vigário da Conceição da Praia, Manuel Dendebus, que prestou serviços [à Independência], o qual é notável pelo intervalo entre duas falhas dos ossos crânicos, causando duas notáveis protuberâncias supraorbitais, que o doutor Abbott atribuiu a ter ele morrido envenenado. O queixo inferior adianta-se tanto, que o doutor Abbott disse que o cônego Dendebus nunca lhe pudera morder o dedo com os incisivos (Pedro II, 2003, p. 88-89).

Boa parte das peças existentes no acervo do Gabinete era produto direto das aulas práticas na cátedra de *Anatomia Descritiva*. João Antunes de Azevedo de Chaves, memorialista de 1856, indica que ao final daquele ano letivo o acervo do Gabinete foi acrescido de quatorze peças de anatomia humana e comparada, apresentadas pelos estudantes do terceiro ano do curso médico, destacando ainda o recebimento de quinze itens de história natural doados por Francisco de Assis de Azevedo Guimarães, aluno do quarto ano (Chaves, 1857). Outro memorialista, José de Goes Sequeira, traz uma fala do próprio Jonathas Abbott sobre a forma como ele conseguiu enriquecer o acervo do Gabinete ao longo dos anos:

Desde que principiei [...] a leccionar a Anatomia, entrei a inculcar aos alumnos a utilidade da practica; e exigia d'elles no fim de cada ano alguma amostra de seu zelo, e habilidade, que sendo boa e digna de conservar-se, iria marcada com o nome do Preparador, formar um núcleo de um futuro Gabinete [...] (Sequeira, 1859, p. 18).

Antônio Mariano do Bonfim, memorialista de 1860, comentando sobre o Gabinete, sugere que para suprir melhor as necessidades do ensino, as coleções do Gabinete fossem incrementadas com peças de anatomia artificial, especialmente aquelas confeccionadas em cera, por apresentarem riqueza de detalhes e parecerem muito similar às peças naturais.

### 5.3.5 Avaliação

A avaliação, como parte da instância normativa do processo de ensino-aprendizagem, tinha seus ritos estabelecidos pelo governo que, através de leis, definia, numa perspectiva mais macro, a forma como esta deveria ocorrer. Entretanto, considerando que se tratava de legislações mais gerais e que regulamentos nem sempre foram publicados, a organização local necessária para fazer processo avaliativo acontecer era assumida pela FMB que, por meio da Congregação de professores, decidia especificamente o conteúdo da avaliação e, por vezes, suas regras e formato. De modo geral, a avaliação ocorria ao final de cada ano letivo, após o término das aulas, quando a Congregação nomeava uma comissão de professores para aplicar os exames práticos e teóricos referentes às matérias cursadas e avaliar os alunos. O resultado dessas avaliações, aprovação ou reprovação, determinava o andamento do estudante no curso.

Nos tempos da Escola de Cirurgia, estava previsto nas *Instruções* que a avaliação dos estudantes seria realizada perante a Fisicatura-mor, uma vez que, terminados os quatro anos do curso, os professores passassem as “certidões competentes” atestando que os discípulos estavam aptos para fazer os exames. Segundo Pimenta (2019, p. 93), “os exames eram feitos por dois examinadores, além do juiz (o físico ou cirurgião-mor na Corte, ou um delegado, que

os representava em outras localidades) [...]”. Entretanto, apesar desses exames, de alguma forma, aferir conhecimentos do pretendente a cirurgião, seu objetivo era conceder licença aos praticantes para atuarem no país, e não averiguar o aprendizado dos alunos para que estes pudessem avançar progressivamente no curso.

De 1816 em diante, a avaliação passou a ser anual, ou ao menos assim ficou entendido pelos professores a partir da leitura do artigo 15 da Carta Régia de 1815: “aquelles porem que, tendo sido aprovados plenamente em todos os annos, quizerem de novo frequentar o 4º e 5º anno, fazendo os exames com distincção, se lhes dará a nova graduação de Formados em Cirurgia”. A Carta previa também que os exames fossem públicos e que a partir do segundo ano do curso houvesse sabatinas e dissertação em português todos os meses (artigo 12). Contudo, não foram publicados outros regulamentos sobre como a avaliação e os demais ritos acadêmicos deveriam ocorrer, fazendo com que o Colégio Médico-Cirúrgico decidisse por seguir os estatutos da Universidade de Coimbra. Desde então, ao final do ano letivo, a Congregação passou a nomear uma comissão de professores para organizar a realização dos exames, definir os pontos ou temas, acompanhar e avaliar as apresentações dos estudantes. Nesse período, a Congregação fixou que os exames seriam realizados por grupo ou turma. Os pontos, que deveriam abarcar assuntos de todas as cadeiras cursadas durante o ano, eram ofertados aos alunos por sorteio e, uma vez sorteado, haveria arguição como avaliação teórica e uma prova prática.

Ao final daquele ano de 1816, as *Atas da Congregação* registram as deliberações para a realização dos exames de anatomia, que seriam “[...] feitos em turmas de quatro, quatro, três nos [dias] 7, 9, 11 e 13 pelas 10 horas do dia na sala dos exames e atas [...]”, sendo acordado ainda que “cada um dos candidatos dos exames desse ano apresentasse um esqueleto organizado por ele mesmo, como parte de seu exame pratico de anatomia [...]” (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1855). O livro de *Termos dos Exames e Atos dos Estudantes do Colégio Médico-Cirúrgico*<sup>85</sup> assinala as avaliações de anatomia realizadas neste período, das quais destacamos dois registros, de 1816 e de 1820:

Aos treze dias do mez de Dezembro de mil oito centos, e deseseis comparecerão na Sala dos Exames os Estudantes Manuel Antonio Pires, Jonathas Abbot, e Francisco do Rêgo Barros para serem examinados no ponto, que de vespera haviam tirado em turma: e depois de serem perguntados pelos Lentes Examinadores Antonio Ferreira França, José Avellino Barboza, e Manuel José Estrella debaixo da Presidencia do Lente José Alvares do Amaral, forão por elles em votos secretos Approvados N. D. Em fê do que, como Secretario, que igualmente sou do Real Collegio, fiz este Assento, que assigno em ambas as qualidades com os outros Lentes acima declarados. Bahia treze de Dezembro 1816. Fizerão, e forão Approvados todos no Exame de Anatomia pratica no dia quatorze do mesmo mez, e anno; ficando obrigados á organizarem e

<sup>85</sup>As transcrições foram realizadas pelo Prof. Antonio Carlos Nogueira Britto.

aprezentarem no fim do anno próximo vindouro hum esqueleto cada hum. Os dous primeiros appresentarão seus esqueletos no dia 2 de Dezembro 1817.

Antonio Ferreira França  
M.el Jozé Estrella  
Dr. José Avellino Barboza  
José Alvares do Amaral

Aos vinte e dous dias do mez de Novembro de mil oitocentos e vinte compareceo o Estudante do Segundo anno João Jacinto de Alencastre para fazer o exame de Anatomia pratica, e depois de ser feito a disseccção da parte, que por sorte lhe havia tocado, na prezença dos lentes o Dr. Jozé Avelino Barboza, e Jozé Alvares do Amaral debaixo da Prezidencia do Lente Jozé Soares de Castro, recolhidos os votos foi Approvado Nemine Discrepante: e eu que igualmente sou Secretario fiz este termo, que assigno em ambas as qualidades. B.<sup>a</sup> 22 de Novembro 1820.

Dr. Jozé Avellino Barboza  
Jozé Alvares do Amaral (Faculdade de Medicina da Bahia, 1816-1847).

Infelizmente os registros não detalham o tema sobre o qual versavam os exames e podemos apreender apenas dados sobre a forma como eram realizados (arguição teórica e prova prática). Chama a atenção o fato de, em 1816, ser facultado aos estudantes apresentar no ano seguinte o esqueleto a que estavam obrigados a organizar, o que, é provável, se devesse a necessidade de tempo para obtê-lo. Outra informação indicada nos registros é que, a partir de 1820, a dissecação passou a fazer parte dos exames práticos.

A lei de 1832 estabeleceu que os exames continuariam sendo públicos, anuais e versando sobre todas as matérias do ano letivo, a partir de pontos definidos por sorteio. A diferença agora é que poderiam ser realizados no decorrer do ano letivo seguinte, de forma concomitante às aulas, mas com a ressalva de que se não fossem aprovados, os estudantes não poderiam progredir no curso. Outra novidade nesta reforma, é que o processo avaliativo passou a incluir a defesa de tese como requisito para a conclusão do curso (Brasil, 1832). Em 1833, já sob a égide da nova reforma, a Congregação decidiu que os exames seriam individuais, com cada estudante tirando o seu respectivo ponto, extinguindo assim os exames por grupo ou turma.

Na reforma Bom Retiro, ficou determinado, com relação ao processo avaliativo, que os exames seriam vagos ou por pontos, que os alunos matriculados numa faculdade não poderiam realizar na outra os exames das matérias que cursou e que a reprovação no mesmo ano por duas vezes, impedia o estudante de ser admitido em qualquer das duas faculdades. Foi determinada também a realização de sabinas no âmbito das cátedras, que deveriam ocorrer uma ou duas vezes por mês, com base em algum ponto predeterminado pelo lente sobre os conteúdos das aulas. Os estudantes deveriam participar de forma ativa dessas avaliações, obedecendo a dinâmica proposta pelo professor, sob o risco de serem penalizados com quatro faltas e levar uma “nota especial” negativa para os exames no final do ano (Brasil, 1854). Jonathas Abbott

relata, já neste ano, ter realizado sabatinas na cátedra de *Anatomia Descritiva* sobre os órgãos do sentido a pedido dos estudantes, tendo estes se portado de forma diligente (Abbott, 1854).

Ainda sobre o processo avaliativo, os regulamentos publicados após a reforma de 1854 estabeleceram que o exame teórico de *Anatomia Descritiva* no primeiro ano seria por ponto, exceto na parte referente à osteologia, o qual seria vago. Já no segundo ano, o exame teórico de *Anatomia Descritiva* seria vago e, para o exame prático, os alunos deveriam, diante do professor que atuava como preparador, preparar uma peça anatômica definida por ponto sorteado três horas antes. Para os exames vagos, os pontos a serem sorteados entre os estudantes, minimamente vinte, deveriam ser definidos pelos professores de cada uma das cátedras e apresentados à Congregação para aprovação (Brasil, 1856).

Os exames vagos instituídos com a reforma de 1854 não agradou a todos. O estudante Cid Emiliano de Olinda Cardoso, em texto publicado na imprensa especificamente sobre o tema, tece duros comentários ao formato estabelecido para os exames anuais:

O gênio do nosso governo, cegamente imitador do que vai pelos paizes da Europa, entendeo que a exemplo da Academia de Pariz e de outras, vagos deviam ser também os exames nas Academias do Brasil [...]. Theorias quo são confiadas somente á memória, e que por isso se perdem com a facilidade com que são adquiridas; ainda quando somente ellas nos occupassem, não nos poriam de certo em estado de respondermos a um exame sem prévio estudo de um ponto particular [...] Ainda quando taes impossibilidades não se dessem, ainda mesmo que superadas fossem as maiores difficuldades, parece-nos que deveria ser uma razão suficiente para se nos não exigir um exame vago a excessiva accumulção de cinco e mais aulas, que sobre nós pezam, e para cujo bom desempenho bem se vê que escasso deve ser o tempo (Cardoso, 1854, p. 249-250).

As críticas de Cid Emiliano se referem, sobretudo, ao acúmulo de conteúdos ao qual os estudantes de medicina estavam submetidos à época e como isso se adensava, ainda mais, no período dos exames que, por força da lei, deveriam abarcar assuntos de todas as matérias de um determinado ano letivo. Aliado a isso, estava o fantasma da repetência, pois caso o estudante fosse reprovado nos exames de uma das matérias, ainda que aprovado nas demais, ele estava obrigado a repetir o ano letivo inteiro, e essa reprovação só era tolerada no mesmo ano por uma única vez, sendo que a partir da segunda, o estudante era desligado do curso.

Antonio Mariano do Bonfim, memorialista de 1860, também aborda o processo avaliativo na FMB, contudo suas críticas recaem sobre o corpo docente ao observar que, naquele ano, assim como em outros anteriores, não ocorreu uma única reprovação entre os estudantes examinados, questionando se o fato era devido ao aproveitamento satisfatório de todos eles ou à excessiva indulgência dos professores. Ainda na mesma temática, comenta que houve o tempo em que, pela necessidade de profissionais médicos no país, sobretudo para atuar no interior, era compreensível que se exigisse menos matérias preparatórias e se facilitassem os

exames nas faculdades de medicina, para que mais médicos se formassem, ainda que "pouco profundos". Contudo, argumenta que, em 1860, essa necessidade já estaria sanada e que a indulgência dos professores na avaliação dos estudantes seria um anacronismo, sendo hora de as faculdades formarem "[...] homens mais instruídos nos conhecimentos médicos, para que se eleve a Sciencia ao grau de esplendor, que entre nós não pôde ainda atingir [...]" (Bonfim, 1861, p. 9).

#### 5.4 FINALIDADE DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ANATOMIA NO CURSO MÉDICO DA FMB

O que se pretendia com o ensino de anatomia no curso médico instalado na Bahia? Que profissionais se almejava formar? Na busca de respostas a essas questões, buscamos nas fontes que selecionamos para esta pesquisa qual seria a finalidade do processo de ensino-aprendizagem de anatomia nos diferentes momentos históricos do ensino médico (Escola de Cirurgia, Colégio Médico-Cirúrgico e Faculdade de Medicina da Bahia) e percebemos que os dados apresentados sobre o tema na legislação e nos documentos institucionais são esparsos, dos quais se pode apenas depreender o objetivo geral do curso em formar cirurgiões, depois médicos. Considerando que, neste período, o ensino propriamente dito (conteúdos, metodologia) estava sob a responsabilidade dos professores, direcionamos o nosso olhar para os textos desses agentes. Em se tratando da cátedra de *Anatomia Descritiva*, os discursos de Jonathas Abbott se tornaram norteadores, haja vista que dos textos produzidos por José Soares de Castro, primeiro professor de anatomia e antecessor de Abbott, tivemos acesso apenas ao primeiro volume, o qual não aborda a questão da finalidade do ensino. A partir dos discursos de Abbott, podemos apreender um pouco da visão do professor sobre o ensino de anatomia e sua importância no contexto do curso de medicina.

##### 5.4.1 “A Anatomia é o *sine qua non* da Medicina toda”

A anatomia como base para os estudos médicos de forma mais ampla é tema recorrente nos discursos de abertura e encerramento das aulas pronunciados Jonathas Abbott ao longo do período em que esteve como catedrático de *Anatomia Descritiva*:

Em nenhuma vocação [...] he a Anatomia tão necessaria como na Medicina: ella he a base do edificio todo: em summa ella pôde existir independente da Medicina; mas a Medicina não pôde existir sem ella, [e] estejamos sempre por uma vez convencidos de uma verdade incontestavel; isto he, que a Anatomia he o *sine qua non* da Medicina toda (Abbott, 1836, p. 7-12).

Na perspectiva de Jonathas Abbott, uma das finalidades do ensino de anatomia seria preparar os estudantes de medicina para um aprendizado interdisciplinar no curso médico. Para tanto, o professor discute a importância dos conhecimentos anatômicos e suas interrelações com as demais cátedras, destrinchando, literalmente, sua visão sobre como conhecer anatomia é determinante para o entendimento do que estava sendo ensinado no currículo da FMB como um todo<sup>86</sup>.

Na cátedra *Botânica e Zoologia*, atenta para o fato de que, assim como os seres humanos, plantas e animais são compostos por órgãos e demais estruturas, destacando a analogia entre o método classificatório aplicado nessas áreas e na anatomia. Na *Physica Medica* ressalta a visão do corpo humano como máquina e a possibilidade de identificação de fenômenos como a mecânica, ligada à osteologia e à artrologia, e a eletricidade e o galvanismo, relacionados com o sistema nervoso. Em *Chymica Medica* comenta que “a intelligencia mais fraca alcança que se as applicações de uma sciencia qualquer se referem a um animal em particular, a organização desse animal deve ser preliminarmente estudada, para se poder tirar a desejada vantagem do estudo de taes applicações” (Abbott, 1844, p. 18). Comentários similares tece sobre *Pharmacia, Materia Medica e Therapeutica*, apontando a necessidade de se conhecer a estrutura do corpo humano para entender e avaliar os efeitos das drogas sobre o organismo. Com relação à *Pathologia* (interna e externa) e às *Clinicas* (interna e externa), argumenta que não há como realizar diagnóstico de doenças sem conhecer o estado normal do corpo humano e seus órgãos, conhecimentos bebidos na anatomia. Na *Medicina Operatoria* salienta que “os amestrados em Anatomia não só comprehendem com facilidade os diversos methodos operatorios recomendados [...] mas, seos espiritos abastecidos de dados preciosos, suggerem methodos novos, que a sciencia equivoca hesita em aprovar” (Abbott, 1844, p. 23). Em sua análise, Jonathas Abbott dá especial destaque à *Physiologia*:

Passando á *Physiologia*, em que muitos de entre vós ides entrar, parece-me por demais o querer eu mostrar as intimas relações, que a prendem á Anatomia: como sciencias, ellas são irmãs gêmeas, uma viva, e outra morta: esta representa a estatica, a outra a *dynamica* do mesmo sujeito: uma contempla o homem como um montão inerte, a outra estuda o movimento desta massa, animada: uma se encarrega de fornecer todo o pessoal para uma representação, a outra a representação mesma, designando o que cada actor tem de fazer, e o como: uma, em *summa*, examina as diferentes peças de um mecanismo, as substancias, de que cada uma se compoem, como estão collocadas, como procedem, e como terminam; a outra, tomando em devida consideração todos esses dados, reconhece a tarefa que o Artista determinou a cada uma, e a maneira de a desempenhar; n'uma palavra, preside a todos os trabalhos dessa immensa officina.

---

<sup>86</sup>No discurso de 1844, ao fazer esse processo de análise das disciplinas, Abbott sugere que os estudantes teriam um melhor aproveitamento no curso se as matérias dos primeiros três anos fossem distribuídas na seguinte ordem: 1º ano: *Anatomia e Botânica*; 2º ano: *Anatomia e Chymica Medica*; 3º ano: *Physiologia e Physica Medica*.

A Anatomia he o corpo só, a Physiologia he o corpo com vida. À Anatomia he a Physiologia morta; e a Physiologia he a Anatomia viva. São dois estudos inseparaveis; e se violentamente separados, ficam tendo pouco valor, e utilidade; mas do harmonioso concurso de ambos nasce o mais interessante, e o mais sublime dos conhecimentos humanos = Nosce te ipsum = (Abbott, 1855, p. 19-20).

Em suma, Jonathas Abbott defendia que os estudantes de medicina poderiam ter um aprendizado melhor no curso se tivessem uma apropriação satisfatória dos conhecimentos anatômicos:

Quem duvidará por um momento, da utilidade, da indispensabilidade da Anatomia no aprendizado e pratica da Medicina, sendo ella o seu elemento essencial? [...] Quem contestará a importancia da Anatomia ao lembrar-se que com ella, e só com ella se, comprehendem, e se explicão os phenomenos todos desde os mais triviaes até os mais transcendentos de que tratão os outros ramos do Ensino Medico? Com a pericia anatomica facilitareis immensamente os vossos estudos ulteriores; e sem ella haveis de a cada passo tropeçar, e cahir (Abbott, 1857, p. 19).

He por tanto a Anatomia [...] o mais util dos conhecimentos, para se poder comprehender os outros ramos da Sciencia Medica [...], [e] quanto mais approfundardes neste estudo, tanto mais aproveilareis nesses outros ramos; e mais habeis, e desembaraçados vos tornaréis no desempenho dos vossos importantes deveres (Abbott, 1848, p. 7).

#### 5.4.2 “O médico anatomista”

Uma segunda finalidade para o ensino de anatomia que podemos apreender dos textos de Jonathas Abbott seria o propósito em formar profissionais de excelência, o chamado “médico anatomista”, o que, do ponto de vista dele, só seria possível com uma sólida formação em anatomia:

[...] Ninguem duvida, é verdade, de que se pode ser perfeito Anatomista sem ser Medico; mas é impossivel ser perfeito Medico sem ser bom Anatomista [...]. A idéa de que um Medico Anatomista é um Membro necessario à sociedade, e que a sua falta é para ella uma verdadeira perda, por quanto tem elle os meios de diminuir as dores de um doente, prolongar seos dias, e restituil-o á vida, colloca o debil mortal assim dotado acima dos outros, acima de si mesmo [...] (Abbott, 1838, p. 11-16).

Para alcançar esse patamar profissional, Abbott defende que os estudantes de medicina deveriam cultivar os estudos de forma contínua e aplicada, longe de distrações outras que pudessem desviá-los do caminho da boa formação profissional:

Está visto pois que o que tendes a estudar em Anatomia, [deverá fazê-lo por] toda a sequela da vossa instrução medica, afim de serdes algum dia Praticos completos [...], [pois] a vida inteira de um Medico não he mais que uma educação longa, interminavel [...]. He particularmente dos Estudantes de Anatomia que espero que se dinguão de todos os outros nas excelentes qualidades, que ornão os genuinos Alumnos do Divino Hippocrates [...]. Nossos actos, nosso fallar, nosso porte, a nossa vida correspondão com a ardua tarefa, que temos escolhido: levado dessas idéas penso que um Estudante de Medicina não deve ser Representante de Theatrinho, nem Redactor de Jornal, &c. nem dar-se à outro estudo algum, enquanto não findar esse, nem mesmo

dar-se a ocupação, qualquer que seja, alheia, incompatível com os estudos medicos (Abbott, 1844, p. 34-35).

[...] o Anatomista completo: está igualmente habil, para se tornar um grande Operador, um insigue Parteiro, um abalizado Physiologista, um perito Pathologo; e em summa um Lente completo em qualquer Cadeira; sem fallar da sua eximia aptidão para Estatuario, Escultor, Pintor, &c. (Abbott, 1845, p. 14).

No intento de estimular o interesse de sua audiência, Abbott ressalta que o estudante dedicado aos estudos anatômicos e médicos poderia se tornar um profissional diligente e requisitado para quaisquer necessidades na área:

Ora, o Diploma de Dr. em Medicina supõe o individuo nelle mencionado munido de todos os requisitos necessarios para poder providenciar logo a quaesquer imprevistos, um parto de qualquer natureza, um ferimento de intestino, de um vaso importante, uma hernia estraugulada, uma deslocação, ou fractura, um exame de sanidade, ou corpo de delicto, ante Juizes letrados, Collegas, e Mestres. Se os vossos principios anatomicos forem solidos, assevéro que na generalidade dos casos tereis mais gloria que trabalho; se porem fordes anatomicos fracos, suareis sem fructo, dareis publico testemunho de insuficiencia, e os vossos doentes gerarão [...] (Abbott, 1845, p. 29).

Entretanto, Abbott chama a atenção dos que não cultivavam os estudos de anatomia e medicina, ou o fazia de forma superficial e relapsa, gerando perda de tempo e prejuízos à formação. Nesse sentido, o professor conclama estes alunos a ponderar sobre se, de fato, teriam vocação para a profissão médica:

[...] He melhor não ser Medico, do que ser Medico fraco, e mediocre: se não vos achaes com animo, e disposição para serdes um dia Operadores peritos, habeis, e dextros, eu vos peço que não tenhaes a deshumanidade de vos inculcardes taes aos homens: deixai, abandonai esta espinhosa vereda: tomaí outra, vêde que nesta os desvios, os passos errados, e os tropeços, pode ser que sejam outros tantos homicidios, ou vidas, que se compromettem. (Abbott, 1844, p. 38).

Nessa temática da vocação profissional, Abbott busca trazer para os estudantes reflexões sobre ética médica, erro médico e responsabilidade profissional, destacando que, em todas as áreas, os equívocos daqueles que iniciavam na profissão seriam remediáveis, tendo em vista que não causariam, necessariamente, a morte de ninguém. Por outro lado, o médico com uma formação deficiente em anatomia, e que se arvorasse a atuar na profissão, colocaria em risco a vida de seus pacientes:

A medicina operatoria sem o socorro da Anatomia não he mais cirurgia, he carniceria. He a Anatomia tão necessaria á quem se dedica a curar os Homens, que o Medico, o Operador, que a não souber, he um flagello da sociedade, um assassino [...]. Qual será o comportamento de um Operador incompetente, chamado para fazer, uma operação qualquer? Se for humano e sensível deverá recusar fazel-a: não devera arriscar a vida de um doente, que de boa fé se entrega nas suas mãos [...]. Se porém, alem da insciencia, tiver temeridade [de operar], [...] aonde [...] iria esconder-se o homicida com Diploma, que escapasse das ferroadas da sua consciencia? (Abbott, 1836, p. 9-11).

Mas lembrai-vos de que os ensaios sobre o cadaver só servem para exemplificar, acostumar; mas que são mui differentes dos quadros vivos, em que ao depois tereis de figurar como actores principaes: quadros, em que o nosso saber em Anatomia, Operações, e Medicina, nossos talentos, a gravidade do mal, as confianças, e as expectativas de uns, e medos, as invejas de outros, tem todos de entrar em uma concha da balança; e na outra a vida do doente, e o conceito do Operador: a consideração he momentosa: poucos pensão, quando mais o devem, nessa espada de Damocles: considerai, nella vós com tempo, para que ao depois ella vos não amedronte (Abbott, 1848, p. 12).

A propósito do que intentamos abordar neste tópico, isto é, a finalidade do ensino de anatomia na FMB, Jonathas Abbott, em discurso recitado em 1855 na abertura de sua aula, retoricamente traz a questão: “qual o fim do estudo da Anatomia?” O mesmo professor, de forma poética, responde:

[...] possuir conhecimentos positivos da estrutura, e organização do ente mais culminante dos que habitam este globo, desse que domina, e avassala todas as mais creaturas, e que tanto excede a todos, quanto o pensamento excede ao instincto. O fim do nosso estudo he examinar as molas, e rodagens deste mecanismo, pelas quaes elle anda, pensa, e falla; lembra o passado, ajuiza o presente, e prevê o futuro: lê nas entranhas da terra o numero de seculos, que ella tem existido, e quantas as revoluções, porque ella tem passado: que descortina na abobada celeste phenomenos, que hão de se realisar, mas só seculos depois da morte de quem os annunciára [...] (Abbott, 1855, p. 10-11).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa nos propusemos a investigar o ensino de anatomia descritiva na Faculdade de Medicina da Bahia do século XIX, um tema ainda pouco abordado sob a perspectiva que estabelecemos a partir do referencial teórico delineado por Juan Cesar García, focando, essencialmente na análise dos agentes de ensino, ou seja, nos docentes e estudantes do curso e nas finalidades, estrutura e processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina.

Para tanto, fizemos uso de fontes produzidas entre 1808 e 1861, em âmbito institucional (FMB e governo) e individual (professores e alunos), materiais muito relevantes do ponto de vista histórico e essenciais para a compreensão das atividades ligadas ao ensino médico em seus primeiros sessenta anos de funcionamento na Bahia. As fontes possibilitaram uma maior compreensão do fluxo das atividades acadêmicas na FMB e, ao mesmo tempo, o cruzamento de dados viabilizou a percepção de diferentes olhares sobre o mesmo fato ocorrido num determinado período.

Da análise dos resultados obtidos pode-se perceber que o ensino de anatomia na Bahia nas suas duas primeiras fases (Escola de Cirurgia e Colégio Médico-Cirúrgico), ainda que organizado e ministrado em português, em termos do plano do curso e atividades realizadas pelos professores, já era, de certa forma, francês em seu conteúdo, haja vista as obras e autores utilizados como referenciais no ensino ministrado por José Soares de Castro, primeiro professor da cadeira. Na terceira fase, que tem como marco a reforma de 1832, inspirada nas concepções de ensino da Faculdade de Medicina da Paris, o ensino de anatomia passou a ser essencialmente de orientação francesa, sobretudo em seu conteúdo e metodologia.

Destaque especial foi dado à análise da regência de Jonathas Abbott na cátedra, iniciada em 1829, mas consolidada após sua viagem de especialização à Europa (1830-1832), quando trouxe para o ensino de anatomia na FMB a concepção de que a medicina, enquanto ciência de conservação da saúde e da vida, não poderia identificar sintomas de doenças, tampouco tratar o doente, sem conhecer o estado normal do corpo humano. Na perspectiva do professor, os conhecimentos anatômicos eram a base para o estudo e o aprendizado em todas as matérias do curso médico, daí as concepções da anatomia como “condição *sine qua non* da medicina” e, portanto, a defesa da formação do “médico anatomista”.

Em suma, o estudo do ensino de anatomia descritiva, presente na Faculdade de Medicina da Bahia desde o seu início, propiciou uma amostra relevante do fluxo de atividades acadêmicas na Instituição, suas dinâmicas institucionais e interrelações pessoais entre sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento de ensino nesse período histórico. Como um trabalho que inventariou dados primeiros, levando em conta a abordagem teórica proposta, entendemos

que os resultados obtidos podem nortear outras investigações no intuito de compreender, por exemplo, em que medida as concepções do ensino de anatomia pregadas por Jonathas Abbott durante mais de trinta anos na FMB se relacionaram, na prática, com o ensino ministrado nas outras matérias do curso médico, ou ainda, se o ensino de anatomia descritiva adquiriu outras nuances, ou não, após aposentadoria do mestre, tendo em vista a permanência de seus discípulos à frente da cátedra, mas também o desenvolvimento do conhecimento médico no período.

Dessa forma, este trabalho, como parte da linha de pesquisa *Políticas Públicas, Cultura, Gestão e Bases Históricas e Conceituais da Universidade*, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU), buscou contribuir com os estudos sobre os primórdios do ensino superior na Bahia, considerando a Faculdade de Medicina da Bahia não apenas como espaço de ensino de ciências da saúde, mas como um dos embriões da Universidade Federal da Bahia, responsável por implementar e consolidar práticas institucionais, acadêmicas e culturais desde o século XIX, mas que, até os dias atuais, trazem reflexos na vida universitária da UFBA.

## REFERÊNCIAS

ABBOTT, Jonathas. Discurso. *O Prisma*, Salvador, n. 5, p. 241-242, jul. 1854. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=815799&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 6 maio 2021.

ABBOTT, Jonathas. *Discurso de abertura do curso de Anatomia Geral e Descritiva recitado no Amphitheatro Anatomico da Faculdade de Medicina da Bahia*. [Salvador]: Typographia de E. Pedroza, 1855.

ABBOTT, Jonathas. *Discurso de encerramento do curso de anatomia da Faculdade de Medicina da Bahia, no dia 28 de outubro de 1858*. [Salvador]: Typ. e Livraria de Epiphanio Pedroza, 1858.

ABBOTT, Jonathas. *Discurso introductorio ao estudo da Anatomia geral e discriptiva, recitado no Amphitheatro Anatomico da Eschola de Medicina no dia 1º de março de 1845*. [Salvador]: Typographia de Galdino Jose Bizerra e Companhia., 1845.

ABBOTT, Jonathas. *Discurso introductorio ao estudo da Anatomia geral e discriptiva, recitado no Amphitheatro Anatomico da Eschola de Medicina no dia 2 de março de 1848*. [Salvador]: Typographia de Epifanio Pedroza, 1848.

ABBOTT, Jonathas. *Discurso introductorio ao estudo da anatomia geral e descriptiva recitado no Amphitheatro Anatomico da Eschola de Medicina no dia 5 de março*. [Salvador]: Typographia de Epifanio J. Pedroza, 1844.

ABBOTT, Jonathas. *Discurso introductorio ao estudo da anatomia humana recitado no Amphitheatro Anatomico da Eschola de Medicina no dia da abertura da mesma*. [Salvador]: Typographia de Galdino Jose Bizerra e Comp.<sup>a</sup>, 1843.

ABBOTT, Jonathas. *Discurso preliminar sobre a utilidade da anatomia, composto, e recitado no dia 2 de maio do corrente anno*. [Salvador]: Typ. do Correio Mercantil, de M. L. Velloso, 1838.

ABBOTT, Jonathas. *Esboço historico da anatomia, desde o seo berço, até o seculo actual: precedido de um discurso preliminar sobre a utilidade daquella sciencia, recitado n'abertura d'aula, no 1º de março de 1837*. [Salvador]: Typ. de J. P. Franco Lima, 1837.

ABBOTT, Jonathas. *Falla de despedida aos estudantes da Eschola de Medicina desta cidade no dia do encerramento dos trabalhos lectivos*. [Salvador]: Typographia de Epifanio Pedroza, 1849.

ABBOTT, Jonathas. *Falla introductoria ao curso de Anatomia discriptiva, recitada por ocasião da abertura do mesmo no Amphitheatro anatomico da Faculdade de Medicina desta cidade no dia 17 de março de 1857*. Bahia: Typographia de Carlos Poggetti, 1857.

ABBOTT, Jonathas. *Falla introductoria ao estudo de anatomia pelo lente d'ella*. [Salvador]: Typographia do Diario de G. J. Bizerra e Comp., 1836.

ABBOTT, Jonathas.; GALVÃO, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2007.

ABREU, Jean Luiz Neves. Os estudos anatômicos e cirúrgicos na medicina portuguesa do século XVIII. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2007. Disponível em: [https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=92](https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=92). Acesso em: 27 out. 2021.

ALBANO, Ana Lúcia; MOTA, Ritta Maria Morais Correia; SANTOS, Celeste da Silva; SOUZA, Ivanildes Silva de. Uma preciosidade da história da medicina: o Memorial da Medicina Brasileira. In: REIS, Eduardo José Farias Borges dos et al... (org). *História da medicina: contextos e interseções da Faculdade Primaz do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2022. v. 1, p. 587-613.

ALBUQUERQUE, Anselmo Pires de (org.). *Arquivo da Faculdade Medicina da Bahia*. [Salvador]: Livraria Catilina, 1917. v. 2.

ALVES, Antonio José. Memoria historica dos acontecimentos mais notaveis ocorridos no anno de 1857... In: BRASIL. Ministério do Império. *Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa...* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1858. p. 269-293. Disponível em: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/720968/per720968\\_1858\\_00001.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/720968/per720968_1858_00001.pdf). Acesso em: 30 mar. 2021.

AMARAL, Firmino Coelho do. *These sobre o medico na Bahia*. Tese (Inaugural) - Faculdade de Medicina da Bahia. [Salvador]: Typographia Bahiana, 1849.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). *Físico-mor/Fiscatura-Mor do Reino, Estado e Domínios Ultramarinos*. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/15-dicionario/57-dicionario-da-administracao-publica-brasileira-do-periodo-colonial/182-fisico-mor-fiscatura-mor-do-reino-estado-e-dominios-ultramarinos>+++++. Acesso em: 26 out. 2024.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. Conselho Ultramarino. *Officio do Governador D. Fernando José de Portugal para D. Rodrigo de Sousa Coutinho...* 25 fev. 1799. Projeto Resgate - Bahia Eduardo de Castro e Almeida (1613-1807). Caixa 98. Documento 19.189. Disponível em: <https://resgate.bn.gov.br/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. *Gallica*. Paris, 2024a. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>. Acesso em: 27 out. 2024.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. *Notices d'autorité*. Paris, 2024b. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/recherche-autorite.do?pageRech=rat>. Acesso em: 27 out. 2024.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1937.

BONFIM, Antonio Mariano do. *Memoria historica dos acontecimentos mais notaveis ocorridos na Faculdade de Medicina da Bahia durante o anno de 1860...* [Salvador]: Typographia do Diario, 1861. 46 p.

BRASIL. *Carta régia de 29 de dezembro de 1815*. Crêa um curso completo de Cirurgia na Cidade da Bahia, e manda executar nella provisoriamente o plano dado para o curso desta Côrte. Disponível em:

[https://www2.camara.leg.br/legin/fed/carreg\\_sn/anterioresal1824/cartaregia-39555-29-dezembro-1815-569931-publicacaooriginal-93096-pe.html](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/carreg_sn/anterioresal1824/cartaregia-39555-29-dezembro-1815-569931-publicacaooriginal-93096-pe.html). Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. *Collecção das decisões do governo do Império do Brasil*: 1837. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1861.

BRASIL. *Decreto n° 1.387, de 28 de abril de 1854*. Dá novos estatutos ás escolas de medicina. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1387-28-abril-1854-590272-publicacaooriginal-115439-pe.html>. Acesso em: 22 out. 2022.

BRASIL. *Decreto n° 1.764, de 14 de Maio de 1856*. Approva o regulamento complementar dos estatutos das faculdades de medicina, a que se refere o art. 29 do decreto n.º 1.387 de 28 de abril de 1854. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1764-14-maio-1856-571247-norma-pe.html>. Acesso em: 22 out. 2022.

BRASIL. *Lei de 3 de outubro de 1832*. Dá nova organização ás actuaes Academias Medico-cirurgicas das cidades do Rio de Janeiro, e Bahia. Disponível em:

[https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-norma-pl.html](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-norma-pl.html). Acesso em: 10 out. 2022.

BRASIL. Ministério do Império. *Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1833-1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/brasil-ministerio-imperio/720968>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BRITTO, Antônio Carlos Nogueira. *A medicina baiana nas brumas do passado: séculos XIX e XX: aspectos inéditos*. Salvador: Contexto e Arte Editorial, 2002.

CARDOSO, Cid Emiliano de Olinda. Os exames vagos na Faculdade de Medicina. *O Prisma*, Salvador, n. 5, p. 248-250, jul. 1854. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=815799&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 6 maio 2021.

CASTRO, José Soares de. *Elementos de osteologia pratica*. [Salvador]: Na Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, 1812.

CASTRO, Renato Berbert de. *A primeira imprensa da Bahia e suas publicações*: Tipografia de Manuel Antnio da Silva Serva, 1811-1819. Salvador: Imprensa Oficial, 1969.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.

CHAVES, João Antunes de Azevedo. *Memoria historica dos acontecimentos notaveis do anno de 1856...* [Salvador]: Na Typographia de Carlos Poggetti, 1857.

DANTAS, Almira Maria Vinhaes. *Joze Correa Picanço: o homem e sua ideia*. Salvador: Edição do Autor, 2016.

DANTAS, Manoel Ladislau Aranha. *Memoria historica dos acontecimentos notaveis do anno de 1855, apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia*. [Salvador]: Typographia e Livraria de E. Pedroza, 1856.

DIAS, João. Notas sobre a atitude moderna e o corpo: dissecação, registro visual, demonstração e experimento. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 227-238, jan./mar. 2018.

EDLER, Flávio Coelho. De olho no Brasil: a geografia médica e a viagem de Alphonse Rendu. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8 (suplemento), p. 925-943, 2001.

EDLER, Flávio Coelho; FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A formação médica e o nascimento da anatomoclínica. *Cadernos ABEM*, Brasília, v. 2, jun. 2006.

EDLER, Flávio Coelho. *A medicina no Brasil imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. FIOCRUZ, 2011.

EDLER, Flávio Coelho. *Ensino e profissão médica na corte de Pedro II*. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2014.

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA. *Atas da Congregação*. [Salvador], 1816-1855. Manuscrito.

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA. *Atas dos concursos: defesa de these*. [Salvador], 1862-1874. Manuscrito.

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA. *Termos dos Exames e Atos dos Estudantes do Colégio Médico-Cirúrgico*. [Salvador], 1816-1847. Manuscrito.

FARIA, Antonio Januario de. *Memoria historica dos principaes acontecimentos da Faculdade de Medicina da Bahia durante o anno de 1859...* [Salvador]: Typographia do Diario, 1860.

FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. *História do corpo, v. 2: da Revolução à Grande Guerra*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 13-55.

FERREIRA, Luiz Otávio. João Vicente Torres Homem: descrição da carreira Médica no século XIX. *PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v, 4, n. 1, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73311994000100004>. Acesso em: 27 out. 2021.

GARCÍA, Juan Cesar. *A educação médica na América Latina*. Tradução: Carmen Fontes Teixeira, Liliana Santos, Marcelo Nunes Dourado Rocha. Salvador: EDUFBA, 2022.

GARCÍA, Juan Cesar. *La educación médica en la América Latina*. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud, 1972. (Publicación Científica, 255).

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. *História do corpo, v. 1: da Renascença às luzes*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 19-130.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.  
GORDILHO, Adriano Alves de Lima. *Considerações sobre o systema nervoso ganglionario e suas connexões com o systema nervoso cerebro-espinhal*. [Salvador]: Typographia de Camillo de Lellis Masson & C., 1862.

HUARD, P.; IMBAULT-HUART, M.-J. L'enseignement libre de la médecine à Paris au XIXe siècle. *Revue d'histoire des sciences*, Paris, v. 27, n. 1, p. 45-62, 1974. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/rhs\\_0151-4105\\_1974\\_num\\_27\\_1\\_1046](https://www.persee.fr/doc/rhs_0151-4105_1974_num_27_1_1046). Acesso em: 16 maio 2023.

HUARD, P.; IMBAULT-HUART, M.-J. Petite histoire de l'iconographie anatomique. *Histoire des sciences médicales*, Paris, v. 7, n. 1, p. 29-48, 1973. Disponível em: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/sfhm/hsm/HSMx1973x007x001/HSMx1973x007x001x0029.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

LAÍN ENTRALGO, Pedro. *La anatomía de Vesalio*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2012. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc6t189>. Acesso em: 4 abr. 2021.

LOUKAS, M.; EL-SEDFY, A.; TUBBS, R.S.; WARTMAN, C. Jules Germain Cloquet (1790-1883): drawing master and anatomist. *Am Surg.*, Bethesda, v. 73, n. 11, p. 1169-1172, nov. 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18092657/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MADRESSI, Rafael. Dissecções e anatomia. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. *História do corpo, v. 1: da Renascença às luzes*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 411-440.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2006.

NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Londrina, PR: Eduel, 2003.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Domingos Borges de Barros (1780-1855). *Revista Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 24, p. 342-347, 2007. Disponível em: <https://www.convergencialusiada.com.br/rcl/article/download/584/408>. Acesso em: 5 nov. 2024.

NOGUEIRA, Roberto P. *Do físico ao médico moderno: a formação social da prática médica*. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia: concernente ao ano de 1942*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.

PEDRO II. *Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe e Alagoas - 1859*. Rio de Janeiro: Bom Texto: Letras & Expressões, 2003.

PEREIRA, Antonio Pacífico. *Memoria sobre a medicina na Bahia: elaborada para o centenario da independencia da Bahia: 1823-1923*. [Salvador]: Imprensa Official do Estado, 1923.

PICANÇO, Joze Correa. Instruções a Manoel José Estrella. In: PEREIRA, Antonio Pacífico. *Memoria sobre a medicina na Bahia: elaborada para o centenario da independencia da Bahia: 1823-1923*. [Salvador]: Imprensa Official do Estado, 1923. p. 4-6.

PIMENTA, Tânia Salgado. Médicos e cirurgiões nas primeiras décadas do século XIX no Brasil. *Almanack*, Guarulhos, n. 22, p. 88-119, ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alm/a/qYtYLMPTth4SgzGSzqWq9Sg/?format=pdf>. Acesso em: 26 out. 2024.

PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. *História do corpo, v. 1: da Renascença às luzes*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 441-486.

RIBEIRO, Marcos Augusto Pessoa. *A Faculdade de Medicina da Bahia na visão de seus memorialistas: (1854-1924)*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

ROCHA, Marcelo Nunes Dourado. Exame crítico de modelos teóricos para análise da formação superior em saúde. In: \_\_\_\_\_. *Educação superior no Brasil: tendências e perspectivas da graduação em saúde no século XXI*. 2014. 143 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014a.

ROCHA, Marcelo Nunes Dourado. Formação superior em saúde no Brasil: revisão da literatura sobre o ensino de graduação (1974-2011). In: ROCHA, Marcelo Nunes Dourado. *Educação superior no Brasil: tendências e perspectivas da graduação em saúde no século XXI*. 2014. 143 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014b.

SANTOS, Malaquias Alvares dos. *Memoria historica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao anno de 1854*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

SEIXAS, Domingos Rodrigues de. *Memoria historica dos acontecimentos notaveis ocorridos na Faculdade de Medicina da Bahia no anno de 1862...* [Salvador]: Typographia Poggetti de Tourinho, Dias e C.<sup>a</sup>, 1863.

SEQUEIRA, José de Goes. *Memoria historica dos acontecimentos notaveis do anno de 1858...* [Salvador]: Typographia de Carlos Poggetti, 1859.

SILVA, Francisco Rodrigues da. *Memoria historica dos acontecimentos mais notaveis ocorridos no anno de 1861...* [Salvador]: Typographia Poggetti, 1862.

SOUSA, Luiz Eduardo; BORGES, Ingrid da Silva. Os modelos anatômicos do Dr. Auzoux, na Universidade Federal de Ouro Preto. *Alemur*, Ouro Preto, MG, v. 5, n. 1, p. 76-82, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/4160>. Acesso em: 23 nov. 2023.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. *No anfiteatro da anatomia: o cadáver e a morte*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. *Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia*. São Paulo: Editora UNESP, 2014. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2s7y9>. Acesso em: 20 out. 2021.

VALLADARES, José Prado. *A galeria Abbott: primeira pinacoteca da Bahia*. Salvador: 1951.

WHONAMEDIT?: a dictionary of medical eponyms. Disponível em: <https://www.whonamedit.com/doctor.cfm/2960.html>. Acesso em: 17 set. 2024.